

Como deter a um homicida
que pode ser qualquer um?



R. López-Herrero

Normal



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Normal

Roberto López-Herrero

Traduzido por Fabio Araujo

“Normal”

Escrito por Roberto López-Herrero

Copyright © 2017 Roberto López-Herrero

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Fabio Araujo

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Sumário

Índice Analítico	
NORMAL	
R. López-Herrero	
Prólogo	
I	
II	
III	
IV	
V	
VI	
VII	
VIII	
IX	
X	
XI	
XII	
XIII	
XIV	
XV	
XVI	
XVII	
Epílogo	

NORMAL

R. López-Herrero

Copyright © 2014 Roberto López-Herrero. Todos os direitos reservados.

Copyright © 2014 Blanca Miosi sobre el prólogo.

Copyright © 2014 sobre el diseño de portada @JandroAguayo de @AguayoLab. Fotografía Entering the city» de Felix Huth bajo licencia Creative Commons 2.0

ISBN-13: 978-1497489745 ISBN-10: 1497489741

Queda prohibida, sin autorización escrita de los titulares del Copyright, bajo las sanciones establecidas en las leyes, la reproducción total y o parcial de esta obra por cualquier medio o procedimiento.

Prólogo

Antes de começar a escrever, dez anos atrás, fui uma leitora voraz de livros policiais. Um gênero que eu admiro quando está bem escrito, um revitalizante mental, fazendo trabalhar nossos neurônios em pé de igualdade com o protagonista e os personagens.

Em «Normal», salpicada de menções às séries americanas conhecidas por todos, a ironia do autor revela o humor com que este livro foi escrito, mas também têm momentos emotivos absolutamente bem descritos, uma mescla cinematográfica da qual algum diretor de cinema poderia tirar enorme proveito.

Um título breve que implica muito: A que chamamos «normal»? A tudo aquilo que passa diante dos nossos olhos e não nos chama a atenção. Ser normal ou insignificante pode ser um bom disfarce. E quem sabe quantas vezes cruzamos com uma pessoa de aparência normal que leva por dentro o estigma de um cérebro orientado a determinadas atitudes. Só é questão de momento e ocasião.

Em «Normal» o autor nos faz partícipes da investigação e é isto que faz deste livro uma história deliciosa. Roberto López-Herrero tem provado ser um escritor de coerência extraordinária, a mostra disso são seus dois livros anteriores: «Antonio mató a Luis en la cocina con un hacha porque le debía dinero» e «Una conspiración mundial secuestró a mi perro para que yo no contara todo lo que sabía». Dois títulos que o fizeram conhecido por seu humor sarcástico e inteligente. Agora nos apresenta mais esta história com estilo policial e com título curto: «Normal». Eu li de uma só vez. Creio que não tem melhor maneira de dizer que um romance é bom.

O personagem principal, que narra em primeira pessoa – e por ele podemos saber até os mais profundos de seus pensamentos — é salpicado com capítulos narrados na terceira pessoa, que nos dá uma perspectiva geral e nos permite ver a história de uma forma abrangente.

Com uma linguagem clara, direta e muito simples, vamos nos inteirando da maneira de pensar de cada personagem, de suas motivações e suas decepções, ao mesmo tempo em que sabemos desde o princípio quem é o assassino. O negócio é conseguir ver como chegam até ele.

E é disso que se trata esta história policial, de não enganar o leitor nem de tirar em última instância um coelho da cartola. É a interatividade entre o leitor e o escritor, esse vínculo ou cumplicidade que desde o início ambos se permitem de forma clara é o que faz um bom romance.

Atrever-me-ia sugerir que o detetive Félix Fortea deveria aparecer novamente em outro romance, é um personagem humano, encantador, de aparência «normal» que, sem dúvida, tem um cérebro decodificador e um coração com alma.

E que a próxima vez que nos depararmos com um indivíduo excessivamente normal, não façamos algo que desate sua fúria. Isso poderia nos custar a vida.

O aceno final no epílogo nos deixa um alerta vermelho muito ao estilo de Roberto López-Herrero.

Blanca Miosi
Caracas, Venezuela

I

Era... Normal. Não sei como defini-lo melhor. Era a sexta vez no dia que me davam a mesma resposta. Impossível! Sete testemunhas haviam visto matar uma mulher em público, em pleno centro de Madri, e a resposta de como era o assassino era a mesma: normal.

– Bem, compreendo que você passou por uma situação muito desagradável – Quer que avisemos um médico? É possível que se encontre em estado de choque... – Disse à testemunha de número 6 que tremia na cadeira. Ela assentiu e secou as lágrimas. Levantei o telefone e pedi um psicólogo, um doutor, qualquer ajuda. Todos estavam ocupados com as outras testemunhas. Frustrante, muito frustrante.

– Vamos esperar que você relaxe um pouco e voltamos a começar. De acordo... Senhora Miru...

– Muresan. É romano. Meus pais eram romanos.

– Não conheço seu país. É bonito?

– Não sei, sou espanhola.

Difícil de tranquilizar e eu não ajudava muito. Manuel entrou na sala e se aproximou para me dizer que as outras testemunhas seguiam iguais.

Não é possível. Sete pessoas, mais outras que nem se atreveram a testemunhar, veem de maneira clara um homem sacar uma arma na rua e disparar na cabeça de uma mulher. Sete pessoas! E nem sequer uma descrição válida.

– Já vai vir alguém para nos ajudar, senhora Muresan, mas... não recorda como estava vestido o homem?

– Sim... Vestia uma gabardine normal...

Outra vez « normal ». Gabardine em novembro e em Madri. Umas 3 milhões, assim, a olho.

– Que altura?

– Então, nem muito alto, nem muito baixo.

Bom, vamos avançar.

– Tinha óculos, barba, cabelo comprido, curto, algo característico?

– Não... Não tinha nada de incomum. Não sei! Era normal. Já falei isso!

Desatou a chorar novamente. Manuel me fez um gesto. Saímos da sala e a deixamos descansar.

– Não entendo nada, Manu... As três testemunhas que eu interroguei me disseram o mesmo que esta mulher: Que era «normal».

– Os meus, o mesmo.... Como raios é um tipo normal?

– Como você, sem dúvida.

Era uma piada, mas o ambiente não comportava. Levávamos mais de três horas dando voltas e sem avançar.

– Eu acredito que eles estão todos em choque, Félix.

– Ou uma espécie de histeria coletiva.

– Isso não existe.

– Agora, vai você me dizer por que eles não lembram nada característico do tipo, nem a roupa, nem o aspecto, nem nada.

– Alguma droga?

– Sim, lavagem cerebral pelos alienígenas. Não enche! Você olha televisão demais, Manu.

– Ao menos nenhum deles solicitou exame de DNA porque viu no CSI...

– Era o que faltava. Escuta, vamos com a juíza Iborra, certo?

– Boa gente, tudo fácil!

– Para você todo mundo é boa gente, Pacheco.

Manuel Pacheco, «Manu» ou «Pache» dependendo do dia, do ambiente, do humor, já tinha na polícia mais de vinte anos. Era da velha guarda. Suponho que poderia ter ido mais longe se gostasse de puxa-

saquismo e de política, mas ele era feliz assim. Orgulhava-se de ter sua pistola em uma gaveta e de nunca ter atirado em ninguém. «Não conheço ninguém que tenha menos aspecto de tira» dizíamos-lhe sempre. Ele ria com aquela cara de Cary Grant moderno. Tinha boa pinta o cara, estando nas voltas dos cinquenta. E sempre estava me enchendo para que me cuidasse, que não pegasse peso. Alardeava, com razão, que havia se formado em psicologia «quando se estudava em preto e branco», caçoava. Por isso nunca tinha atirado em ninguém, dizia.

Troquei de assunto.

–Como estão Ana e as crianças?

–As crianças... o maior já está indo para faculdade, Félix, eles já não são mais crianças, mas por sorte minha, Ana segue sendo Ana. Tudo bem. –E você?

–Tenho um gato novo. Creio que vou por o teu nome.

–Não sacaneia, cara. Olha, você vai acabar sendo a louca dos gatos.

–Mas hétero.

–E estúpido. Já temos «o louco» do chefe e não precisamos de mais retardados aqui.

Sempre me pergunto como seria se você tivesse exercido a psicologia, Manu. Você é grosso feito parafuso de patrola. Imagino você dizendo a um paciente: «Que depressão nada, vai pra festa, seu chorão, você é um chorão».

Rimos. Éramos companheiros desde muito tempo e éramos tão diferentes... Manuel tinha a vida invejada por todos na delegacia de polícia: uma mulher bonita que o adorava, dois filhos saudáveis e adoráveis e era boa pinta. Eu era eu, com a minha vida típica de mega solitário de novela barata. Ao menos tinha meus gatos. Quatro já. Quando Manu dizia que ele era «o velho bonachão que morre para que os outros o vinguem», eu respondia que meu caso sairia em sucessos como «aparece cadáver semi-devorado por gatos».

–Bom, eu não estudei para ficar fuçando a cabeça de nenhum babaca, apenas para meus companheiros.

–Como assim? Compreender-nos? Está me chamando de louco, idiota?

–Homem, Félix, você muito normalzinho não é... Só falta te vestir como Pablete para que fique claro que é uma florzinha.

–Vai, manda mais fatos do Pleistoceno, Manu. Pablo é um grande policial e você sabe disso

–Olha como gosta de defender a irmandade, colega, o que é um comentário... Para mim o que você vai fazer com a sua bunda não importa.

–Por isso virei tira. Para defender as pessoas.

–Muito bonita a palavra «tira», sempre gostei dela a vida toda... – respondeu-me com essa sua ironia que, às vezes, fazia-me esquecer suas burradas. Sempre pensei que atrás desta fachada dura escondia-se um grande tipo sensível, mas nunca disse porque não quis me arriscar a tomar um tapa na nuca.

–Bom, temos um belo quebra-cabeça nas mãos. Tantas testemunhas em plena luz do dia e nada de válido. Estariam drogados como você disse? –Perguntei em voz alta, sabendo que era uma idiotice. Às vezes me escapam as coisas que eu penso.

–Cala a boca! –Se fosse um destes festivais que meus filhos vão, até pode, mas no meio de Madri?

–Não está encaixando nada, Manu. Os guardas que chegaram primeiro me asseguraram que não escapou nenhuma testemunha.

Chegou a psicóloga. Uma moça muito jovem, vestida de preto, com o cabelo preto também e com um piercing no nariz, que parecia estar muito alterada. –O tempo parou para mim. Vi seu sorriso lindo, suas mãos, seus quadris, o modo como mexeu no cabelo. Tudo acontecia como em um videoclipe, mas acontecia na velocidade certa. Minha mente gritou.

–Algo? –Perguntei saindo da minha viagem.

–Um trauma, é óbvio. O estranho é que, mesmo os que não presenciaram diretamente o assassinato, mas viraram ao ouvir o disparo, tampouco se lembram de nenhum detalhe do suspeito.

–Assassino – pontuou Manu – Quando a gente souber quem ele é, começamos a chamá-lo de «suspeito». Até lá é um assassino. Ponto.

A mulher assentiu com um pouco de medo. Manuel intimidava de cima dos seus quase dois metros. Começou a dizer algo, mas ficou calada. Respirou fundo.

–Prosopagnosia. Cegueira facial.

–Perdão? – disse Manu de maneira muito barulhenta assim como se tivessem xingado a sua mãe.

–Esclarece isso... Laura?

–Lara, mas é que me registraram errado no cartório. Assim, é um transtorno pouco conhecido que provoca o não reconhecimento das pessoas que se vê, mesmo que você as conheça. O estranho é que nenhuma das testemunhas tem histórico de prosopagnosia. É o mais parecido que conheço.

–Bom, bom, não vamos fixar-nos em teorias raras. Eu também sei algo de psicologia, mocinha. Isso de prosopagnosia me parece conhecido, mas... Não era um transtorno incurável? – perguntou Manuel.

–Não tem tratamento, existem terapias para facilitar o dia a dia da pessoa, como reconhecer traços de roupas, altura, voz, mas... estou saindo do tema. Não, não tem tratamento como uma aspirina ou algo assim, se é a isso que você se refere. Ademais, é permanente. Quero dizer, se estas sete pessoas sofressem de prosopagnosia, não reconheceriam a nenhum de nós, fora que não levariam uma vida normal. E um deles é professor e outra é jornalista. Não, não é prosopagnosia. Ahh, e eu não sou uma 'mocinha'.

Era determinada e muito graciosa falando. Tinha um certo sotaque. Andaluzia? Não, talvez canária. Parecia discutir consigo mesma e movia muito as mãos. Teria namorado? Era muito atraente a pequena psicóloga, mas também poderia ser minha filha.

–Mas não podemos descartar a possibilidade, já que em situações de estresse traumático a mente prega peças. Mesmo que não seja isso, porque os pacientes com cegueira facial reconhecem seus familiares ou amigos por coisas como óculos, barba, cabelo... E estas pessoas não se lembram de nada importante da aparência do suspe... Assassino.

–Vamos fazer uma coisa – Manuel levava a conversa com ela como sempre acontecia com todas as mulheres que viam ao nosso Gary Cooper – Fale com algum colega ou especialista neste transtorno e vamos ver se nos escapou algo deste lado. De acordo? Ligue-nos, por favor.

Largou todo o seu charme de galã de Hollywood e sorriu. Eu seguia ali, mesmo que Lara nem me visse mais. É típico quando se é careca, gordo e baixinho. Uniu-se a nós o doutor Morales, velho conhecido nosso e um dos melhores forenses que existem, desde que não tenha bebido. Essa manhã tinha, a julgar pelo seu jeito.

–Meninos, nunca vi nada parecido em toda a minha carreira. Tomei dois whiskies, porque isso me parece sinistro. O assassino era invisível ou o quê?

–Não. Eles viram. Só não se lembram de nada que o distinga: uns dizem que a estatura era média, outros que o cabelo era castanho escuro...

–Nunca em minha vida vi uma confusão igual a esta. Tem uma testemunha, que estava com sua filha pequena, que diz que foi o seu falecido irmão – Diz Morales, gaguejando um pouco as palavras – Mas vá lá, talvez seja eu que não ande muito bem hoje...

–Doutor, sem rodeios, que já somos todos grandes aqui. Que tal um café?

–Não vou rejeitar, Manuel.

Manu levou o médico, que já caminhava meio mal, olhou-me e piscou um olho. Sabia como lidar com Morales e não era conveniente que o vissem assim pela delegacia.

–Propag... O que foi mesmo que você disse que era? –Quebrei o gelo.

–Prosopagnosia. Diga «cegueira facial» e assim não se confunde.

Chamava-me de você. Claro. Devo ter no mínimo uns vinte anos a mais. Chegou Pablo com mais dados das testemunhas e a mesma descrição: nada de notável. Olhou Lara, piscou-me um olho e me deu uma cotovelada. Às vezes creio que sou transparente. Retomei a conversação com a psicóloga enquanto Pablito-musculuzinho se afastou.

–Estou interessado nesta questão de possíveis traumas. Um café?

–Não tomo, obrigado... – Claro. Certamente é vegetariana –Mas um chá eu aceito.

Chame-me de você, não é tão mais velho. –Creio que ela percebeu minha vergonha. Sempre detestei estes tipos, passados dos quarenta, que se ligam com juvenzinhas. Parecia o típico rolo de «estou separado, volto ao mercado» e isso me dá um pouco de nojo. Mas olhando meu sucesso com as mulheres da minha idade, todas as disponíveis estão loucas ou o louco insuportável sou eu, tampouco me pareceu má idéia compartilhar um café e aprofundar-se nesta tal cegueira facial da qual falava Lara. Eu a achava muito bonita.

Perto da delegacia havia um café pequeno, muito extravagante, com uma decoração que emulava a típica Paris dos filmes e sempre estava muito vazio, onde pensei que poderíamos avançar sobre a «cegueira visual» e tentar vinculá-la de algum modo ao bloqueio de todas as minhas testemunhas. Até porque, eu tinha tempo enquanto a perícia recolhia cartuchos e estas coisas que eles fazem.

Lara sentou um tanto séria. Era óbvio que não estava confortável com todo esse assunto. Ou era por mim? Decidi começar a conversa por outros cantos enquanto nos serviam as bebidas.

–Quanto tempo tem que nos dá uma mão?

–Quase dois meses, mas não me acostumo a tudo isso dos homicídios. Deixa-me muito nervosa.

–A natureza humana...

–Por isso estudei psicologia. Perdão, mas não sei seu nome e te chamar de «o companheiro de Manuel» me pareceu meio feio. –Sorriu.

Mal começamos.

–Me chamo Félix Fortea. Sou inspetor de polícia. Homicídios. Tenho quarenta e três anos. Vivo só, com quatro gatos e não gosto de futebol. – Estendo a mão para aumentar a teatralidade de uma apresentação formal.

–Hahahaha. Toma. A ficha completa – Ao menos a fiz rir. Não havia perdido meu toque. –Eu me chamo Lara Martell, tenho um cachorro, sou psicóloga, adoro o Barça e no caso da idade, sou uma antiga, e como dizia minha avó «uma dama jamais revela sua idade».

Voltou a sorrir e me deu a mão. Estava muito fria, mas ela apertava com firmeza. Unhas bem cuidadas, vermelho escuro, quase recém feitas.

Não tinha nomeado nenhum parceiro. Ou era discreta ou não tinha um «senhor de Martell». Mas, deixando meus hormônios de velho de lado, tínhamos sete testemunhas que não se lembraram de nada que nos desse uma pista do assassino.

–E esta tal «cegueira facial», é possível se provocar com drogas ou algo assim?

–Não que eu saiba. Teria que ler mais sobre o tema, mas me recordo de um caso documentado de um soldado alemão que teve danos no cérebro e deixou de reconhecer faces. Obviamente não é este o caso. – Voltava a mover muito as mãos. Quase atira o chá em duas ocasiões.

–Mas não é algo impossível. Não é? Quero dizer, como uma linha de investigação seria interessante, mas acredito ser uma reação coletiva ao choque de ver um assassinato.

–Quase certo, Félix. Existe um filme com Milla Jovovich em que ela é uma testemunha de assassinato, mas sofre de prosopagnosia por um trauma.

–Ok. Uma testemunha. Mas, SETE?

–Olha, é a primeira coisa que me veio à cabeça. Talvez devesse ter ficado em silêncio.

–Não, porque aí não poderia ter lhe convidado para um chá.

–Você é direto. Sutil, mas direto. Sejamos claros, Félix: não vai acontecer nada entre nós.

Ela não foi nada sutil. Outro pé na bunda em minha coleção e em tempo recorde. Fiquei calado alguns segundos, tentando fingir que não havia escutado.

– Tive uma ideia e eu tenho que voltar para a delegacia, Laura.

–Lara. Escuta... O que eu te disse...

–Sim, confidencial e todo cuidado nisso de prosopagnosia. Obrigado, de verdade. – Levantei-me rápido, deixei uma nota de dez euros no balcão e saí depressa.

Que vergonha, por favor. Deixando de lado minha demonstração nula de flertar, era verdade: eu havia pensado em algo muito simples. Investigar inicialmente sem contar com as testemunhas. Depois, se alguém lembra-se de algo, seria de grande ajuda, mas começaria às cegas a buscar este homem tão normal.

De volta à delegacia de polícia, concentrei-me em localizar qualquer câmera que tivesse perto de onde o assassinato aconteceu: Um banco 24h e uma loja de discos tinham câmeras, com um pouco de sorte teriam algo gravado. O primeiro a fazer é pedir o mandado ao juiz. «Vai fazendo» foi a resposta que recebi. Volto ao telefone, conversa cordial, mas firme, «Sim, é muito importante. Envia para o meu e-mail, por gentileza». Agora o caixa. Começamos com a burocracia dos bancos. A verdade é que minha cabeça vai a mil, acredito que poderia ter isso resolvido em pouco tempo.

Arrumei minha mesa porque eu estava começando a ficar nervoso com tanto caos. As fichas das testemunhas estavam colocadas sem rima ou razão, assim que dediquei uns minutos para organizá-las em ordem alfabética. Mas talvez fosse melhor fazer por ordem de proximidade com o assassino no momento do acontecido. Desenhei um croqui da rua, naquele momento, pelas descrições de localização dadas pelos presentes. Como demônios era possível que cinco deles estivessem virados para onde aconteceram os disparos mortais e não serem capazes de dar um detalhe? Lara voltaria a falar comigo depois do fora?

Soou o telefone: O diretor da sucursal que fazia esquina com minha cena do crime. Os caras da informática do banco enviaram por e-mail a gravação. «Não, não tô interessado em nenhum plano de aposentadoria, obrigado», foi minha última frase ao telefone. A frieza do tipo surpreendeu-me, embora como as coisas andavam, não me admira ele aproveitar qualquer oportunidade para vender alguma coisa.

Manu voltou da conversa com o Dr. Morales. Não trazia qualquer novidade.

–Nada, não tem explicação, mas ao menos já não está cheirando a whisky. O que te disse a mini-psicóloga? Tem boas curvas... É bom ver mulheres assim, que não são como varetas.

–Se chama Lara. Tampouco tem uma resposta. A juíza autorizou que nos enviem as imagens das câmeras que estão perto de onde mataram a esta mulher. Já descobriu quem era? Talvez por aí...

–Não era ninguém.

–Todo mundo é alguém, animal.

–Tá bom, pois a «dona alguém» era María Jesús Rodríguez Heras, trinta e seis anos. Casada, dois filhos, de quatro e dois anos. Trabalhava perto, em uma loja destes doces modernos e cheios de cores.

–Uma loja de cupcakes e muffins.

–Magdalenas, maricão.

–Owww coice de mula, Manu.

–Tanto faz. Não me deu tempo de olhar os antecedentes. O que você está fazendo? Tem que dispensar as testemunhas e quero agradecê-los por terem vindo e dizer que se eles lembrarem alguma coisa...

–Tudo bem, me deixa as fichas aqui.

A negligência do Manu com a ordem me tira dos trilhos. Atirou a pasta sobre minha mesa de qualquer modo. Alinhei-a com as das testemunhas e comecei a procurar. «Vamos lá, María Jesús, me conta porque alguém mataria uma mulher como você.» disse a mim mesmo. Acredito que às vezes as respostas podem aparecer dos lugares mais inesperados: uma música, um artigo de um jornal... Revisei os dados da sua vida. Vista desde um computador, a existência humana é um conjunto de linhas retas. Para mim, sobravam olhar só as tortas.

Não havia tido uma vida em nada ilegal a falecida María Jesús e sua ficha policial era exígua, para não dizer nula. Sim, claro, ela poderia ter sido uma verdadeira megera, uma pessoa desagradável com seus entes queridos ou uma mal educada que não dava lugar para as velhinhas, mas isso não é um crime. Uma denúncia por barulho ano passado... Maus tratos? Aparecia casada com um tal Antonio Fajardo, taxista, talvez por isso tem gente que enfatiza o «felizmente casado» quando questionado, porque existem casamentos infernais. Por um momento minha cabeça foi no sentido dos que tinham sobrevivido, seu marido e as duas crianças pequenas que não iam entender porque sua mãe não iria voltar. Deu-me um nó no estômago e creio que me caíram lágrimas.

–Fortea, você está bem?

Quem perguntava era Pablo, que me trazia mais dados óbvios, demasiadamente óbvios, recolhidos na rua. Eu tinha me isolado tanto lendo sobre a vida da vítima que perdi a noção do tempo e quase esqueci que estava rodeado de pessoas.

–Sim, Pablo. É esse caso... Visivelmente me parece uma morte por azar.

–Logo você acha alguma coisa... Você ou o seu colega Gregory Peck.

–Owww, musculuzinhos, eu tô aqui! – Berrou Manu que saia de uma das salas de interrogatório – Bebeu ou tá ficando louco Grau?

–Ah... Olha... Você pode colocar apelidos em todo mundo, mas quando alguém te põe um você salta, né.

–Oww moleque, não te abusa viu.

–Algum dia alguém vai te quebrar as fuças, Pacheco.

–Quem? Você com teus bíceps de esteróides?

O negócio tava pegando fogo. Não era próprio de Manu entrar em uma discussão assim.

–Olha só, parou a palhaçada. Musculuzinhos e Clark Gable: cada um em um cantinho do castigo – Disse. Pache fez um gesto obsceno com a mão e sorriu. O sangue não ia chegar até o rio. –O que você me dizia, Pablo?

–Que meu sexto sentido me diz que isso não tem nada de simples: Não existem mortes por azar aqui, não estamos nos Estados Unidos.

–Sexto sentido... Como tenho tantíssimos instintos de tira... – Cutucou Manu lá de longe.

Mesmo Pablo tendo muita razão, eu estava convencido de que alguma coisa me escapava. O marido da vítima? Ajuste de contas? Levantei-me rapidamente para ir à balística ver se já tinham algo dos cartuchos. Uma arma usada em outro crime? Quase atropelo um homem com terno branco que esperava para ser atendido.

Desci as escadas, cruzei o hall de entrada e fui até os elevadores. Vamos, vamos, vamos. Tudo sempre está devagar quando eu tenho pressa... Por fim as portas se abriram. O minuto subindo até o sexto andar foi eterno. E se o marido tinha alguma dívida? Era esquisito, mas na ficha só dizia que era taxista. Um taxista pode fazer muito dinheiro se encaixa um dia de boas corridas e a noite é cheia de atrativos para seduzir o mais honesto dos homens. Estaria metido com drogas? Sei de gente com profissões absolutamente honradas que enchem a cara de cocaína para aguentar o ritmo, e se a crise obrigou este homem a dobrar turnos para ganhar o mesmo que antes, pode ser que tenha acontecido algo assim. Mas, matar a sua mulher? Muito exagerado por maior que fosse a dívida. Ademais, fazia tempo que não tínhamos nenhum cartel de drogas fazendo das suas por aqui. Mulher, táxi, morte, cartel, drogas, ASSASSINATO, COCAÍNA CONEXÃO NOITE... Owww... Estou muito acelerado.

Os caras da balística não tinham nada para me oferecer ainda.

–E por que raios está tão lento? – espetei Joaquim, o mais veterano do departamento.

–Não enche Fortea, não vem tocar o terror. –Não gosta de te fazer de Colombo? Então faz do jeito antigo. Pergunta para as testemunhas.

–Já fiz Joaquim. E não me deram nenhuma pista que fosse, assim que você tem que me dar alguma coisa.

–É uma Star, nove milímetros, curta.

–Isso e nada é a mesma coisa.

–Já começou?

–Não começou nada, vamos lá. Deste tipo de arma deve ter centenas nesta cidade agora mesmo. Dá-me algo mais.

–Agora não tenho mais nada. Você está bem? Tá parecendo irritadinho.

–Vá à merda, Joaquim.

–Mando lembranças tuas.

Saí batendo a porta. Sim, eu estava irritável, mas só me dizer que era uma Star... A pistola mais comum que existe, um velho modelo que é só dar um chute que aparecem milhares. Não vou ter a sorte de que eles façam o seu trabalho, analisem os dados e me deem um nome, não. Um café e um cigarrinho me cairiam bem. Desci até a rua para respirar um pouco de ar e por um pouco de fumaça nos pulmões. Pura contradição.

Observei o tráfego. Lento, igual o resto da cidade que engarrafa todos os dias. Observei que havia uma sequência de carros brancos, três, um, dois e três novamente na rua onde estava. Tocou meu celular. Não reconheci o número, tinha muitos setes, parecia-me bonito de um jeito estranho.

–Forteza, diga.

–Nossa, que formal. Responde como nos filmes americanos... É a Lara.

Eu sabia que era ela. Aquele sotaque suave tão característico a entregava.

–Oi Lara. O que me diz? Conte-me alguma coisa boa porque o dia tá uma merda.

–Amnésia lacunar. É muito estranho, mas poderia ser uma desafortunada coincidência. Pode ser que as testemunhas, devido ao trauma de ver uma pessoa morrer, sofram deste tipo de amnésia que apaga as memórias de um certo momento.

–E isso se cura, eu espero.

–Olha, não existem quase casos de amnésia total. Em alguns dias estarão todos bem e poderão lhe dar os dados que se lembram, você vai ver.

–Por fim uma boa notícia hoje. Obrigado, Lara.

–Eh... Só obrigado? Eu achei que por ter sido tua psicóloga de referência o mínimo era me convidar para algo, não?

Trocar o nome dela de propósito ao me despedir no café, mais cedo, havia produzido o efeito desejado. Sorri.

–Claro. Saio em poucas horas, ainda tenho algumas coisas para revisar. Te ligo daqui a pouco e te peço às 21:00h. Tudo bem?

Sim, mas, como...

Desliguei. Tinha que apressar-me em arrumar os papéis do caso, ir em casa, tomar banho, arrumar essa máscara de festa à fantasia que tenho como rosto e, antes, olhar a ficha da senhorita Martell para descobrir onde demônios vive Lara....

Curioso, Lara teve uma juventude muito selvagem até poucos anos e não era, nem de longe, tão novinha quanto aparentava. Trinta e um anos. Aos vinte e cinco tinha sido detida em Barcelona em razão de uma denúncia por agressão de um tal Marc, a quem tinha feito um nariz novo. Eita, feroz a pequena psicóloga. Ao menos já tinha assunto para o jantar, mesmo que passaria por mal educado e enxerido se digo que sei de tudo isso. Melhor deixá-la falar, mas vai me custar ficar de boca fechada, porque meus pensamentos se batem dentro da cabeça nesse momento. Acontece comigo às vezes, é como se eu tivesse uma grande produção e só um pequeno e velho furgão para fazer as entregas. Conceitos, imagens e flashes se acumulam de um modo que não posso explicar. Frustra-me não ter dias com 50 horas para poder fazer

tudo que quero e sou capaz de levar em frente. É nestes momentos que você pode com tudo, indiferente do que vier, faço o mundo de café da manhã duas vezes antes do almoço.

Fui até em casa, troquei a areia dos gatos, coloquei água, ventilei bem, vai que ao final da noite acabássemos conhecendo “a guarita do super-policia” e arrumei um pouco a sala. Depois do chuveiro e do barbeador, escolhi com muito cuidado um aspecto casual e descuidado, mas sem excesso. Merda, não devia ter me barbeado, «porque não quero me ligar contigo, jovenzinha». Não queria parecer ansioso, mas estava. Foda-se se eu estava.

Tocou o celular. Mmm, Manu... Isso só podia ser sacanagem comigo ou que havia fodido a cena.

–Diz, Pache.

–Vem voando galo! Houve outro assassinato.

II

Um casal discutia na rua. Alguns rostos se viravam diante dos gritos que o tipo dava. Ela estava diminuída, assustada. Seus protestos eram cada vez menores. Eram acompanhados por uma criança de uns seis ou sete anos, com o olhar perdido, sentado em um carrinho. «Não» – Pensou o homem que olhava para eles – «não está certo isso».

Depois de alguns minutos de briga, o casal se afastou com o carrinho, mas ele continuava falando desaforos de desprezo para sua... mulher? Namorada? Não importava, as marcas nos braços dela eram visíveis e sua atitude reduzida era uma declaração silenciosa que não precisava de palavras.

O homem seguiu a família a uma prudente distância para não perdê-los de vista e eles entraram em um estacionamento.

Precisava de uma distração para chamar a atenção do tipo. Já tinham colocado o carrinho dentro do carro e começaram a subir a rampa, então ele avisou ao casal, por gestos, que eles tinham um pneu furado. Ele desceu muito agressivo.

Um disparo ecoou no terceiro subsolo do parque de estacionamento. «Bom», pensou o homem que se afastou caminhando com calma enquanto os gritos da mulher e da criança se diluíam à distância.

Fazia uma noite fresca em Madrid. Enviou uma mensagem com seu telefone celular e fechou a gabardine.

• • •

«Temos testemunhas?» foi a primeira coisa que perguntei a Manu quando cheguei à delegacia. «Sim, mas acho que você não vai gostar...», respondeu-me.

–Não me fode. Nem uma descrição válida?

–Touché. Outra vez é um «homem normal» e na mesma zona, em um estacionamento, a cerca de trezentos metros da cafeteria onde atiraram na mulher. Disparou em um cara, diante da sua família e os únicos testemunhos são da mulher e do filho.

Primeiro uma mãe, agora um pai. Tinha que ter uma conexão entre ambos os crimes. Eu pedi todos os dados ao chefe. Coloquei-os sobre à mesa e me sobrava muito espaço. Um pouco de ordem e já tinha uma foto global: Um casal saía do cinema, tinham discutido por algo que a mulher não lembrava, foram até o estacionamento onde tinham estacionado o carro e do nada surgiu «um cara comum» que atirou no estômago do pobre desgraçado.

–Manu, te importa?

–Manda ver, assim posso ir para minha casinha, que quero jantar com a Ana. Hoje temos uma noite especial com alguns amigos.

–Tudo bem, mas me dá um minuto que preciso ligar para uma amiga com a qual ia jantar hoje.

–Já ia dizer que você tinha trocado de roupa por alguma coisa.

Eu sabi... –Busquei em meu celular o número da Lara enquanto Manuel continuava com suas idiotices...

–...Fazia três dias que você não trocava de roupa Félix...

–Lara? Oi, é o Félix. Perdoe-me, mas não vamos poder jantar hoje, tenho que trabalhar. Sim, sinto muito. Que tal amanhã?

–Olha só! Olha aí a louca dos gatos... Apressou-se em caçar a psicologazinha... – disse Manu e estou convencido que Lara escutou, porque riu.

–Isso que soa como um rádio quebrado é o cretino do meu companheiro. Se não ficar muito tarde, te ligo depois. Boa noite. – Desliguei.

Manu me olhava com uma expressão engraçada. Sacudiu duas vezes a cabeça e riu suavemente.

–O que foi agora? Vai pra tua casa com a tua família perfeita.

–Deixe-me ver, anormal: A testemunha está em choque, Lara é psicóloga. Quer que eu desenhe?

Sim. Anormal era exatamente onde eu me enquadrava neste momento. Creio que quando voltei a falar com Lara, estava ruborizado e, por algum milagre tecnológico, ela notou. Ficou de passar para dar uma mão e se mostrou muito interessada que novamente não houvesse nada de destacável no agressor.

A mulher segurava nos braços uma criança de aproximadamente sete ou oito anos na sala de interrogatório.

–Oi. Sou Félix Fortea. Não prefere que a gente converse em outro lugar?

–Não. Estamos bem, senhor Fortea.

–Quer que alguém cuide do seu filho enquanto...?

–Não, não. Luis é... especial. Quero dizer, comigo assim, ele ficará tranquilo e poderemos fazer isto rápido. Tudo bem?

Era muito educada. Estava muito bem vestida e seu sorriso era cordial. Cacete, acabaram de matar seu marido e esta senhora parece estar em uma entrevista de televisão. A natureza humana é inquietante.

– Conte-me, senhora... Vejamos... Sim, senhora Doval – Busquei os dados já escritos na ficha que meus colegas haviam preparado em primeira instância para evitar alongamento no processo – Posso te chamar Andrea?

– Claro, podemos usar você, Félix.

Beleza.

– Bem, Andrea. Tinha ido ao cinema para ver um filme de desenho animado com... Luis, seu filho.

Sim, os médicos dizem que devemos levar uma vida o mais normal possível. Oh, perdão. Não contei que Luis sofre de autismo.

– Eu achava que os autistas detestavam multidões.

– Meu filho não é autista, sofre de autismo, o que é diferente. E existem graus, Félix.

– Desculpe-me, não queria... Perdão. – Voltei a chamá-la de você, permitia mais proximidade e talvez ela pudesse esquecer a bola fora. Autista não, autismo sim.

– Tudo bem, depois de sete anos, estou acostumada com a ignorância do povo.

Bravo Félix, dá uma bola fora e coloca a testemunha na defensiva. Bravo.

– Depois do cinema, deste um passeio até o estacionamento onde você deixou o carro.

– Exatamente. No terceiro andar.

– Por que seu marido... Ignácio... saiu do carro?

– Nacho não é... Não era meu marido. Nem sequer era pai de Luis. Estávamos juntos, só isso.

– Não importa, obviamente. Por que saiu?

– Então... quando arrancamos e subíamos a rampa, um homem nos fez sinal que tínhamos algo em uma das rodas.

– E quando Nacho saiu, esse homem disparou.

A criança começou a se agitar, era óbvio que não estava confortável naquele ambiente. Fazia como um ruído gutural, como um lamento rouco.

– Perdoe-me, Félix, Luis precisa se distrair. Poderia me dar uma folha e um lápis?

– Canetinha? Não tenho lápis, mas posso conseguir se me der alguns minutos.

– Não, canetinha está bem. Toma, Luis. Pinta, mas não se pinte.

A criança se sentou no chão, alheio a nossa conversa e deixou de protestar.

– Andrea, temos que voltar a este momento. Diga-me o que se lembra deste homem que atirou em Nacho.

– Na verdade não o vi muito bem, estava no carro, olhando para trás porque queria acalmar Luis que está se acostumando ao cinto de segurança, cadeirinha e tudo isso...

– Mas você olhou ao ouvir o disparo.

– Claro, sim... – Fez uma pausa e encheu os olhos de lágrimas. – Certo que olhei, mas... Não sei como descrever. Sinto-me uma inútil.

Neste momento bateram na porta. Era Lara. Surpreendeu-me vê-la maquiada e com cabelo solto, até que me dei conta que ela também tinha se arrumado para nosso jantar cancelado.

– Andrea, esta é Lara Martell, é psicóloga e trabalha com a gente.

– É muito bonita, disse uma voz infantil.

Nós três nos viramos para Luis. A criança olhava, ou melhor, examinava Lara. Ela se agachou para se colocar em uma altura mais próxima do garoto.

– E você é? Deixe-me adivinhar. Seu nome é Luis! – Seguramente havia perguntado antes de entrar para ganhar a confiança de ambos. Esta mulher tinha nascido para tratar com gente, era óbvio.

O garoto olhou para ela e sorriu, mas logo em seguida voltou a pintar e já não fazia mais caso a Lara, ela então se juntou ao interrogatório da mãe.

–Perdão, Andrea, de onde são estas marcas em seus braços? –perguntou. Eu não tinha visto este detalhe, sobretudo porque a mulher manteve os braços cobertos pelo filho e agora havia arremangado.

–Tive um acidente doméstico há alguns dias.

–Me parecem agarradas fortes – disse Lara.

–Seu filho é violento? – Perguntei e me arrependi no mesmo momento em que disse.

–Não! Luis é muito tranquilo, não está vendo? Não, não foi Luis...

Lara fez um gesto pedindo-lhe para nos mostrar os braços. Estava claro que eram roxos provocados por mãos. A beira amarelada das marcas indicava que não eram recentes.

–Temos que descartar possibilidades, Andrea. Serei direto. Nacho te batia?

Ela levou as mãos ao rosto. Suspirou muito fundo e me olhou com os dedos abertos como se estivesse em uma jaula.

–Sabe... Sempre pensei que isto não acontecia com mulheres como eu. Que uma universitária com um bom trabalho não cairia nestas coisas, que homem algum poria a mão em cima de mim... E sabe o que mais? Estou feliz que mataram ele.

Não tinha emoção em suas palavras. Havia dignidade. Olhamo-nos nos olhos durante um comprido momento.

Isto nos abria várias vias: Familiares desejando acabar com uma situação de maus-tratos, um assassinato orquestrado por ela mesma. Inclusive, por coincidência, no mesmo dia. Tinha que revisar possíveis semelhanças com o assassinato da manhã.

–Bom, vamos ficar por aqui, Andrea. Preciso poder te localizar se algo acontecer. Avisamos a alguém?

–Não precisa, o pai do Luis vem me buscar. Este fim de semana Luis ficava com ele e sua noiva.

Sim, minha cabeça também pensou em ciúme ou um pai que vê como seu filho autista, perdão, que sofre de autismo, vai ser criado por um abusador...

–Esperaremos que te busquem, Andrea.

Fiz um gesto a Lara e saímos da sala.

–Está muito bonita...

–Vai te foder, Félix, acabaram de matar alguém. –Riu um pouco sem graça.

–Neste negócio você se acostuma rápido, vai ver. Escuta, viu alguma coincidência com o desta manhã?

–Tirando o fato que não se lembra de quase nada do cara, a priori não. Poderiam ser crimes diferentes... Mas o tira é você.

–Foi isso que eu pensei, não sobre ser policial, claro. Preciso falar com a balística. Pode me fazer um favor? Espera que chegue o pai do garoto para buscá-los para ver se, de maneira discreta, você consegue tirar uma foto ou algo se eu não tiver voltado ainda. Quero saber que pinta tem o «Papi».

–Ok, mas depois você me leva para jantar ou eu vou comer alguém – disse com um sorriso.

Eu fiz todo o caminho até a balística dando voltas na minha cabeça com a «Bohemian Rhapsody» do Queen. «Mama, just killed a man. Put a gun against his head, PULLED MY TRIGGER NOW HE'S DEAD...» A letra da canção crescia até soar em maiúsculas em minha mente. Buscava a um pobre rapaz? Não há nenhuma fuga da realidade? Realidade, horizonte, piano, bala, pistola, braçodisparomortepenaDORCARAROSTO... De novo minha cabeça a mil.

Joaquim já tinha ido e só restava um garoto novo na balística. Não me lembrava como se chamava e isso que me haviam apresentado a poucos dias.

–Ei, você. O que tem do caso do estacionamento?

–Estava acabando com isso, inspetor Fortea. Permita-me um minuto e dou-lhe algumas conclusões iniciais.

Tudo bem. Formal, mas parecia eficiente. Algo está começando a mudar neste departamento...

–Olha. Pelo cartucho encontrado no lugar dos fatos, suas estrias, marcas e...

–Sem nhénhéné que não tá agradecendo um Oscar.

–Desculpe-me. A bala foi disparada pela mesma arma que matou a Sra María Jesús esta manhã...

É o suficiente. Mesma arma. Mesmo assassino. Merda, merda, merda.

–Você está completamente certo disso?

–Positivo, inspetor.

–Caramba, obrigado... Rapaz.

Quase lhe dei um abraço pela rapidez e qualidade da análise. Eu me virei antes de sair e fiz um sinal.

–Sérgio, certo? Você vai chegar ao topo, Sérgio, mas te faz um favor, não diga mais coisas como «positivo»...

–Meu nome é Samuel.

Atravessei a toda velocidade o edifício e quando cheguei ao meu andar estava quase suando. Lara estava sentada em minha mesa, lendo um jornal de esportes. Se não fosse pela maquiagem e por estar tão bem arrumada, pareceria a típica protagonista de uma série americana com uma agente muito atraente. Uma pistola ficaria muito bem nela.

–Vieram por Andrea e Luis? –perguntei.

–Sim, senhor comissário, e seguindo suas instruções eu fiz fotos do pai e ex — disse-me com muito sarcasmo.

–E que pinta tem?

–Normal. Quero dizer... Tinha rastafári e parece um músico de rua, mas é muito educado e se pode ver que o garoto o adora. –Suponho que notou minha cara quando disse «normal».

–E isso para você é normal, Lara... Rastas... Quem sabe eu grampeie algo assim na minha cabeça.

–Hahahahaha. Não, te cai bem a careca. Olha as fotos. –Mostrou-me o celular com um sorriso de orgulho.

Caramba. Lara tinha feito como dez ou doze fotos e havia obrigado o pobre homem a posar, inclusive. De cara, o tipo era qualquer coisa menos normal: Muito magro, esguio, ruivo com barba longa, rastas e pinta de quem pedia na rua. Estranho para uma mulher tão sofisticada como Andrea, mas um namorado abusivo também não se enquadrava. Era óbvio que não era ele que havia disparado contra María Jesús esta manhã, porque uma das testemunhas teria descrito alguma das suas características.

–A propósito, o pai se chama Jimmy Robbins, é australiano e hoje de manhã estava dando aulas na Faculdade de Física onde tem turmas. Eu perguntei para ver se ajudava.

–Com essa pinta é professor?

–Você não tem pinta de policial.

–Ah, não? O que eu pareço?

–Não sei, ainda... Tenho que te conhecer um pouco mais, Félix. –Podia jurar que essa mulher estava flertando comigo. Fiquei um pouco sério.

–Olha só, da próxima vez faz as fotos com mais discrição, podemos ter problemas. Sabia? Acredito que você seria uma excelente policial e acho que você também sabe disso.

–Ui, não creio que você ia me querer por aqui. E às suas ordens. –Arrumou-se e bateu continência. Era bem palhaça, coisa que me encanta em uma mulher, mas desconhecia que na polícia não tem patentes militares.

É, seria uma curiosa candidata para trabalhar neste negócio, mas seus antecedentes seriam um problema. Recordei que ela não podia saber que eu tinha estes dados e, coisa rara, fui capaz de fechar a boca antes de me trair.

–Parece que nos dá tempo de ir jantar, Lara. Tive delegacia por um mês.

–E eu? Mas fiquei encantada em conhecer a Andrea e Luis... Bom, «encantada» não é bem a palavra adequada.

–Pois é. As pessoas costumam dizer que «não tem pinta de mau-tratada» como se houvesse um perfil claro.

–É triste, mas às vezes, uma porrada em tempo desmonta um filho da puta destes.

–Você me dá medo, psicóloga... – disse com algum sarcasmo para aliviar a conversa.

–Faço MMA, assim que abre o olho, Fortea...

–MMA? Isso soa a uma droga do tipo que cozinham em «Breaking Bad»...

–Artes marciais mistas ou como diz uma amiga minha, «cem maneiras de fazer torta com os ovos de um bastardo».

Rimos enquanto saíamos da delegacia. Ficamos presos em uma manifestação convocada pelas redes sociais, não sei contra o quê. Acabamos discutindo o papel da polícia nesses casos. Lara tinha opiniões um tanto quanto esquerdistas a respeito, mas tive que dar-lhe razão algumas vezes. Quase me convence a ir com ela em uma dessas manifestações. Atrasamo-nos tanto que o jantar foi um hambúrguer em meu carro. Ela não parecia se importar e me contou toda a sua vida, desde o nascimento em Lanzarote até que acabou estudando em Barcelona.

Inclusive me contou por que a haviam detido. Foi um final genial para um dia que tinha começado mortal.

III

O homem observou a cena: O rapaz mais novo havia manobrado bruscamente e ocupado a vaga a qual outro carro esperava entrar. O motorista do segundo carro tocou a buzina, baixou o vidro do carona e interpelou o cara que respondeu com um gesto obscuro. O outro condutor acelerou e abandonou o lugar.

«Perdão, mas você ocupou a vaga que não te pertencia» disse o homem ao se acercar do rapaz. «E? O que você é...? Polícia? Vaza, palhaço» foi a resposta que recebeu. Devia ter uns vinte e cinco anos, vestido de maneira ordinária, igual seu carro, modificado para parecer mais agressivo. Era óbvio que ele frequentava uma academia pelo tamanho dos seus ombros e braços. O olhar era turvo. Drogas? Esteróides para aumentar a massa muscular? Decidiu segui-lo a certa distância. Após uns dez minutos teve sua oportunidade em uma travessa vazia onde o rapaz começava a enrolar um cigarro.

–Te falta respeito e educação – disse o homem.

–Foda-se. O que está acontecendo contigo? Quer ir para casa com uma cara nova?

Havia tido que se livrar da arma depois do que aconteceu na *Gran Vía* e no estacionamento, mas tinha uma elétrica. O taser era sempre muito eficaz. Imobilizava instantaneamente. O rapaz caiu se contorcendo. Uma vizinha olhou pela janela ao ouvir o ruído que ele fez ao cair e bater em um caixote de lixo. Tanto faz. Tinha que atuar rápido: trazer o carro e transportar o moleque. No banco da frente no lado do carona, colocando um gorro, pareceria alguém dormindo. Parece que tanta academia não havia dotado ele de muita resistência já que a descarga elétrica o deixou inconsciente quarenta minutos. Estava claro que ele se drogava.

–Acorda –esbofeteou o homem. Quero que esteja bem acordado.

–Mas o que... Filho da puta! Me solta! Vou te matar, filho de uma puta!!! Viado!

As abraçadeiras aguentavam bem. Com duas dúzias havia imobilizado o jovem a uma cadeira em meio a seu local especial. Não fez nem caso aos protestos ou xingamentos e começou calmamente a desenrolar o plástico de embalar. Os insultos seguiram durante os mais de dez minutos que o homem levou para preparar com esmero tudo: proteção para o solo, macacão plástico descartável para ele mesmo e todas as ferramentas ao seu alcance.

–Eu juro que vou te matar, seu pedaço de merda... –Foi a última ameaça do rapaz. Então começou a chorar. «É muito fraco», pensou o homem. – Tudo bem, cara, você ganhou. Sou um idiota, sou um insolente, mas me solta, por favor, não me faça mal.

–O arrependimento é muito bom. Saber que você fez algo errado e sentir dor por isso é muito importante. É isso que nos separa dos animais. Não acha?

–Sim, tio, sim. Estou muito arrependido e não vou falar nada sobre você, mas me deixa ir embora. Beleza? Rola, tio?

–«Rola, tio...» –repetiu o homem imitando o sotaque chulo –Não é a forma mais correta de se expressar. Qual é o último livro que você leu, filho?

–Q-quê? Que merda é esta, tio? Me solta, merda!

–Responde, por favor.

–Lá sei eu... A-algum na escola, merda.

–Não tem idade de ir à escola. Devia estar na faculdade ou aprendendo uma boa profissão. O que você faz?

–Nada, merda, nada. Já te falei, sou um merda. Só sirvo pra levantar peso e isso nem me serviu pra me defender de um tio como você... –Chorou.

–E como é um cara como eu? Hã?

–Não queria te ofender, tio. Sinto muito, sinto mesmo... Diga-me o que quer que eu faça e eu faço, mas me solta merda... –Uma poça começou a se formar debaixo da cadeira do rapaz.

–Oh! Tampouco tem higiene pessoal. Te urinou.

–Sinto muito, merda, sinto muito. Me perdoa, tio, por favor, me solta!

–Te arrepende de ter tirado a vaga do outro motorista que esperava?

–É por isso? Merda, merda, merda, sim, claro que me arrependo! Me arrependo de tudo isso! –Rugiu.

–Acho que seria melhor se você rezasse um pouco...

–Tudo bem, o que você disser, merda.

–Você começa. Quero ver quais são suas orações preferidas. Isto diz muito sobre um homem.

–Eh? Não sei, tio, o Pai Nosso, eu que sei...

–Oh! Não vai me dizer que não sabe rezar? Que tipo de educação você recebeu? Você aproveitou?

Acredito que não. Hoje em dia qualquer um pode receber uma formação e estudar, não é mais patrimônio dos ricos... E você a desprezou? Tens uma linguagem pobre, não sabe quase nenhuma oração e teus modos são muito ruins.

–Já sei, merda, mas eu juro que vou mudar, vou ser uma pessoa melhor, vou estudar, ler e ser educado com as pessoas.

–Muito bem... Vê aquele ponto vermelho ali? Tudo foi gravado. Tua confissão e teu propósito de mudança estão gravados.

–Então me solta e vai ver como cumpro, tio! –Eu te juro, merda!

–Não, tua confissão não é pra você.

O homem abriu a boca do jovem com força e segurou sua língua com uns alicates de pressão. Agarrou um bisturi e cortou-a. O sangue jorrou da boca. O jovem estava fora de si, chorando e movendo-se com violência, mas as abraçadeiras o mantinham em seu lugar. Tinha que atuar rápido antes que esvaísse todo o sangue, tinha que cauterizar o resto da língua. O maçarico era a melhor opção, mas os movimentos bruscos não ajudavam, assim que segurou por detrás dos cabelos e fincou um bisturi na nuca. Um gesto rápido, certo. Já não havia mais movimento, mas o rapaz não sentiria mais nada também. Devia estudar como cortar a medula espinhal para imobilizar sem matar. «A formação é importante, vê?», pensou para si.

Começou a recolher tudo com certo aborrecimento, mas logo se deu conta que seu erro ao dar a fincada o permitiria chegar um pouco mais cedo em casa.

• • •

«Não tem rua sem saída», disse o chefe muito sério. A verdade é que o gráfico era real: dois assassinatos, mesma arma, oito testemunhas adultas e ninguém dava nenhuma informação do assassino, mas tínhamos que encontrar algo.

–Estou esperando a informática nos dar o que tem sobre as câmeras, apesar de que a loja de discos já avisou que não estava apontando para onde aconteceu o primeiro assassinato – Eu disse a modo de desculpa.

–Fortea e Pacheco, vamos ver... Ninguém é invisível, nem desaparece, nem é um fantasma, certo? Voltem a repassar as declarações das testemunhas, voltem a chamá-las, façam qualquer coisa, mas que isso não saia daqui. Existe conexão entre as duas vítimas?

–Aparentemente não – disse Manu, e eu notava que ele estava incomodado pelo que o chefe dizia – Mas eu já não descarto nada.

–Ok. Mantenha-me informado. Ah, Félix, deixa de ficar fazendo intriga na balística que Joaquim já ta soltando fumaça com o cara novo.

Encolhi os ombros. «Se Joaquim é um idiota e um vadio, é problema dele», disse. Meu chefe riu do comentário, mas não podia endossá-lo, claro. Voltamos a nossas mesas e Manu tinha essa expressão sua no rosto do tipo «Me conta tudo».

–Não, nem pergunta. Sou um cavalheiro.

–Não fode, Félix.

–Só vou dizer que a noite foi a mais surreal da minha vida: jantamos um sanduíche no meu carro, levei-a para casa e levamos para passear um cachorro de cinquenta quilos que ela tem. Ah! O bicho se chama Manolito, como você.

–Não gosto nada dessa mulher, Norman... –Disse imitando a voz da mãe no filme Psicose.

–Pois a mim me encanta, mãe.

–Ok, não me conte mais nada, mas desta vez não a afugente com as suas manias, Forty.

–Que manias?

Manu se foi para pedir que chamassem as testemunhas novamente. Fiquei com dúvidas se tenho manias. Não, não tenho manias. Arrumei minha mesa.

Tocou o telefone. Os caras da informática tinham separado uma imagem. Pulei da mesa, porque dois assassinatos passam, mas se houver um terceiro não vou ver a luz do sol por anos. Um assassino em série em Madri... Ahh, davam-me calafrios só de pensar. Não, Félix, você vai resolver isto em dois dias e depois volta a sua vida normal.

O elevador me deixou no porão, na «Caverna». Eram policiais, mas não como eu. A metade não passava dos vinte e cinco anos e seus tipos estavam mais para extras em The Big Bang Theory que para policiais. A verdade é que «os tiras» têm pouco tipo de tira, pensei.

–Me façam feliz –disse como saudação.

Carlos sorriu. Na delegacia diziam que havia sido um hacker adolescente até que lhe deram um tremendo susto. Hoje, era nosso chefe do departamento de crimes digitais. E o maior fornecedor de sexo bizarro que eu já conheci...

–Fazendo um aparte, amigo Fortea, tenho um DVD do Foot Fetish Maniacs IV, mas acho que você não veio por isso hoje... Olha.

Girou até o monitor. Uma imagem em branco e preto mostrava um homem com uma gabardine apontando para a cabeça de uma mulher sentada em uma cafeteria.

–Você pode melhorar isso? Você sabe...

–Como nos filmes? Não viaja. Isso é o melhor que dá pra tirar de uma câmera de 50 pila. E essa é a boa, a do banco. Com o que ganham de comissões os urubus.

–Imprime – cortei Carlos porque seu discurso sobre capitalismo eu já tinha de memória.

–Tudo bem, tudo bem. Pelo menos é um «algo», não?

–É mais que um «algo», Charlie, gênio – Beije na sua testa – e traz esse DVD que já tem o meu nome...

–Não, não. São dez pila, tio. Eu não gravo coisas pessoais no material do departamento e os contribuintes ficariam putos se eu fizesse...

–Por essa grana me compro o original. Toma cinco euros e me dá.

Subi observando a foto. Era um tipo comum, vulgar. Muito comum. Cabelo nem comprido nem curto com um penteado normal, ligeiras entradas e pode ser que seja castanho... Estatura média, acima do 1,75m... Calças escuras e gabardine clara. Não era possível ver bem o rosto, uma pena, porque as orelhas são como digitais, e me serviriam se fosse visível, mas tem que se jogar com as cartas da mão.

«Muito bem, senhor normal. Já comecei a por um rosto em você», disse-me.

Manu estava ocupado voltando a falar com a primeira testemunha, um professor universitário com uma voz tão fina que te dava vontade de chacoalhar ele. Dei a notícia da foto ao meu chefe, mas ele menosprezou.

–Fortea, olha só... Em Madri, hoje, deve haver um milhão de tipos assim. Não tinha nada melhor?

–A resolução da câmera é que manda chefe.

–Ok. É uma pena que não sejamos como os policiais dos filmes, podíamos por essa foto em um analisador de rostos, não é mesmo?

–Eu teria preferido que vivêssemos no mundo do Minority Report, poderíamos evitar os assassinatos antes.

–Você é um nerd... Olha se as pessoas das áreas conhecem esse cara, Félix.

–Ok, mas no estacionamento só estavam a namorada do morto e seu filho.

–O garoto é retardado, não?

–Não é... Tem autismo, não nos serve.

–Faz essa diligência discretamente, anda. Estou cagado que isso vaze para a imprensa, Fortea. Por enquanto ninguém ligou as duas mortes e tem que seguir assim.

Chamamos «fazer diligência» e tudo tem que passar pelo tribunal é claro. Se não fosse assim viveríamos em um estado policial e os ilustres desta democracia não querem isto, mas existem vezes em que podemos evitar estar dando informação todo o tempo. Repito: você tem que jogar com as cartas que tem na mão, claro, mas às vezes o croupier não tá olhando. Supus que Lara poderia gostar de dar um passeio pelo centro quando eu acabasse minhas perguntas.

O café onde havia acontecido o assassinato tinha voltado à normalidade. «Não podemos nos permitir fechar nem por algo assim», disse-me o encarregado, um jovem garoto de não mais que vinte anos e do Peru. Mostrei a foto a todos os garçons. Nada. Como muito um «Acho que, mas...», que não levava a nenhuma parte. O mais destacável foi um início de discussão entre um cliente e uma mulher que trabalha no bar, o cliente dizia que era igual um cara que trabalhava no banco ao lado e ela que era igual a um primo seu que morava em um povoado. Nem uma pista clara, nem uma direção para onde ir. Fui ao banco para não deixar nenhum fio solto.

O diretor, o mesmo que me atendeu no telefone, foi todo colaboração e sorrisos. Era como esses tipos que saem anunciando carros usados nas séries americanas. Estou certo que em algum lugar ele deve ter um pseudônimo do tipo Eduardo «Honesto» Gutierrez. Assim que viu a foto chamou um tal «Peláez» que, segundo me disse, trabalhava na janela «que é de onde se vê tudo, não faz ideia do que esse cara vê».

Peláez tem memória fotográfica, sabia? Se este indivíduo foi ou é cliente de nossa empresa, vamos saber em seguida. –Acrescentou «Honesto» Eduardo.

–Memória fotográfica, claro. –Peláez permanecia de pé, sem dizer nada e olhando para as unhas da mão direita. Não parecia ter muita luz. O penteado dissimulando a calvície com uma cortininha de cabelo lhe dava um aspecto de um velho daqueles filmes dos anos setenta.

–Não acredita em mim? Observe. Peláez, feche os olhos. Como está vestida a terceira pessoa que está na fila?

«É a senhora Teresa, viúva do coronel Curbera, está com um abrigo preto que simula pele, creio que sintético, mas não posso precisar, uma blusa violeta com um broche em forma de mariposa, saia preta, meias claras e sapatos pretos sem salto para combinar com a bolsa», recitou o trabalhador enquanto meu queixo caía consideravelmente ao comprovar que a descrição era exata.

–Perdão. E a moça que espera em uma das mesas? –Perguntei para comprovar se não era uma piada elaborada.

–Não tem nenhuma moça esperando nas mesas. Tem um casal de meia idade, Jorge e Carmina e um senhor com um macacão de serviço e um jaleco fluorescente da *Construcciones y Contratas*. Não havia dúvida em sua voz.

–Te disse que Peláez é um fenômeno –afirmou o diretor do banco com orgulho nada dissimulado – Mostra essa foto e vamos ver o que ele pode te dizer.

O funcionário protestou pela baixa qualidade da imagem, pensou durante alguns segundos e virou-se para o computador de seu diretor. «Me permite?», «Mas é claro, faça o favor» foi a conversa entre os dois, tão educada que se não fosse uma investigação por assassinato teria sido uma cena muito cômica.

–Agora estou imprimindo os dados de sete clientes nossos que encaixam nesta descrição – disse-me o caixa com memória de computador.

–E-eu agradeço muito –titubeei – Obviamente terei que verificar esses dados.

–Claro, sim. O caso é que...

–Diga Peláez, sem medo. Diga qualquer coisa ao senhor policial – falou o diretor.

Não, nada. É muito emocionante colaborar com vocês – Sorriu-me.

Quem poderia dizer que um homem baixinho, que escondia a duras penas sua calvície com um penteado que já saiu de moda, ia ter esta capacidade... Disse obrigado a ambos, esquivei de nova oferta do diretor sobre «um plano de aposentadoria fabuloso, muito tranquilo de pagar» e saí com a cabeça ardendo pelo que tinha acabado de ver.

Muito perto um músico de rua tocava no violão «Bohemian Rhapsody» do Queen com uma incrível virtuosidade. Curioso, a pouco lembrava desta música.

–Bela versão – disse.

–Obrigado, amigo. Gosta do Queen?

–Desde que escutei «Rádio Ga Ga» quando era criança.

Começaram a soar os primeiros acordes daquela canção. O tipo era um gênio. Notei que ele era cego. É uma pena, seguramente estava aqui ontem e poderia ter visto algo. Começou a cantar com uma voz que certamente não invejava nada a do Freddy Mercury.

—I'd sit alone and watch your light...

–Nossa, você é o Queen inteiro, sozinho.

–Haha, não, nem perto, só tenho um bom ouvido. Deus compensa, amigo.

Coloquei uma nota de dez euros na mão com que tocava o violão. Agradeceu-me e continuou cantando «...and everything I had to know I heard it on my radio...».

A casa da Lara estava a menos de cinco minutos a pé. Não tinha respondido ao meu whatsapp, então mesmo estando ao lado não quis ser um cara chato. Voltei à delegacia com Queen na cabeça.

Manu tinha voltado a interrogar várias testemunhas: nada. Isso descartava a amnésia lacunar que tinha comentado Lara. E o celular? Haveria conexão?

–Já verificaste o motorista de táxi, o marido da primeira vítima, Manu?

–Sim, um pobre homem quebrado pela dor. Parece-me que não tem nada que ver, mas estou investigando se tem algum tipo de jogo, bebida, o que quer que seja que possa levar alguém a matar uma mulher.

–Já descartou? –Eu sempre tinha confiado em Manu, seu instinto é infalível.

–Ainda não. Estava muito bem vestido para ser um simples motorista...

–Já estamos criticando... Você já se olhou, Dom Juan?

–Peraí, não é o mesmo. Represento o estado e devo estar com um bom aspecto. Meu vestuário é clássico. E você, que está vestido feito um desastre com estas camisetas de adolescente tresnoitado. Do Pablo prefiro não comentar se não for na presença de um advogado –Pablo levantou o dedo médio de sua mão direita e sorriu.

–Hahaha, certo –disse. Sobre as camisetas de adolescentes me incomodei um pouco.

–Não, sério, o cara estava quebrado, mas para quem acabou de perder a mulher, hoje estava que era um luxo. Até fedia a colônia.

–Então vai ter que voltar a falar com ele.

–Claro. A foto deu algum resultado?

–Uma lista de clientes do banco. Porra, um dos caixas tinha memória fotográfica e fez um show digno da televisão.

–Só você pode se divertir ao investigar um homicídio, Félix.

–A vida não é preto e branco, Pache.

Comecei a revisar a lista que me deram no banco: Dos sete, três estavam fora de Madri e dois trabalhando no momento do primeiro crime. A respeito dos outros que ficaram, um tinha álibi no médico e o outro estava em um almoço de negócios. Tudo podia ser comprovado. Nenhum padrão, nenhuma sequência, nada.

Tinha que ter uma conexão entre ambas as mortes. Um matador não atua na mesma zona e no mesmo dia com a mesma arma. Isto tinha que ter um ponto de enlace, mas neste momento eu era incapaz de vê-lo. Estava tarde e eu não tinha cabeça para mais nada. Despedi-me de Manu que insistia para irmos tomar algo.

–Um só e casa, louca dos gatos.

–Eu conheço teu «um»... Tudo bem, beleza. Vai chamar a Ana para que se reúna conosco?

–Disso que eu queria conversar – Fez uma pausa e em meio a um sorriso me soltou – Vamos nos separar.

IV

«Eu não posso acreditar. Não posso acreditar» foi tudo que pude dizer a meu companheiro quando anunciou sua separação. Balançava um dos pilares da minha vida. Ana e Manu, Manu e Ana. Tinha para mim que eles nasceram casados. Eles já tinham anos, todos os anos que se podem levar casados, tinham dois filhos que estavam começando a fazer sua vida agora.

–Pois está acontecendo, Félix – Disse-me enquanto tomávamos um whisky em um bar perto da delegacia – A mim.

–Manu, eu quase não conheço a tua mulher, mas sempre pensei que vocês estavam muito próximos e unidos, e isto assim... de repente?

–Estas coisas nunca são de repente. Você como não teve namorada desde o primário não te lembra como é uma relação, mas é preciso mimá-las todos os dias para que não existam fissuras.

–E você fazia? Não? Quero dizer, mais de uma vez você foi embora cedo para jantar com tua mulher, evitou até promoções para não ter mais trabalho, porra, Pache.

–Tem algo mais.

–Você traiu ela? – soltei sem pensar que poderia ter acontecido ao contrário. Eu e minha boca grande em modo automático.

–Não, não. É tudo muito complicado, Félix, de verdade. Tem outra pessoa agora na vida da Ana... Então, olha, só queria que soubesse antes que saibam todos na unidade e você fique com cara de vaca olhando o trem. O que você acha...? Vamos fazer uma foto para celebrar?

–Está louco, Manu? Passo. Vai que você coloca isso no Facebook e eu com a pior careta do mundo.

–Não precisa ficar amargo, amigo. Isso nunca.

–Você me deixou abismado.

Sorriu e bebeu o copo em um trago. Complicado ou não, se havia uma terceira pessoa eu estava disposto até a dar-lhe um cacete para que este idiota deixasse em paz o casamento do meu amigo.

–Nem pense nisso – disse-me, adivinhando – Ademais, você não devia estar com tua mini-psicóloga para ver se ela te arruma esse tambor que tens por cabeça?

–Não aconteceu nada ainda entre Lara e eu e não troque de assunto. Quem é o filho da puta? Quem está te tomando a Ana?

Há vezes que o tempo fica em câmera lenta e faz frio de repente, mesmo que estejas dentro de um bar. Este momento aconteceu neste instante ou pareceu para mim.

–Se chama Beatriz. Já te disse que era mais complicado...

–Beatriz? Ana vai te deixar por uma tia? Não me fode Manuel...

–Me chama de Manuel só quando está chateado, Félix.

–Não vem com piadinha. Beatriz? É sério isso?

–É sério. Olha, faz alguns anos, Ana e eu, decidimos dar-nos certas alegrias, experimentar coisas. As crianças eram adolescentes e tínhamos mais tempo livre para nós. Não me olha com essa cara, porra. E fecha a boca que vai te cair o queixo.

–Continua, Pacheco.

–Contínuo. Nos metemos nesse rolo de swing, suponho que sabe o que é.

–Troca de casais.

–Não é tão simples, mas como definição vale. A princípio, nunca fazíamos aqui em Madri por discricção, embora por sorte todas as pessoas que conhecemos sempre fizeram festas com extremo cuidado.

–Maravilhosa a educação da humanidade. E?

–Há um ano, mais ou menos, conhecemos a Bernie e Beatriz, um casal aberto, ele é francês e ela de Valladolid. Muito agradáveis. Encantadores. Coincidíamos em uma porção de coisas...

–Beleza, agora Ana foge com a Beatriz.

–Exatamente. Nosso casamento também é aberto, mas apenas se ambos estamos presentes. Quer dizer, eu não saio por aí fodendo como um louco o que passa na minha frente, nem Ana o faz. É com um casal que nos agrade, na casa deles ou na nossa, um hotel, tanto faz. Só que Ana agora diz que está apaixonada por Beatriz.

–Porra, Manu...

–Não me vem com discurso moralizante sobre como seria se não tivéssemos feito isso. Divertimo-nos muito e o fato de sua mulher se apaixonar por outra pessoa pode acontecer assim ou no trabalho, então não me fode e vai cuidar da tua anã psicóloga.

–Oh! Não tinha me dado conta...

Levantou-se, deixou uma nota no balcão, deu-me um tapa nas costas e se foi. Dava a impressão de ter mingüado dentro da sua roupa. Fiquei no bar pensando no curioso amor humano, se não seria uma estupidez isso da Ana com essa Beatriz e se não era uma verdadeira lástima que vinte cinco anos de casamento fossem pelo ralo. Olhei no telefone, tinha uma mensagem da Lara desculpando-se por não ter respondido antes e sugerindo encontrar-nos em uma hora.

Não me agradava, eu não ia ser uma boa companhia. Fui para casa, brinquei um pouco com os gatos, o novato estava se adaptando a vida em família. Souou outro Whatsapp. Era Lara «Vai rejeitar minha proposta?» e uma carinha triste. Tenho que aprender a tirar isto de “mensagem visualizada” no celular. Ia responder com um «Não, é que estou cansado» quando algo fez um click em minha cabeça. «Não, estou tomando uma ducha e te busco em vinte e cinco minutos, se não te parece muito tarde». Outra carinha, desta vez feliz, foi a sua resposta.

Lara estava entrando em casa com seu cachorro quando cheguei com o carro. Devo ter caído bem ao bichão porque não parava de fazer festa para mim.

Olha, Manolo, o senhor comissário “*Dom interessante*” não conseguiu evitar de vir te ver –disse imitando um sotaque como em uma série de televisão.

–Desculpe, a semana está começando a pesar e recebi uma notícia ruim ainda a pouco.

–É cedo ainda... Em Sidney – riu – Entra enquanto prendo o pequeno?

–Claro. Quanto come essa coisa?

–Vai ofender o pequeno Manolito se fala assim. Ele não tem culpa do mundo ter encolhido – disse-me com uma cotovelada cúmplice.

O pequeno de cinquenta quilos movia o rabo e nos olhava. A sua dona deixou cair a chave três vezes. Estava nervosa ou era uma encantadora estabanada.

A casa de Lara foi um choque para mim: era como uma destas casas que saem em seriados de televisão de pessoas que sofrem da Síndrome de Diógenes, mas com livros. Tinha livros por todas as partes, livros pelo chão, livros na mesa, livros por toda a pequenina cozinha. Não era um apartamento maior que sessenta metros quadrados com livros para encher de sobra bibliotecas municipais.

–Pega uma cerveja da geladeira! –gritou-me desde o que intui ser o único quarto, fora sala, cozinha e banheiro do apartamento.

–A geladeira é aquilo que não tem livros em cima?

–Gracinha... Manolo, morda o senhor careca ali fora, ok! –Ouvi como falava com o cachorro. «Senhor careca»... Claro. É o que eu sou. Peguei «A» cerveja, a única. Como encontrar agora um abridor neste caos! Talvez a capa deste «El bunker de Noé» sirva para abrir a cerveja, vai saber.

–Na gaveta de cima, dos talheres, Félix... –disse-me desde o batente da porta, apoiada e olhando-me muito séria. Estava descalça. Meus olhos foram direto às suas unhas pintadas de vermelho.

–Não vou perguntar se você leu isso tud...

Não acabei a frase. Colocou-se na ponta dos pés e beijou-me. Abracei-a e continuamos a nos beijar por cima de todos os seus livros. Sua roupa e a minha acabaram em cima de ensaios, romances,

recopilações de relatos, gibis... De algum modo chegamos até a cama e seu cachorro saiu sem que nós víssemos. Não sei quem se deitou com quem. Ela tomava as rédeas alguns momentos em outros se deixava levar.

–É curioso que aconteça isso hoje – disse quando já estávamos descansando.

–Por quê? Acredita em numerologia ou algo assim, senhor comissário?

–Não, é que justo antes de vir aqui estive com Manu, meu companheiro.

–O altão que se acha o galã, sei.

–Olha só, e eu que achava que todas ficavam loucas por ele.

–Coloca isso na sua cabeça, Félix – disse enquanto tocava minha testa com o dedo indicador –

Mulheres e homens têm gostos muito diferentes e esse típico «Meu amigo é o máximo» costuma esconder um babão, um cretino ou um cara feio diretamente. E o que aconteceu com o ator canastrão?

–Vai se separar depois de 25 anos de casamento.

–Putz, perdão, não quis ser grosseira.

Encolheu-se junto a mim. Não me havia ofendido, ao contrário. Sentia-me o máximo por ser eu a ficar com a mulher desta vez.

–Não foi nada. Você nem conhece ele.

–Bom. Então, não ficou chateado comigo?

–Por que ficaria?

–Pela boca grande e... Por ter te estuprado assim – riu.

–Enquanto não me engravide... Falando nisso, não usamos camisinha, parecemos dois adolescentes irresponsáveis.

–Essa pancinha tua me diz que já está grávido de três meses. E fica quieto.

–Mas nem abri a boca...

–Mas pensou: «Será que Lara faz isso sempre em seus primeiros encontros?».

–Te juro que nem tinha pensado nisso.

Outra vez sendo transparente. Parecia que todo mundo sabia o que eu pensava em todo momento. Estava incomodado com isso.

–Ah... Só lembrando que sou uma psicóloga. Na verdade: Vejo na tua mente que você adora um “canudo”.

Não tive como replicar. Levantou-se, pegou a camiseta que estava sobre uma pilha de «Spiderman», colocou e em dois minutos voltava com uma caixa de madeira de onde tirou todo o necessário para enrolar um cigarro de maconha. «Parece que não se importa que eu seja policial», pensei.

–Tens uns pés maravilhosos Lara. Uns trinta e oito?

–Ahá. Sempre pensei que eram muito grandes para minha altura. Gosta mesmo deles?

–Adorei... Que mania as mulheres tem de associar pés pequenos a bonitos. Isso é para os chineses.

Olhou-me com os olhos muito abertos quando comecei a chupar o dedão do pé direito.

–Ai! Para, por favor. É muito intenso e não quero te dar um chute... Você é parafílico?

–Não sei o que é isso. Eu gosto dos pés das mulheres.

–Por mim está bem, deve fazer massagens fabulosas. E parafílico é o termo correto para aquilo que os leigos chamam «fetichistas».

–Então sou isso aí de parafilitico. Ainda mais com esses seus pés preciosos.

–Sabe de uma coisa Félix. Senti-me muito mal quando me chamou «Laura» o outro dia quando fomos na cafeteria. Sobretudo porque eu havia sido sincera e te dito que...

–Não ia acontecer nada entre a gente. Eu sei, fiz de propósito: você me dá um chute eu te dou outro.

Beliscou-me com gana. Contra ataquei com cosquinhas. Voltei a beijá-la enquanto brigávamos e acabamos sem enrolar o baseado.

A manhã seguinte fui acordado com lambidas do seu cachorro. Levantei-me e tropecei em uma pilha de livros. «Esta moça precisa por um pouco de ordem nessa casa», pensei. Superei minhas angústias diante do caos e consegui chegar até a cozinha. Claro, não tinha nada para o desjejum. «Ir fazer compras», adicionei mentalmente. Decidi que o melhor era acordá-la e que fôssemos a algum lugar para o café.

• • •

Em cada primeiro sábado do mês, desde alguns anos, os antigos companheiros de direito se reuniam pela manhã para jogar uma partida. O homem havia sido o primeiro a chegar, gostava de se trocar no vestiário e voltar a sua casa após o futebol corretamente vestido. «A roupa de esporte, somente para fazer esporte» repetia a seus amigos quando eles criticavam sua mania depois do jogo. Não era nostálgico de seu tempo na universidade, tumultuado e coalhado de violentos confrontos com «Os porcos» da Filosofia, mas era agradável reunir-se uma vez ao mês com aqueles que haviam sido seus companheiros de estudo. Alguns haviam mudado um pouco, outros haviam endireitado suas vidas e tinha Martinez, por ele nunca havia sentido uma simpatia notável e ele sempre se equivocava com seu nome.

–Porra, você está sempre feito um almofadinha... Será que você não é uma bichinha, Josémi?

–José Antonio. Eu me chamo José Antonio... –Disse o homem com meio sorriso – Parece mentira que depois de tantos anos você continua me fazendo a mesma piada.

–Que piada? Eu te juro que sempre pensei que seu nome fosse Josémi.

Todos riram. Incluso o homem, mas no fundo desejava encontrar algo sobre Martinez que justificasse... Não, eram um pouco irritantes os seus modos, mas era pai de dois filhos e respeitava sua mulher. Havia herdado o buffet familiar e defendia sempre causas justas e decentes. Inclusive lhe ofereceu um trabalho quando José Antonio perdeu o seu no ano passado. Não, Martinez era chato, só isso. «E no fundo ele é bom», disse. Ademais, logo seus amigos iriam ficar muito orgulhosos dele.

–Vamos tomar uma cerveja? – Perguntou Fermín, que aos seus trinta e sete anos estava conservando o aspecto juvenil e aquele brinco tão vulgar na orelha esquerda.

–Eu não posso. Tenho coisas para fazer – falou o homem. Recolheu sua bolsa de esportes e se despediu de todos eles, dirigindo-se até onde havia estacionado o carro.

Quando já estava longe de seus companheiros eles fizeram uma reunião.

–Com certeza devo ter Alzheimer, mas não me lembro deste Josémi na faculdade. –disse Martinez. Os demais riram.

–Olha, eu acho que sim. Não? Vem todos os meses eu acho... Então deve ter estudado com a gente, Paco.

–Talvez, Fermín, talvez. Mas é que por mais que tente me lembrar... Eu me lembro de ti, claro, do Abel, o caramujo, da Ana dos peitos grandes, da Monica a anãzinha, do Moro, do Candido o caipira... Mas deste cara aí, nada.

–Olha na foto da turma, quando chegar em casa –disse outro dos amigos – Vou ligar para minha mulher e tomamos aquela cerveja. Todos?

Nunca se lembraram de olhar na foto da turma. Ninguém nunca havia comprovado que, de fato, José Antonio García tinha estudado direito com eles.

V

O homem chegou mais tarde do que gostaria a sua casa. O tráfego ficava impossível assim que começavam a cair quatro gotas na cidade. Dava a impressão de que os paulistanos nunca haviam visto chuva.

Sacudiu o guarda-chuva antes de abrir a porta e deixou-o no suporte. Largou as chaves do carro, da casa, umas moedas soltas e sua carteira sobre o móvel estilo *castellano* da entrada. Tirou a gabardine e pendurou no gancho. Tirou o sapato e colocou uma pantufa de andar pela casa. Saudou sua mulher, que deu um pulo.

–Olá, céu.

–Pelo amor de Deus José! Você me assustou.

–Perdão. A menina está deitada?

–Claro. Olha que hora é.

–Ela perguntou por mim?

–Não, dormiu muito rápido, você sabe que ela é boa nisso. Guardei seu jantar no forno. Por que chegou tão tarde?

–Tinha trânsito. Deixa, eu faço isso – O prato que sua mulher tinha na mão era um filé e batatas fritas – Hoje é quinta-feira. Nas quintas-feiras jantamos peixe, Mari Carmen.

–Eu sei homem, eu sei, mas não gostei do peixe que tinham no mercado, não sei se foi este calor absurdo de ontem em novembro, somado com este clima louco que do mesmo jeito faz um frio de congelar, mas não gostei do que eles tinham..

–Enfim. Bom, isto vai estar delicioso. Este fim de semana vou até o povoado.

–Teu pai não está? A menina queria ir ver um filme de desenho.

–Não gosto destes filmes, Mari Carmen. Não tem valores.

–É muito pequena José... E todas as suas amiguinhas já viram. Vamos acabar criando ela como a estranha da classe.

–Que estupidez... Os estranhos são eles.

–E tem que ir ao povoado este fim de semana?

–Sim, vão chegar algumas coisas que meu pai precisa para a horta.

–Mas vocês quase não se falam.

–O que aconteceu com minha mãe lhe fez muito mal.

–Hum. E agora o quê? Vai jantar e vai te trancar com o computador?

–Não, Mari Carmen... Vamos ver televisão? –Queria trocar de assunto, sua mulher tinha que acatar o que quer ele dissesse, não colocar em dúvida todas as suas decisões, mas tampouco queria uma discussão neste momento.

–Claro, vai começar o Big Brother.

–Preferia ver outra coisa, isso me parece tão pouco... Tão... Tudo bem, pode ser.

Sua mulher acabou dormindo no sofá, apesar dos gritos e confusões dos participantes do programa. « Por que vemos isto? Diziam que era um experimento sociológico e não são mais que oportunistas buscando fama e dinheiro fácil? Quando saíam já sabemos o que vai acontecer... Não tem mensagem, não tem nada de positivo nisto» reflexionava. O tédio cruzava a sua mente.

Desligou a televisão. Acordou sua mulher que se dirigiu cambaleante até o dormitório. Foi até o pequeno quarto onde tinha o computador e navegou pela internet por uma meia hora. Estava ficando tarde, assim que se trocou, colocou o pijama e se meteu na cama. Não conseguiu dormir por um bom tempo. A ideia que havia tido lhe fascinava: o poder da televisão. Bem utilizada poderia ser de grande alcance.

Na manhã seguinte, acordou antes de soar o despertador, como sempre fazia. Banhou-se, vestiu-se e esperou o desjejum. Sua filha se enrolava e não queria sair da cama.

–Deves aproveitar o dia, Mamen –disse-lhe muito sério.

–Deixa ela mais cinco minutos José, ela só tem cinco anos... – falou sua mulher do banheiro.

–Nós mimamos muito esta menina, Mari Carmen. Eu na sua idade...

–« Já ia ao colégio sozinho», sim, já sei. Mas eram outros tempos José, não tinha tanto perigo como hoje, com estes delinquentes por todas as partes. Você ficou sabendo que dispararam em uma amiga de Julia no centro? Perto do seu trabalho. Dizem que foi uma vingança por causa de seu marido, o taxista, o que anda por aí tendo « amiguinhas »... Sabe de quem eu te falo? A da loja de doces.

–Carinho, falta muito? Estou com fome e você não saiu do chuveiro ainda.

–Vai fazendo você o café, homem, que nunca faz nada em casa. – Sua mulher soava um pouco contrariada.

–Não, que você vai me dizer que eu não sei fazer, que ponho muito ou ponho pouco. Ademais, eu já trabalho todo o dia fora. – Não quis que seu protesto soasse muito excessivo ou forte, mas lhe havia incomodado muito a sugestão de Mari Carmen.

O barulho do chuveiro deixou de soar. Aos dois minutos apareceu Mari Carmen, com roupão e com a cara muito séria.

–José, eu também quero trabalhar fora de casa. Muitas de minhas amigas o fazem.

–É perigoso, lembra o que acabou de me contar? Ademais, não são tuas amigas, faz muito tempo que você não as vê.

–Porque estão trabalhando! Por isso! Você me deixa louca às vezes, José. Me deixa louca... Vou fazer o raio do seu café da manhã.

E bateu a porta da cozinha com toda a força do mundo. O homem voltou a acordar sua filha e a vesti-la. Já fazia muitas coisas em casa, será que sua mulher não se dava conta disso? Tudo era culpa deste mundo tão moderno. Sua sogra nunca tinha deixado de atender à sua família, a nenhum dos três irmãos. Inclusive quando seu marido faleceu, ela se arrumou com a pensão e sem pedir nada a ninguém.

–Meu salário é bom. Não faz falta que você trabalhe, meu anjo – disse ele enquanto ela servia o seu café. Sua mulher não respondeu.

Comeram em silêncio. Despediu-se de sua filha com um beijo na testa e de sua mulher com um na bochecha. No elevador, encontrou-se com a vizinha do quarto andar. Ele detestava encontrá-la, porque a pobre mulher estava muito velha.

–Bom dia, dona Teresa.

–Olá... Bom dia, Enrique.

–José Antonio.

–Ah, sim. –Como está seu filho?

–É uma menina. Ela se chama Mamen.

–Perdão, filho. Já não sou o que eu era.

Sempre lhe confundia com outro. Cada vez com um nome diferente, uma situação diferente, um trabalho de louco... E já eram vizinhos há dez anos. Tampouco se podia dizer que ele gostasse de chamar a atenção, mas tinha ido a todas as reuniões de condomínio e havia ajudado ela com as compras em várias ocasiões. Até subiu para dar as condolências pela morte de seu marido, o coronel. Sentiu alívio quando a idosa desceu do elevador. Ele continuou até o estacionamento subterrâneo.

Algo não estava bom... No pára-brisas de seu carro havia um folheto. Como teriam entrado numa garagem fechada? Já incomodava muito que deixassem publicidade quando tinha que estacionar na rua, mas em sua própria garagem? Escutou algo... Alguém assobiava. Era o vizinho do segundo andar, colocando anúncios nos carros. « Mal. Não se molesta assim seus próprios vizinhos. E se teu trabalho é distribuir os folhetos, deveria fazê-lo em lugares mais populares»

Abriu em silêncio a tampa do porta-malas e deixou a bolsa que sempre levava para o trabalho. Pegou a arma de choque. Havia esquecido de carregá-la desde o último uso. « Mal, muito mal, você está

virando um descuidado, José Antonio », disse. Observou o que tinha à sua disposição. A manivela do macaco serviria.

O distribuidor de publicidade nem percebeu o que estava acontecendo. Um golpe certo o desnucou. Caiu como um fardo. Dois, três, quatro golpes seguiram. José Antonio já suava quando se deu conta que teria que fazer desaparecer o corpo. Arrastou-o até seu carro. Pegou papel e recolheu o sangue. Procurou em sua bolsa e encontrou uma garrafa de alvejante que derramou na mancha de sangue do chão. Fechou o porta-malas com o corpo dentro e se dispôs a desfazer-se dele. Arrancou, mas se deteve ao se dar conta que a publicidade seguia presa ao limpador de pára-brisas. Baixou o vidro, esticou o braço esquerdo e amassou-a para depois jogar em uma lixeira. Nunca pediria uma pizza nesta empresa.

• • •

Passamos todo o fim de semana juntos. Bom, os dois e seu cachorro, que tinha se ligado a mim de uma maneira absurda. Ele me seguia em todas as partes, movendo o rabo e olhando-me com profundos olhos castanhos. Até me dava a pata de vez em quando mesmo sem eu ter pedido.

–Ele gosta de você – disse Lara com orgulho – Manolito é o verdadeiro psicólogo da família, sabia? Detecta as pessoas boas e não se separa delas.

–Então foi ele que te adotou? Não é?

–Exato... Que bonito. Não o havia visto assim ainda. E teus gatos? Tenho vontade de conhecê-los, mesmo sendo alérgica, mas tenho medo.

–É uma pena, eles são maravilhosos. Eles se chamam Miguel, Rafael, Daniel e ao pequeno ia lhe por Manuel, mas como você já tem o grande Manolo, suponho que terminará sendo Gabriel.

–Te deu conta que todos os nossos bichos tem nomes que terminam em “el”? –Ela disse com um sorriso largo.

–Bom, o meu é por causa do Kal El, que é o nome...

–Do Superman. Presta atenção que não leio só coisas sérias, senhor comissário.

–Eu notei quando peguei minha roupa em cima da edição de colecionador de Watchmen. Obra de mestre, com certeza.

–O único bom, junto com V de vingança de Alan Moore. Olha, olha... O policial tem cultura.

–Bom, digamos que eu não sou *Romero el madero*.

–Você gosta de Ska-P? Outra coincidência!

–São engraçados, prefiro o Dance Hall Crashers e acima de tudo o Queen.

–Olha só, neste não coincidimos. Mercury pode ter sido o que quer que os fãs queiram, mas todas as suas músicas são hinos e me cansam.

–Hinos? Queen tem uma canção pra cada dia e para cada estado de espírito.

–Vamos ver... E a qual estado de ânimo corresponde «We are the champions»? Hã?

–Ao nosso é impossível – disse enquanto a beijava e ria.

–Já vi. Uma pena... Escuta, me deu a impressão pelo Whatsapp, pode me chamar de vidente, de que você não ia vir sexta-feira...

–Certo. Manu havia dito sobre sua separação e eu estava de mau humor, mas logo me dei conta que...

–Clique! Soou em minha cabeça.

–O quê? Menino, quanto mistério.

–Eu tinha esquecido de perguntar: Você sabe fazer perfis psicológicos de assassinos?

–Olha... Não sou especialista, mas em alguma coisa posso te ajudar, tenho um professor que ele sim é referência no assunto. Na verdade ele atualizou a escala Hare para as prisões na Espanha e...

–A escala de quem?

–De Hare, é uma bateria de perguntas nas quais se pontua de 0 a 2. Quanto maior pontuação, mais grave o perfil patológico.

–Certo que eu tiro uns cem... Bom, preciso que me faça um, o que quer que seja isso, com os dados que vou te mandar por e-mail.

–Nunca descansa? – riu.

–Eu passei quarenta e oito horas só pensando em você e em seus pés, Lara.

–Já tava na hora de sair do fetiche...

–Parafília, perdão, foi o que me disse uma amiga.

–Uma amiga? Que sem-vergonha! Anda, sai desta casa decente, senhor comissário!

–Exato, tenho que voltar à minha e verificar o quanto meus gatos destruíram.

–Sim e eu tenho que trabalhar em minha tese, Félix. Envie-me os dados, certo?

Parecia uma despedida. Senti algo parecido a um calafrio por dentro. Achei que já tinha acabado tudo, que não iria querer mais saber de nada de mim. « Um sonho de fim de semana e adeus » foi o que se repetia em minha cabeça. Adeus, obrigado, muito amávelEUTELIGOLOGO... Despedimo-nos com um beijo à porta. Lara parecia cansada. « Cansada de mim com certeza» Fui para o elevador.

–Ligue-me, senhor comissário – disse encostada na moldura da porta e apontando-me com o pé direito.

As nuvens negras sumiram da minha cabeça.

• • •

A semana avançou muito lenta, pesada, com poucas novidades. Na terça-feira eu vi Lara novamente, voltamos a jantar juntos e ela insistiu em pagar a conta. « Que você é um funcionário e tem o salário congelado e estas coisas », disse. Pareceu-me mais um gesto de independência de sua parte que um cuidado com a minha economia, mas me deixei levar. Enquanto terminávamos a sobremesa, uma cuba de whisky para cada um, ela olhou-me fixamente.

–Quê? Por que essa olhada, psicóloga?

–É que... Já te contei que me prenderam há alguns anos. E você não disse nada. Não sei, é como se não te interessasse saber mais e você é policial, Félix.

–É teu passado, Lara, e eu quero conhecer o teu presente e ser parte do teu futuro.

–Perdão, vou ali injetar insulina que vai explodir meu baço, tão meloso.

Rimos. Com certeza eu tinha me passado no açúcar.

–Perdoada... Asquerosa – disse e pisquei um olho – Não é que não me interesse, é que não me preocupa, de verdade.

–Ok, mas e se eu disser que foi em legítima defesa, e aí?

–Pois eu diria que esse idiota mereceu. Já fazia isso “das artes marciais” ?

–Não, comecei em consequência daquilo. Servia para canalizar a ira que sentia e me dava ferramentas para defender-me no caso de que se repetisse algo assim.

–Perdão... Eles te prenderam por uma denúncia de agressão feita por um cara. O que ele fez?

–Espera aí, como você sabe por que me prenderam?

–Você me contou no carro... –Ops, quase confesso que eu tinha olhado seu arquivo.

–Ah, é, foi. Estava tão nervosa naquela noite que eu devo ter contado até minha primeira comunhão.

–Eu também estava um pouco nervoso. Enfim, conta o que ele fez para que você partisse o nariz dele?

–Terminou – levantou-se irritada – Você me investigou, Félix. Eu nunca disse que parti o nariz dele.

Saiu do restaurante com claros sintomas de raiva. Eu fiquei com cara de imbecil e sentindo-me o maior dos cretinos do universo. Alguns instantes depois, voltou. Ela me sorriu e me deu um beijo.

–Desculpe, me perdoa. Às vezes sou um pouco paranóica. Nem te deixei responder e com certeza o que você fez foi verificar nas bases de dados se o palhaço em questão poderia ser um problema para mim. Ademais hoje em dia é normal bisbilhotar as pessoas on-line. Se eu mesma te busquei no Google e vi essa coleção de fotos que você tem no Facebook com Manuel fazendo poses. Droga, sinto muito pela cena, Félix. Poderia me perdoar, senhor comissário? –Disse sem respirar nem uma vez, como uma metralhadora e terminou com um sorriso e um brilho que me pareceu muito simpático. Ela sozinha havia composto a história e me fazia ficar muito bem nela.

–Claro, claro. E ainda mais se me olha com esses olhos grandes. Mas as fotos não fui eu que postei, foi o idiota do Manu. E eu não fico fazendo caras e bocas, é que sou pouco fotogênico. Vamos sair para fumar um cigarro? – Troquei de assunto porque o «fazendo poses» havia me incomodado.

O garçom nos escutou e se aproximou para nos dizer que podíamos acender ali mesmo. Éramos os únicos clientes naquela terça à noite graças ao futebol. Baixou a tranca da porta e se colocou ele também a fumar atrás da porta.

–Olha que sorte, Fortea. Todo um restaurante para nós...

–É. Não te arrepende de ter sido infiel hoje ao teu Barça, Lara?

–Este plano é melhor que ver vinte e dois multimilionários em shorts curtos. Perdoe-me por antes. De verdade.

Duas horas mais tarde meus jeans cobriam a edição de bolso do «Doce cuentos peregrinos» em sua casa.

• • •

«Vamos recapitular o que temos até agora. Está escapando-nos algum dado», disse-nos nosso chefe muito sério na quinta-feira. «Assim que vou pedir à Carrasco que se junte a nós para que ela os ajude a desbloquear isto», sentenciou.

–Chefe, qualquer coisa menos Carrasco – saltou Manu.

Carrasco, Paula Carrasco, ou «A Bruxa» para os amigos, era uma companheira que havia adquirido bastante notoriedade pública ao investigar e deter os assassinos de uma menina de Málaga em colaboração, segundo ela e seis cadeias de televisão, com a Interpol. Na verdade, acho que ela é uma boa policial, mas se esconde atrás do ego. Sempre fazíamos piada de que se perdêssemos «A Bruxa» o mais fácil para ela aparecer seria chamar uma câmera de televisão. Era óbvio que Manu não tinha especial apreço por ela, sobretudo porque nesta investigação ela o fez parecer um inútil, pela sua cara de muito poucos amigos esta manhã.

–Acontece que eu já decidi, Pacheco. E não tô nem ligando se você gosta ou não. Ademais sua experiência em casos cegos será muito bem vinda – disse o chefe.

–Que é experiência? Se o único que fez foi assumir uma ordem de busca e apreensão da Interpol para o estrangeiro esse e pavonear-se como se estivesse em um filme, a tia peidorreira.

–Alguma pergunta mais? –Disse Enrique, ignorando a alfinetada de Pacheco.

–Sim, eu tenho outra, chefe: Vamos ter que usar maquiagem se aparecer a imprensa? – Manu perguntou com sarcasmo.

–Não te cairia mal para tirar essas tuas olheiras, Manuel – respondeu o chefe que tinha o típico sarcasmo galego.

Eu assistia à partida de “ping-pong de pica” como convidado de pedra, porque minha cabeça estava em outro lugar. Tinha que encontrar a relação entre ambas as vítimas, o motivo que havia levado às suas mortes, mas depois de dar muitas voltas, não havia nenhum. Uma mãe de família sem dívidas, com um marido taxista aficionado às roupas modernas, mas sem problemas óbvios por um lado e um namorado cretino, mas o perfeito trabalhador pelo outro.

«Perdoem-me por não ficar para ver quem tem a maior», disse. «Mas quero voltar a ver a namorada da segunda vítima», adicionei enquanto me levantava. Sabia que os protestos de Manu não iam servir para nada. O chefe já nos tinha acostumado a comunicar suas decisões, mas apenas isso: as decisões. Não tinha nenhum indício de democracia inclusiva nele. As pessoas confundem transparência, o que Enrique faz, com tomada de decisões em conjunto. A mim não me pagam seu salário, assim que, porque teria eu que fazer o seu trabalho.

Enquanto isso eu marcava uma audiência com a testemunha «Olá, Andrea? Sou Félix Fortea. Será que eu poderia passar aí para fazer algumas perguntas?», apareceu Manu em minha mesa, furioso.

–Você consegue acreditar? A Bruxa! A maldita Bruxa! E mandando em todos nós, cara!

–Manu, estou no telefone – disse tapando o microfone.

–Sim, claro, tu morre de medo dela. Normal. Você ficou feito um imbecil na televisão graças à perfeita filha da grandíssima puta!

–Perfeito, Andrea, passarei por ai em uma hora. Certo? – desliguei – Vamos, Manu, não pode ser tão ruim, Paula é muito boa em controlar a imprensa e...

–E ela vai foder com a tua namoradina, a psicologazinha, Félix.

–Espera, está saindo um homofobicozinho da sua cabeça.

–Vai à merda, o meu caso com a Ana não tem nada que ver com isso.

–Quem foi que falou na Ana? Foi você, que está com um humor insuportável.

Mandou-me à merda e saiu berrando. « Você que é o encarregado disto, senhor inspetor Fortea, eu sou a secretária. Se quiser algo estou com Morales, vou ver se a perícia sabe dizer por que o bom senso nesta unidade morreu». Ia ser um problema estar entre Carrasco e Pacheco. Talvez Lara pudesse me dar alguma ferramenta para lidar com esta situação desconfortável. Coloquei ordem em minha mesa e saí para falar com a minha testemunha.

A casa onde vivia Andrea Doval parecia tirada de uma série americana: casinhas agradáveis unifamiliares com seu jardim em ruas pouco concorridas. Quem ia dizer que seu namorado a maltratava em um lugar tão idílico? Um odor incrível de algo delicioso e recém forneado me recebeu quando ela abriu a porta. Deve ter notado minha cara porque me sorriu.

–Oi, Félix. Acabo de fazer biscoitos. Gostaria com um café?

–Não posso negar-me a este cheiro, Andrea. Como você está?

Segui até a sala de estar, lugar de mínima decoração e muitos móveis brancos. Eu gostava desta casa tão arrumada apesar de viver ali uma criança.

–Bem, quero dizer, recuperando-me. Enfim, já sabe.

–Não me imagino o que deve estar passando. E seu filho?

–No colégio, claro. Não coloque essa cara... Ele vai a um colégio onde o ajudam a aprimorar suas habilidades sociais e a conviver com seu autismo.

–Não, me perdoe, é... Só me surpreendi muito que esteja tudo tão arrumado em uma casa com uma criança.

–Bom, Luis tem suas manias e uma delas é a ordem estrita. Tens que vê-lo brincando, é o sonho de qualquer mãe: Ele se dedica a arrumar as coisas sempre. Isso o conforta.

–Algo que compartilhamos, seu filho e eu. Também sou um pouco maníaco com a ordem.

–Eh... Não quero ser brusca, mas, em que posso ajudar?

Direta assim como no dia que mataram seu namorado, ou o que quer que fosse o tal Nacho, muito cordial e íntegra.

–Preciso que me diga se recordou de alguma coisa mais sobre o homem que os atacou.

–N-não... Não é assim que aconteceu, na verdade. Não nos atacou. Só foi atrás do Nacho, como se ele fosse o objetivo. Acho mais, juraria... Não estou segura, mas juraria que me cumprimentou depois de disparar. É uma loucura, eu sei, mas eu tive essa impressão.

Um assassino educado, isso eu não havia visto nunca. Segui perguntando.

–Mas, não te lembra de nada dele? Cor dos olhos, altura, algo que o identificasse?

–Mmm... Sigo ponderando desde que aconteceu, mas nada. Era um homem normal, muito normal.

Outra vez o mesmo fim, a mesma descrição. Estava claro que o assassino tinha preparado sua aparência para passar despercebida.

–Tenho que te perguntar algo delicado. Como Nacho era com sua família?

–Bem, muito bem. Olha Félix, Nacho não é... Não era um cara mau, só tinha muito caráter e às vezes ele usava a mão.

–Desculpe, mas você está justificando-o?

–Sim... Isso que minha psiquiatra me diz. Não, não tenho nada grave. É que depois que descobrimos que Luis tinha autismo eu cai em uma depressão e venho me tratando a anos. No final é psiquiatra e confidente.

–Em nenhum momento eu disse que visitar a psiquiatra fosse algo ruim – atalhei. Tinha que redirecionar a conversa – Mas... Não tinha denunciado os maus tratos?

–Que vergonha, meu Deus... Minha família é muito à moda antiga e não iam entender. Não, essa não era uma opção.

–Tem irmãos?

–Não, filha única.

–Bem, a respeito do que acontecia com você e seu namorado, temos uma unidade especializada, talvez fosse conveniente falar com alguém. Mesmo que já não exista Nacho, existem sequelas e não me refiro aos hematomas. O pai de Luis... Jimmy? Sabia o que acontecia com Nacho?

–Não, mesmo porque Jimmy passa a metade do ano dando conferências por todo o mundo sobre física quântica e sobre coisas das quais ensina. Para que alarmá-lo? Eu te juro que no princípio pensei que fosse apenas um episódio isolado e depois que eu poderia mudá-lo. Sou idiota, eu sei.

–Não te julgo, cada um vive como pode ou quer, mas acredito que você pediu ajuda a alguém.

Não, ninguém sabia. E assim espero que fique, Félix, por favor.

Descartei em princípio que alguém de seu entorno houvesse orquestrado a morte de seu namorado. Isso me levava à minha ideia original e que me parecia absurda e terrível: mortes ao azar.

–Bem, obrigado pela conversa e pelos biscoitos. Como faz?

–É a receita mais fácil do mundo, é o biscoito 1-2-3. Está em muitas paginas na web.

–Pois então obrigado por revelar o truque...

–Antes de ir, talvez você possa me ajudar. A mulher que estava com você na delegacia...

–Lara. É a psicóloga que nos dá uma mão.

–Sim, ela fez algumas fotos do meu ex.

–Foi um horror, não tinha que ter feito sem pedir permissão.

–Não, não. Ela fez, foi muito amável e tanto Jimmy quanto eu queremos colaborar com vocês em tudo que for preciso. É que Luis fez um desenho para ela, queria ver se você poderia fazer chegar até ela.

Ela me entregou um envelope grande de papel onde umas letras infantis indicavam que era «Para Lara». Pensei que às vezes este trabalho tem recompensas. Mesmo que não fosse para mim, o fato de que uma criança com autismo tivesse feito um desenho a alguém que lhe havia ajudado em uma situação como a que ele e sua mãe tinham vivido justificava muitas horas de trabalho nojento.

–Claro, tenho certeza que ela ficará encantada. Se em algum momento lembrar-se de algo, me avisa?

–Claro, com certeza.

Deixei o envelope sobre o banco do passageiro. Na saída do bairro, em uma faixa de pedestres, vi a um homem que me pareceu muito familiar em um terno branco. Liguei o rádio: bom, as emissoras de notícias não diziam nada sobre o acontecido em Madri, tudo se centrava na enésima manifestação contra o governo que mais uma vez não serviria de nada, por mais que Lara se empenhe em dizer o contrário.

Troquei para o CD e voltei para a delegacia escutando em *repeat* «You're my best friend» do Queen.

VI

«Encontraram um corpo em uma lixeira» foi o primeiro que ouvi ao entrar de novo na delegacia de polícia. Rezei para que não tivesse nenhuma relação com nossos dois mortos. Vamos lá... O show tinha começado. Paula Carrasco já tinha sido apresentada.

–Muitos de vocês já a conhecem, sobretudo por sua presença na mídia, mostrando nosso trabalho – dizia o chefe com cara de fã – E é um motivo de orgulho para nós que tenha aceitado trabalhar neste caso antes que fique conhecido – As caras de Manu eram um poema – Assim, que sem mais delongas, cedo à palavra à inspetora Carrasco.

Houve um aplauso fraco e se pode escutar o grunhir de Manu, um «Por favor...» sem qualquer dissimulação. Paula levantou-se, como sempre decidida e com cara de poucos amigos. Deu-me a impressão de que tinha perdido peso desde a última vez que a tinha visto, alguns anos atrás. «Claro, a televisão engorda», pensei «e é preciso ficar como uma vara para se dar bem com as câmeras» Havia pintado o cabelo de ruivo escuro, o que não suavizava em nada sua feição seca e severa.

Carrasco abotoou a jaqueta e arrumou a saia cinza antes de começar a falar, respirou fundo e olhou diretamente para Pacheco.

–Obrigado. Sei que existem alguns nesta delegacia de polícia aos quais minha presença incomoda... Eu serei sincera com eles: se o inspetor chefe Vila não tivesse me chamado, eu seguiria muito feliz em minha unidade, mas vejo que aqui está se fazendo falta outra visão para estas duas mortes... Ou três, segundo acabam de nos informar. Com sua permissão Enrique, vamos recopilar tudo que sabemos...

Chamava o chefe por seu primeiro nome. Bonita maneira de dizer que estava em um nível superior ao nosso. Começou a recitar tudo o que tínhamos investigado, a relação das vítimas com suas famílias, seus ambientes e a aparente desconexão entre os crimes. Tem gente que repete o que os outros disseram e logram fazer parecer seu e muito mais brilhante. Carrasco era uma destas pessoas.

–...E hoje apareceu um cadáver em uma lixeira. Na mesma zona do centro onde se produziram os assassinatos anteriores. Doutor Morales?

–Obrigado, inspetora Carrasco. Bem... David Gutiérrez, homem em excelente forma física, vinte e poucos anos, não chega aos vinte e cinco... – Houve algumas risadas veladas – Quero dizer, não quis ser maldoso, é que não devia superar os vinte e cinco anos. Ele não me mostrou a identidade. A sua morte aconteceu ao ser cortada a medula na altura da segunda vértebra cervical, mas antes foi torturado tendo a língua arrancada, levando uma descarga elétrica, com muita probabilidade um *taser*...

Morales era capaz de ser muito literário quando relatava suas observações. O que era óbvio é que quem fez isso não era o nosso assassino. Este havia brincado com a vítima e os anteriores tinham sido literalmente executados. Levantei a mão.

–Sim, Fortea? – Disse Carrasco e eu podia ver no olhar de ódio de Manu para mim: não queria que entrássemos no jogo.

–Me parece que não há uma conexão possível, Paula...

–Inspetora Carrasco – cortou-me muito seca. Fiz como se não tivesse escutado e segui minha linha.

–...porque com este cara, o assassino se dedicou a fazê-lo sofrer e as outras vítimas foram assassinadas em público e ambas com disparo.

–Olha... Fortea, isto é obra de um assassino em série, sim ou sim.

«Já fodeu com tudo... Já chegou a imprensa para o teu show?», disse Manu muito alto. O olhar de Paula foi o suficiente para o chefe intervir. Bravo, não estávamos nem há cinco minutos com «A Bruxa» e já tinha enrolado a linha do carretel.

–Olhem só, todos! Estamos aqui para colaborar entre nós, não para uma guerra cega de egos. Fortea e Pacheco, a partir de agora a investigação é liderada por Carrasco e se ela acha que tem relação entre os

três crimes, fodam-se e façam caso dela. Quero a colaboração em cento e cinquenta por cento, entenderam?

–Claro, *bwana* – soltou Manu fazendo uma reverência teatral – Esta tia só vai nos trazer problemas – disse-me, aproximando-se de mim.

–Quer contribuir com algo, Pacheco? – Grunhiu o chefe.

–Ui, não, não tenho nada, Enrique. E se tiver algo para falar, eu direi a dona Super-policial. Gostaria de ver como ela explica que um cara bombado como este tenha deixado arrancarem-lhe a língua. Não sei, talvez tenhamos que procurar alguém com a cara cheia de bordoadas. Ou ao Batman, digo eu.

– Muito engraçado, Manuel – disse Enrique muito seco – Mas isto, a princípio, não me parece ruim. Vai perguntar nos hospitais se alguém deu entrada com marcas ou socos perto da hora da morte que o Dr. Morales estimou e vamos descartando.

Pareceu-me uma grande perda de tempo na investigação. Vai saber quantas pessoas chegam neste estado em um hospital e ainda mais em Madri. Supus que Vila tentava aparecer na frente de Paula.

« Bom, se já estamos com o orgulho em segurança, vamos observar este mapa que eu preparei em que situo as três mortes em um raio de um quilômetro. O que é muito pouco em termos absolutos», disse Paula com a segurança de quem sabe ser intocável. Separou a parafernália de ilusionista e, não sei onde arrumou tempo, mostrou-nos um bonito mapa de Madri com três pontos e um círculo vermelho. Um belo trabalho de investigação, claro. Mas tinha algo que ela não tinha se dado conta e que eu acabara de ver.

–Perdão, mas, não seria conveniente incluir os domicílios das vítimas?

–E de seus primos da praia! – Disse Pablo, suponho que para aliviar a tensão. Houve algumas risadas.

–Não, estou falando sério, se observarmos os domicílios, todos estão fora deste círculo de um quilômetros. Na verdade, a segunda vítima, Ignácio Santos, vivia com sua namorada na zona metropolitana, muito longe, a primeira vítima na zona norte e o garoto que apareceu na lixeira é do sul. – Disse levantando-me.

–E? –O que importa isso, Fortea?. – O olhar de Paula era de ódio. Não gostava que a contrariassem.

–Pois que isso suporta minha suspeita de morte ao azar ou assassinatos oportunistas. Não busca um perfil de vítimas: mata porque lhe cai bem fazê-lo naquele momento.

Houve um silêncio. Uma destas pausas que se produzem quando várias mentes trabalham juntas e se dão de frente com um detalhe concreto, um flash.

–Se isso é assim – interveio o chefe – estamos bem fodidos. Paula, tem algum perfil por agora?

–Eh, não. Não. Mas creio que você tem alguns psicólogos trabalhando com vocês e eu gostaria de reunir-me com os que tiveram contato com as testemunhas. Enquanto isso vocês fiquem com os olhos muito abertos e a boca muito fechada. Não quero um só vazamento para a imprensa.

«Agora é quando ela te deixa sem namorada», disse-me Manu. Recebeu uma cotovelada como resposta. Fez um gesto e nos reunimos do lado de fora para fumar um cigarro.

–*Show must go on* – disse enquanto me oferecia um cigarro.

–Não sabia que você gostava de Queen. Curioso.

–E não gosto. O maricas esse que cantava me dava nos nervos e ainda a Caballé prestar-se a fazer uma palhaçada daquelas com ele...

–Teu nível de homofobia disparou desde o acontecido com a tua mulher.

–Porra. Nunca suportei os maricões. E as sapatonas tampouco.

–Melhor que Carrasco não te escute falar assim “à lá moderninho”.

–Me come o rabo.

–E você gostaria.

–Sim, é boa demais para ser sapatona. O que tem de errado com essa tia?

–Porra, Manu... Para com isso. O papel de policial das cavernas não te leva a lugar nenhum.

–Desculpe-me, amigo dos gays. – Jogou o cigarro e se afastou.

Fabuloso. Tinha aborrecido a um bom amigo. Eu fiquei pensando se o que Manu dizia era sério, se havia nascido nele esta profunda homofobia em consequência de sua iminente separação. Suponho que é a típica história que não se pode comentar com a família na *paella* de domingo. «Sua mãe e eu vamos nos separar porque a sua mãe se apaixonou por uma tia com a qual nós dois dormíamos» Para o ato seguinte adicionar «Me passa o pão». Sua vida, tão perfeita na aparência, estava se desmontando e se notava em seu caráter, ainda que ele gostasse de aparentar ser forte. Lara passou pela minha cabeça, como fazia muitas vezes nos últimos dias. Talvez fosse uma boa ideia avisá-la sobre a chamada que ia receber de Paula Carrasco e preveni-la sobre «A Bruxa» Desculpa perfeita para escutar a sua voz.

–Olá? Lara? Sou Félix...

–Oi Félix, olha que casualidade que no celular apareça o nome «Félix Fortea» e seja você...

–Haha. Muito engraçada. Escuta, vão te ligar da delegacia, para ver se...

–Paula Carrasco? Já falei com ela.

–Ah, era para que estivesse prevenida.

–Obrigada, estou encantada. Paula Carrasco! Esta mulher é um ídolo para mim. Tão segura de si mesma, tão capaz... Você sabe o caso de Málaga e a Interpol?

–Sim, escutei algo... –Creio que ela notava meu aborrecimento.

–Vou desfrutar muito colaborando com ela. E você? Que tal o seu dia, senhor comissário?

Comecei a pensar na Carrasco em termos muito semelhantes aos de Manu. Tomaram conta de mim uns ciúmes doentios ao comprovar que Lara a admirava tanto por algo que ela não tinha feito: «O caso com a Interpol era um grande invento, atendeu dois telefonemas, deteve a quem o fórum mandou e ali acabou a grande aventura internacional» estive a ponto de dizer.

–Então... Vamos ver. Com a Carrasco por aqui não sei que hora vou acabar.

–Se eu passar por aí, podemos comer juntos. Não?

–Ok, nos falamos logo.

Desliguei como os americanos, sem despedir-me. Fui ver Morales, queria saber se havia algo similar entre o cadáver do lixo e os outros dois mortos. O legista estava em um escritório que lhe deixávamos quando ele vinha ajudar, preenchendo papéis, algo que é noventa por cento do nosso trabalho.

–Posso entrar? E não me faça piadinhas, doutor.

–Olá Félix, entra, entra. Em que posso ajudá-lo?

–O relatório do rapaz que apareceu no lixo: «Lacerações por ataduras», «punção na nuca», «Língua cortada enquanto estava vivo»...

–Um massacre. Quem fez isso odiava o pobre rapaz.

–Eu verifiquei a vítima: além de multas de trânsito para encher uma parede, um par de pequenos delitos e manejo de drogas, não tem nada mais. Era um merdinha com alguns antecedentes.

–Merdinha, não... Estava muito malhado, se nota que malhava na academia. E segue com a tua teoria das mortes ao acaso? A mim me parece um ajuste de contas, algo excessivo sim, o que viria a ser um castigo exemplar para as outras mulas.

–Não temos evidência de qualquer cartel de droga ou coisa similar por essa zona, doutor.

–Aí tens a primeira.

–Ainda acho que tem algo raro.

–Raro? Nem perto disso: o corte no pescoço, o que o matou, foi feito, quase certo, com um bisturi destes que se vende nas farmácias. Encaixa como em um molde. As marcas nas mãos e pés são resultado de abraçadeiras de plástico, não menos de vinte. Tudo muito normal.

–Normal? Tenho escutado muito esta palavra estes dias... –Em que posição o mataram?

–Sentado, o corpo apresentava algum rigor já quando o atiraram na lixeira. Devem ter deixado sangrar para depois tirá-lo da cadeira.

–E se poderia calcular a altura do assassino?

–Tá vendo muita televisão, Fortea... Não sei, suponho que pelo ângulo de entrada do bisturi, talvez poderíamos extrapolar, mas tenho muito trabalho e poucos meios. Recortes, já sabe.

–Poderia me fazer um favor, doutor: Você só me dá os dados. Certo?

A cabeça acelerou novamente. Imagens. Flashes. Pedacos de pensamentos. Foto, dado, computador, cálculos, imagem 3D, ANÁLISE ENCONTRA. Com uma cópia do relatório forense na mão dirigi-me para ver os meus amigos da caverna. Uma coisa boa que tem os nerds é que lhes falta vida social e passam muitas horas trabalhando. Carlos estava ali, claro.

–Me faz feliz. – saudei.

–Como? Não temos nada para você, Fortea, nem pornô nem nada...

–Mas você vai ter. Tem algum modo de extrapolar a altura de alguém se eu souber a altura de uma cadeira, a altura da vítima e o ângulo de entrada de uma ferida perfurante com forma exata e feita manualmente?

–Porra, adoro estes desafios. Ratão, vem!

Ratão era, claro, baixinho, gordo e com os dentes grandes. Também tinha uns grandes óculos e pinta de comer queijo o tempo todo. Falaram durante alguns minutos sobre programas de informática, cálculos e coisas que quase sempre acabam em números ponto algo. Charlie virou sorrindo, subiu os óculos, fez um gesto de gênio e com gravidade disse:

–Podemos te fazer «um algo»... Ratão vai criar um modelo em 3D da vítima e, considerando que teu assassino tenha uma compleição normal, que não seja manco, gorila ou talidomídico, que não tenha se agachado para cravar o que quer que fosse... Creio que podemos te dar um cálculo aproximado da altura do bandido. Serve?

–Acho que sim. E outra coisa... Na foto da câmara do banco se pode ver que o assassino é destro. Seria possível cotar o que sair para ver se são da mesma altura?

–Com a foto tiramos a altura exata do tipo em um flash. Não temos mais que calcular com umas das cadeiras que se vê. É «outro algo».

–E quanto vai tardar em ter esse *algo*?

Ratão resmungou algo que parecia em élfico ou klingon. Carlos traduziu isso como «Umás duas horas». Eu me despedi dos meninos e subi até meu local habitual de trabalho.

A tormenta estava furiosa. Manu discutia às claras com Paula e diante de todo mundo. A cara do Pacheco estava se congestionando por alguns instantes, virou-se e quando me viu fez um gesto de estrangular alguém. Sorri, mas meu humor acabou quando olhei para a televisão que estava ligada atrás deles. Uma manchete se destacava sobre o apresentador de notícias: «Assassino em série em Madri»

• • •

O dono da MovilNow não tinha muita cara de felicidade. O homem se desculpou usando o tráfego, mas Mike, como gostava de ser chamado, não parava de sacudir a cabeça de um lado para o outro.

–Não é só isso Juan Antonio.

–José Antonio.

–Sim, José, perdão.

–Prefiro meu nome completo, Miguel.

–E eu, Mike. Bem, olha, não importa teu nome. Hoje você chegou tarde do almoço, outro dia foi pela manhã... Perde muito tempo no computador. Sabe o quê? Estou farto de você. Estou cansado de você... Da tua forma de ser!

–E o que você sabe de como sou?

–Não vende. Não vende nada. E teu trabalho é vender telefones celulares, mas as pessoas falam com você e acabam comprando da Marta. Ela sim sabe vender. Você é... Inosso, é muito inosso. E já chegou tarde várias vezes.

–Tenho uma desculpa, não foi algo voluntário. E sobre o fato de vender... Até ofereço celulares às pessoas que conheço...

–Sei, sei. Ok. Olha, Juan, vou te dar uma semana para que venda telefones como um louco. Cem no mínimo. Se não, vai pra rua.

Isto já era insuportável. A angústia de trabalhar naquela loja claustrofóbica na qual só entrava luz pela porta, juntava-se à humilhação de ser tratado assim. Iam despedi-lo por não ser um tipo gritão e agressivo? Por vender menos que a ordinária da Marta que quase exibia seus peitos com aqueles decotes? Não.

–Uma semana – disse José Antonio.

–Exato... E quero que limpe o porão assim que encontrar a puta chave, que aquilo vai estar cheio de merda. Agora me deixa que tenho assuntos pessoais. Te põe a vender, droga. Mais atitude, Juan... José, Juanjo ou como for que te chame!

As chaves do porão. Seu «lugar especial» onde atuava. «Não, você não vai encontrá-las», pensou. Seus pensamentos foram cortados quando entraram dois adolescentes pedindo informação sobre um smartphone médio. Dez minutos mais tarde, chegou Marta, com uma roupa inadequada para qualquer trabalho que fosse legal ou decente. Colocou um boné de publicidade, mastigou chiclete de maneira escandalosa, sorriu para os garotos e acabou empurrando dois celulares muito mais caros em questão de minutos.

Os garotos estavam radiantes. De algum modo, que a ele escapava, sua companheira havia sido capaz de engambelar eles para que gastassem o dobro do dinheiro que tinham orçado. «Mal, isso é enganar, ademais, estes garotos não vão poder pagar essas parcelas que ela empurrou» Um deles, o mais alto, inclusive se atreveu a pedir o telefone de Marta e enquanto ela sorria para eles, ele ficou em terceiro ou quarto plano.

O homem se sentiu frustrado: tinha feito todo o trabalho de explicar as especificações técnicas e o tinha feito com grande interesse, mas para variar sua companheira, com sorrisos e um par de posturas

provocativas muito estudadas para parecer casuais, tinha fechado um negócio muito melhor para a loja em instantes.

–Este treco grava vídeo em alta definição, certo? –Perguntou um dos garotos antes de sair – E eu posso fazer upload por streaming? É incrível. A quantidade de vídeos que vamos fazer!

«Fazer upload» retumbou na cabeça de José Antonio. Poderia a tecnologia colocar-se a seu serviço? Sentiu-se feliz. Neste momento, nos escassos sessenta metros quadrados da loja, tinha tudo o que ele ia precisar. Seu chefe, cutucando seu ombro com um dedo, tirou-lhe de seus pensamentos.

–Eh, campeão, a Marta já saiu na sua frente de novo...

–Foi uma venda em equipe – disse José Antonio.

A risada sufocada de Marta e o «Sim, claro» dela doeram como uma bofetada. Miguel o observava com desprezo e a mulher nem estava aí.

–Escutem-me, estou saindo, Raúl disse que o advogado ligou e que... – Miguel fez uma pausa – Nos vão dar a criança! Porra, eu estou tão feliz que até te beijaria a boca Martita. A ti não, Juan, Eh!

Asqueroso. Sentiu-se asqueroso, Não, não era ele. Era seu chefe. Iam adotar uma criança? Ele e o outro tipo com o qual vivia? Que classe de monstro sairia de uma coisa assim? Sentiu-se enjoado. Notou como lhe estapeavam forte às costas. Era Marta, foi depois de ter dado um beijo na boca com o gerente. Ele repugnou esse contato.

–Uma semana, você! - gritou Mike da porta.

–Uma semana de quê? –Perguntou sua companheira enquanto jogava em seu celular.

–Férias... – disse José Antonio – Vamos ter todos umas boas férias... Assim que seria melhor se fizéssemos um pouco do inventário, do mais caro, não? A não ser que entre alguém para nos roubar, Marta. Esta zona, estes últimos dias...

–Ok. Eu nem ligo – cortou a menina mais interessada em seu celular – Pode começar você, eu vou ficar aqui whatsapeando com um cara que conheci na quinta-feira e está boníssimo. Não como você, insosso – riu.

José Antonio fechou a porta da loja com a chave e desceu as portas de aço desde o notebook do seu chefe «Para que não nos incomodem, nem possam ver os telefones mais caros» Acendeu a luz. Sua companheira grunhiu algo, estava mais interessada em seu cyber-romance e nas coisas que lhe mandava o cara. «E ninguém pode ver o que fazemos, Marta», disse o homem antes de acertar um golpe na boca do estômago da garota com a barra de segurança da porta. Caiu inconsciente no mesmo instante.

Tinha as chaves do porão fazia várias semanas e era seu lugar especial. Miguel nunca ia descer ali e a entrada da rua de trás garantia-lhe descrição quando tinha precisado. Moveu algumas caixas e amarrou com cinta de embalar a garota em uma cadeira. Amordaçou-a com várias voltas do mesmo material. Ele se concentrou em configurar o smartphone de alta performance. Acessou a internet em nome de um dos últimos clientes do dia anterior. Máxima banda disponível e pronto, ele teria sua gravação. Subiu à loja por um pequeno tripé que se vendia muito com aquele aparelho e arrumou virado para Marta, que começava a despertar.

A jovem começou a mover-se. José Antonio colocou o taser para carregar e a ignorava enquanto ela, que parecia uma caricatura de uma grande larva marrom com mãos, olhava desesperada e fazia gestos com os dedos e os poucos ruídos nasais que a mordaça lhe permitia.

Tinha que limpar seu rastro. Primeiro o legal, se é que havia. Era consciente que Miguel, isso de Mike lhe parecia afeminado e vulgar, nunca lhe havia dado alta no seguro social apesar de suas reclamações. Agora era uma janela. Ligou o computador de seu chefe e buscou a contabilidade. Pagou uma conta. Alterou vários lançamentos de cabeça para tirar seus onze meses de salário do caixa 2. De todas as formas, tinha tantas irregularidades que era melhor deixar desaparecidos vários milhares de euros para o que tinha em mente e com acesso a conta corrente da empresa, sempre poderia manter-se por um tempo. «Dez mil euros bastaram até que tudo passe», pensou.

Depois moveu todo o material que estava atrás da sua refém, deixou a parede nua e subiu para limpar o balcão da loja e os expositores, mas isso seria suspeito. Não tinha que ter rastro dele na MovilNow. Buscou a caixa de ferramentas, na verdade algo inútil para um comércio assim, que Mike tinha para arrumar os expositores e poupar o dinheiro de novos, e pegou a serra de marqueteira. A folha estava velha, torta e enferrujada, mas serviria. Começou a gravar.

Começou a serrar a mão direita de Marta. A jovem se movia para frente e para trás com tanta violência que temeu que caísse. O sangue espirrou em seu rosto. Esbofeteou-a «Fica quieta, por Deus», disse enquanto começava a cortar a outra mão. A mulher seguia forcejando. Pegou um bisturi e cravou na nuca dela. Não teve mais movimentos. Por um lado se sentiu contrariado, mas pensou que era melhor assim. Começou a limpar o sangue derramado com alvejante.

Parou a gravação. Já tinha outro capítulo mais. Lavou o extremo amputado dos pulsos e foi apoiando as mãos mortas da mulher por toda a loja tendo a precaução de não tocar em nada.

Chamaram na porta de aço. Golpes. Gelou. Conectou a câmera de segurança exterior e verificou desde o computador de seu chefe. «Maravilhas da robótica moderna nas mãos de um preguiçoso como Miguel», ele pensou. Era um tipo bem trajado. Aproximou-se da porta e gritou. «Estamos fechados. De inventário» O ruído na rua impedia que o tipo de fora ouvisse bem, mas deve ter entendido porque ele viu como o cara fazia um gesto obsceno e saia. Bloqueou a fechadura com uma tecla.

«Miguel não tardaria muito. E então começará o verdadeiro espetáculo», pensou. Aproximava-se a hora de fechar e seu encarregado não confiava em ninguém para estes momentos. Enviou uma mensagem com seu celular e esperou a resposta.

Meia hora depois, alguém começou a soquear a porta de aço do lado de fora. Subiu. Pela câmera viu que era o homem que havia estado ali antes, e desta vez mostrava uma identificação policial.

Abriu muito sorridente.

VII

O chefe subia pelas paredes, gritava e todos observavam em costumeiro silêncio. Quando Enrique Vila Salazar se aborrecia, coisa muito frequente, costumava fazer surgir questões de anos atrás. O apelido que algum velho policial lhe havia posto de «O louco» lhe caía perfeitamente. A Manu, jogou na cara algo de três meses atrás, a mim, que eu tinha obsessão com a ordem, a Pablo, que era um chulo e que haviam muitas queixas de seu comportamento. Teve para todos, inclusive A Bruxa levou sua parte.

–Até que você tivesse posto seus saltos aqui não havíamos tido nenhum vazamento Carrasco!

A verdade é que perdia o respeito e a autoridade quando fazia isso. Exagerava e parecia que ia perder a vida com aquilo. Dava golpes pelas paredes, dizia nomes e berrava como uma criança mimada. Nós, que já o conhecíamos, sabíamos que lhe durava uns três minutos, mas era muito ridículo aguentar um adulto em pleno ataque de histeria.

«Eu vou matar o que abriu a boca. Coloquem ele na minha frente que eu mato», seguia berrando. As primeiras vezes impressionava, mas agora, com o tempo, sabíamos que era puro conto. Claro, ninguém tinha dito a Paula que era deste jeito, assim que suas caras de susto eram genuínas.

–Inspetor chefe, perdoe-me, mas... – começou a falar com os olhos muito abertos.

–Nem uma palavra mais! Não quero escutar uma maldita palavra mais! Por que vocês me fizeram isso, merda! Por quê?

Sempre levava para o pessoal. Suponho que era uma tática que deve ter servido em algum momento de sua vida e ele atrelou como um vício. Vila respirou forte um par de vezes, fez um gesto de despeito e mais calmo nos deu as diretrizes:

–Vamos por descarte, se este cara não tinha nenhum traço característico, tem que aparecer alguma coisa, assim que vamos descartar os outros seis milhões de cidadãos decentes que vivem nesta cidade. E ninguém sai daqui até que o façamos.

Era uma porcaria de exagero, mas era um sistema de trabalho. Levantei a mão.

–Diga, Fortea.

–Tenho a informática trabalhando em um modelo para calcular quanto mede o assassino do tipo fisiculturista da lixeira.

–É um princípio – disse Paula.

–Mais do que você conseguiu é – replicou Manu.

Voltou a se enrolar o fio no carretel. Vozes, reprimendas, Málaga, «a tua puta mãe» Interpol... Saí para fumar um cigarro. Olhei o celular. Com as broncas não havia escutado que tinha um par de mensagens de Lara. «Não estou fazendo muito caso dela», retumbou em minha cabeça. Outra vez pensamentos negativos, outra vez meus medos e fantasmas tomando conta da situação. Notei a batida forte do meu coração, bombeando o sangue a alta pressão. Eu comecei a ter dificuldade para respirar e não era pelo cigarro. Ou era. Tinha que largar o cigarro porque cada manhã tossia mais. Outro Whatsapp, desta vez de Manu. Tinha uma chamada e não sabia direcioná-la para o celular. Ele e a tecnologia... Enfim. Atirei o cigarro pela metade e voltei a minha mesa.

O marido da primeira vítima necessitava falar com a gente. Manu não queria fazer, já o havia descartado, «porque o taxista me cheira mal e eu quero saber a tua opinião». A chamada telefônica foi breve. Ficou de chegar em meia hora. Aproveitei para reler e refrescar o pouco que tínhamos sobre sua mulher e mandar uma resposta amorosa para Lara. Mais carinhas sorridentes. Essa garota, o tanto que lê e o tanto que poupa em texto.

Antonio se apresentou pontualmente. Tinha os olhos vermelhos. Desculpou-se por não ter vindo antes, mas estava ficando difícil trabalhar no táxi e cuidar de seus filhos. Ainda que a sogra tivesse mudado por uns dias para ficar com eles, a mulher não sabia onde estava metade das coisas e não parava de recorrer a ele, que não podia se dar ao luxo de ficar em casa.

–Sabem algo do filho da puta que fodeu com a minha vida?

–Estamos trabalhando nisso, senhor Fajardo. Posso lhe chamar de Antonio?

–Claro, prefiro Tony, todo mundo me chama de Tony, minha Mari... Merda, isto é muito difícil, senhor comissário. – Nesta ocasião o «senhor comissário» que tanto me dizia Lara me soou muito mal.

–Pode me chamar de Félix, não sou comissário.

–Ok, e você pode me chamar de Tony. Tem filhos?

–Não.

–Melhor para você.

–Diz Tony, para que você queria falar com a gente?

–Deixa eu ver... É muito difícil que eu vou dizer. Não deve sair daqui.

–Claro.

–Minha esposa, María Jesús, tinha um problema de ciúme patológico.

Compreendi sua aparência. Era um sedutor. Feio, mas um sedutor. Tem gente assim, que adora flertar, que é presunçosa... O próprio Manu, ainda mais depois que me contou como eram seus jantares especiais com a Ana, é um exemplar vivo de um sedutor. Inclusive Pablo, tão reservado, exerce esse papel sorrindo com perfeição e modulando a voz.

–Estes ciúmes, tinham alguma base? Desculpe se te incomoda a questão.

–Sim e não. Olha, eu gosto de mulheres como todo homem normal, mas Mari levava isso muito mal. Eu a queria muito. Mas no táxi você conhece muitas mulheres... Você me entende?

–Não, nunca dirigi um táxi. – Mal, Fortea, mal. Você se colocou na defensiva – Quero dizer, me explique mais.

–Então, acabava tendo clientes femininos regulares, e estas clientes acabam sendo amigas... Já sabe. E, afinal, isto é muito pequeno e as pessoas falam, sabe, e Mari estava transtornada.

–Neste caso tenho que intervir. Sua mulher via a alguém?

–Porra, não. Minha Mari não me enganava, vamos pensar que isso nunca aconteceu...

Essa curiosa moral dupla me surpreendeu, mas ele não podia notar. Ademais, quem sou eu para julgar a alguém? Uma brecha se abria na minha frente. O ciúme é uma poderosa arma, mas, ciúmes de quem?

–Então... Alguma amiguinha destas suas te quer exclusivamente, Tony?

–Escuta, se vai insinuar que quem atirou nela foi uma louca ciumenta, disto eu não tenho ideia. Certo?

Agora foi ele quem se colocou na defensiva, mas era um começo.

–Vou precisar de uma lista de suas conquistas, com todos os detalhes que possa me dar: nomes, telefones, tudo. Vou te trazer papel e caneta.

Protestou, mas não liguei. As pessoas não conhecem seus direitos. Se ele conhecesse saberia que poderia ter me mandado a merda e saído bem pimpão, mas jogar como policial mal e adicionar um «Não gostaria de ter que te pedir de maneira formal» surtiu efeito. Solicitei que alguém desse uma olhada nele e voltei a minha mesa onde um animado debate ou briga, tanto faz, entre Paula e Pablo centrava a atenção do resto. Pablo não queria ir caminhar pelas lojas do centro e Paula insistia, embora estivesse claro que sua autoridade, por muito que o chefe a avaliasse, não era a que ela gostaria entre nós. Então se produziu um milagre. Manu levantou-se, sorriu para Carrasco e disse a Paulo: «Vamos juntos, Pablete, Paula tem razão.»

Creio que A Bruxa tremeu as pernas.

Não podia acreditar no que havia visto e esperei que saíssem para chamar a Manu no celular.

–Pache, você está bem? Que merda foi essa?

–Nada, estou cansado de brigas. E que merda, já que estou com vontade de dar umas bolachas na minha futura ex, vou comer A Bruxa. Começo fazendo ouvido e quando quiser se dar conta, já vai estar com a boca cheia mesmo sendo sapatona.

Soltei uma gargalhada. Manu seguia sendo Manu.

O telefone fixo de minha mesa tocou. Os garotos da caverna haviam terminado em tempo recorde o modelo que eu havia pedido. Comentei com Paula e ela insistiu em acompanhar-me para vê-lo. Tivemos uma cordial conversa padrão sobre o tempo e outros temas insubstanciais durante o trajeto, salvo por um pequeno detalhe.

–Teu colega, o Pacheco, não sei de que lado joga, Fortea.

–Bom, Manu é assim. É veemente quando acredita que tem que ser, mas é um homem nobre.

–Você não o defenda. Esse cara trama alguma coisa – Eu não ia contar o que Manu havia dito que era seu objetivo, mas o subconsciente me traiu e eu sorri – Qual é a graça, Félix? Eu te advirto que se Manuel quiser me foder...

Aí não pude mais. Deixei escapar uma gargalhada. A Bruxa se aborreceu muito.

–Todos vocês nessa merda de delegacia são uns filhos da puta, se não fosse pelo fato de Vila ser meu amigo...

–Perdão, perdão. Não queria te aborrecer, nem que pense que estamos sacaneando você, Paula... É que achei graça porque Manu me disse algo muito parecido. E claro, vocês são tão diferentes, mas tão semelhantes que me fez achar muita graça.

–Você não é normal, Fortea. Tanta ordem, tanta camiseta de super-herói na sua idade e tanta merda... Você é um cara estranho. – Apontava-me o dedo enquanto dizia e, porra, me dava medo aquela olhada.

Os garotos da caverna estavam felizes. Em circunstâncias normais não tratamos com eles, são os malucos, os nerds da informática, mas hoje eram os grandes protagonistas. Chegar acompanhado da estrela da mídia com saltos de solado vermelho deu mais impacto à sua descoberta. O Ratão começou a falar apontando um monitor onde se via um desenho ruim de um homem sentado em uma cadeira e outro atrás, mas como não entendíamos nada, Carlos cortou e traduziu.

–Bem.. Obrigado Rat... Digo Rober... O que temos aqui é um modelo 3D recriando a vítima, este senhor da cadeira, e o assassino, o do bisturi, hehe.

–Abrevia, por favor – disse Paula e seu « Por favor » soou a « Ou atiro em você e como suas vísceras »

–Sim, claro. Com os dados que nos deu o Dr. Morales, e considerando coisas como que ninguém mataria agachado a alguém que estivesse amarrado em uma cadeira, podemos precisar que o assassino mede entre 1,70 e 1,75 metr...

Não pode acabar a frase. Paula levantou com os olhos fixos em mim, com esse seu olhar que faria chorar a um vampiro.

–Tá fazendo graça com a minha cara? Isso é uma piada do teu amigo Pacheco ou o quê? Todo mundo nesta merda desse país mede 1,75m! E você me mostra uma espécie de vídeo game de merda? Vai tomar no cu...

E se foi. O som dos seus saltos ecoou até o elevador. Carlos, Ratão e os outros me olhavam, deslocados, esperando para ver se eu também me aborrecia. Dei um tapa nas costas de Carlos a modo de despedida e sussurrei um «Obrigado, garotos»

–Nem sequer nos deixou dizer que achamos que é o mesmo cara... – disse Charlie – ...Pela zona em que se moveu, Fortea.

–Não te preocupe. Vocês fizeram um grande trabalho.

Se esperávamos que o assassino tivesse uma estatura anômala, acabávamos de confirmar que não era assim. De novo era «um cara normal» e eu começava a ficar farto dessa definição. Liguei para Lara e ficamos de ver-nos uma hora mais tarde. Dediquei esse tempo a fazer a preencher os papéis, a voltar a olhar uma e outra vez as provas que tínhamos. Liguei para a balística com um palpite. E se a arma tivesse sido usada antes de nosso primeiro assassinato? Nas duas mortes por tiro existia uma concordância: um só disparo e no cara que apareceu no lixo um só corte de bisturi. «O assassino não quer perder tempo,

embora com o cara ele tenha aproveitado», pensei. Demoraram em atender ao telefone os caras dos cartuchos.

«Não havia sido usada em outros crimes, mas consta como roubada de um armeiro de um povoado de Burgos há três anos » foi a resposta seca do Joaquin. «E porque caralho não tinha me dito isso antes?», soltei. Desligou na minha cara e eu fui comentar com Paula e meu chefe.

–Enrique, Paula, a arma usada nos dois primeiros assassinatos foi roubada de uma armeria em um povoado de Burgos, mas o caso foi encerrado por falta de provas.

–Vale uma bala chupada – disse Vila, essa expressão era muito comum entre nós quando se tratava de casos que foram esquecidos – Olha para ver se alguém de Burgos sabe de algo.

–Me parece um desvio desnecessário, Enrique – Paula não tinha gostado desta minha iniciativa, era óbvio, mas o olhar do meu chefe parece que tinha acabado de convencê-la – Mas se você acha que é um bom caminho, fantástico. Que Fortea fale com as pessoas de Burgos e nós vemos o que conseguimos por aqui.

–E eu acho que tenho algo para o perfil: Ele mata de um só gesto: um tiro, um corte... – acrescentei com um gesto veemente.

–Vai, vai, Fortea. Teorias estranhas agora não. Ok!? – despachou-me meu chefe.

Voltei à minha mesa. Tinha uma sensação de opressão, de que algo ruim ia acontecer, mas como já aconteceu comigo muitas vezes, deixei passar. Liguei à delegacia de Burgos. Passei os dados que tínhamos da arma e ficaram de ligar de volta. Fui preenchendo papéis para o tribunal e ordenando-os.

O vazamento na imprensa ia cada vez pior. Agora tinham descoberto que andávamos muito perdidos e já falavam do «O fantasma de Madri» em referência ao nosso assassino esquivo. Olhei para A Bruxa. Isto tinha seu selo: fazia-nos ficar mal e depois ela arrumava tudo, fazia a pose e desfrutava uma tournée pelas televisões. Tinha quem dissesse que cada vez que ela ia a um estúdio, embolsava entre mil e dois mil contos. «Filha da puta » quase saiu dos meus lábios. Com razão Manu tinha asco, embora estivesse fazendo caso e caminhando pelo centro com Pablo.

• • •

Pablo e Manu iam em silêncio no carro. O primeiro não sabia muito bem a caso de que o segundo estava lhe dando uma mão quando não tomavam nem café juntos na delegacia de polícia, mas ainda assim agradecia. Ofereceu-lhe um cigarro.

– Preto, não, Pablete. Essa merda vai foder a tua garganta.

– O branco estraga os pulmões, Pacheco.

– Mas não fede como se você tivesse metido a cabeça no rabo de um camelo.

– Então me conta como é a experiência...

– Vai cagar, Pablete.

– Essa sua mania sua de diminutivos... É porque você se acha muito alto ou algo assim?

– Sou alto.

– E estúpido.

– Pelo menos eu não me visto como em uma revista de moda, às vezes eu acho que você é uma mocinha...

– Eu vou deixar o carro no estacionamento. – Pablo não entrou na provocação de Manu. Em grande parte sabia que sua homofobia era uma pose e mesmo que atuasse como um idiota, ele não era um cara ruim.

Estacionou no mesmo lugar onde Nacho havia sido morto dias atrás. Paula havia insistido em voltar a revisar a zona, apesar de que Félix já o tinha feito, « em outra hora, para ver se alguém se lembrava de algo » Levaram a foto tirada pela câmera do banco e um péssimo retrato falado que não tinha nada especial.

– Quase me dá vergonha mostrar este desenho...

– Mais vergonha passou o artista quando me mostrou isso, Pablo. Sabe o que me disse? E cito palavra por palavra, « Para isto me chamaram? »

– O senhor da moda... Você consegue imaginar que é esse cara que saía nas fotos das cabines de foto de anos atrás e que o chamavam « Juan Español Español » ?

– Porra, Pablete... Tens umas ideias muito estranhas, quase tanto quanto tua roupa moderninha. – Pablo ignorou a alfinetada.

– Bom, eu vou à padaria e você... Eu que sei, vai à loja aquela ali de celulares.

– Está muito mandão, não acha?

– Eh, eh, eh... Pisa no freio Pacheco, que foi você que se ofereceu para me ajudar.

– Tá, tá. Sou tão querido...

– Se não soubesse que é o único tira bem casado diria que você quer é foder A Bruxa.

Manu sorriu e apressou seu companheiro « vai antes que resolva me convidar para uma bebida ou duas » Esteve tentado de contar a Pablo a verdade sobre seu casamento, mas não era o momento, ademais, tampouco tinham tanta confiança. Pablo era um pouco estranho, havia rumores que era gay, algo que a ele, até alguns poucos dias, importava bem pouco. Aproximou-se da loja de telefonia móvel. Tinha a porta de aço abaixada. Chamou. Segundos depois uma voz vinda de dentro da loja disse algo de um inventário. Escapou de ser mandado à merda. Estava muito nervoso, muito. O negócio da Ana tinha sido

uma bordoadada em toda a estrutura de sua vida. Respirou fundo e decidiu tomar um café na cafeteria onde haviam matado a primeira vítima.

O lugar era tranquilo, apesar da quantidade de gente que passava por ali a qualquer hora, ninguém diria o que tinha acontecido dias antes. Uma garçonete gorda tirou o seu pedido. Identificou-se e perguntou. A mulher não sabia de nada, tinha poucos dias trabalhando ali e o assassinato não havia acontecido no turno dela. Apesar da hora, teve um click. Aproximou-se do banco onde Félix dizia ter um funcionário com memória fotográfica. O banco estava fechado ao público, mas depois de muito insistir uma mulher magra com casaco e saia se acercou da porta interior. Manu mostrou sua identificação e a empregada permitiu sua entrada.

–Já estive aqui um companheiro seu, o inspetor Fortea.

–Eu sei. –Está ai o seu colega que faz o negócio da memória?

–Sim, Peláez está lá dentro, mas o senhor diretor nos proibiu...

Manu ignorou os protestos da mulher e avançou escritório adentro, perguntando pelo tal Peláez em voz muito alta. Um homenzinho calvo e pequeno se acercou.

–Eu sou Peláez. Em que posso te ajudar?

–Manuel Pacheco, homicídios. Já sei que você falou com um companheiro meu e também sei que você é uma espécie de gênio da memória, mas me perguntava se não teria te escapado algo.

–Pois... –Peláez duvidava – Bem, o caso é...

–Tome o tempo que precisar, Peláez. Até que me conte, não vamos sair daqui. – tripudiou Manu, que sabia o efeito que exercia nas pessoas mais baixas que ele e ainda mais sendo policial.

–Olhe, o diretor é muito estrito quando a horários e não podemos fazer horas extras.

–Eu não dou a mínima para o seu diretor ou o presidente deste banco. Estamos entendidos?

–Estamos, estamos. Não se aborreça, mas creio que ao seu companheiro não dei um dado de propósito, porque meu diretor sempre quer que todos que entrem aqui saiam com uma conta ou um plano e, claro, você compreenderá que eu não queria levar uma bronca...

–Abreviando.

–Pensava em ir vê-los, na verdade.

–Vamos Peláez, que dado? – Manu se impacientava.

–Creio que o homem da foto não é nosso cliente, mas trabalha para um deles. Creio que sei quem é.

–E porque caralho não nos deu esta informação antes? Sabia que posso te meter um processo de se cagar vivo? – Manu meteu as mãos nos bolsos, abrindo a jaqueta com o gesto para que se visse bem a sua arma, outra maneira de intimidar o pequeno trabalhador.

–Escute, escute... É que se o senhor diretor descobre que eu o conheço, mas que não vendi a este homem nenhum produto e que não é um cliente nosso ele vai ficar louco comigo...

O famoso sorriso de Manuel Pacheco chegou a reluzir, aquele sorriso que fazia qualquer um se apaixonar, pensava ele.

–Não se preocupe com o diretor, também tenho chefes bem idiotas. Vamos falar eu e você, amigo Peláez... Qual o seu primeiro nome? Não importa. Peláez é um bom nome.

A mesa do diretor estava vazia. Ali o empregado descreveu a Manu com detalhes quem acreditava ser o indivíduo, o que sabia dele e a relação que tinham.

Manu saiu correndo até a loja de celulares nas proximidades.

• • •

José Antonio não hesitou um instante. Cobriu a camisa salpicada de sangue com um casaco publicitário grande, fechou-o até em cima e subiu para abrir a porta à polícia com seu melhor sorriso e um boné promocional de uma companhia telefônica. Fechou com chave a porta do porão e colocou na frente um par de expositores velhos de uma marca de celulares obsoleta. Os golpes na porta ficavam mais violentos.

–Já vou abrir, estamos de inventário.

–Manuel Pacheco, polícia. Abra.

José Antonio seguia sorrindo ao subir a porta de aço. Convidou o agente para entrar.

–Veja, é que estamos de inventário...

O aspecto do policial, alto e bem trajado, com o cabelo engomado à lá velha guarda lhe pareceu agradável. « Não é como estes modernos agentes com pinta de delinquentes, bom », pensou.

–Está sozinho aqui?

–Sim, em que posso lhe ajudar?

–Tire o boné, senhor...

–García. José Antonio García. – Disse descobrindo a cabeça.

O policial observava-o e colocou uma das mãos na jaqueta. Ele sabia. De algum modo esse homem sabia que era ele. Tirou uma foto dobrada e colocou na frente da sua cara. José Antonio observou que o agente estava suando. Soou um telefone no balcão. Desculpou-se. Precisava afastá-lo da porta, era o único lugar em que poderia ser visto. Era Miguel, dizendo que ia se atrasar e que o esperassem para fechar. «Mas é claro que vou te esperar, Mike», disse consciente que era a primeira vez que havia usado esse afetado nome que seu chefe gostava tanto.

–Escute, agente, era meu chefe. Se não se importa tenho que ir lá nos fundos pegar um pedido.

–Não se mova.

–Como disse? Estou preso por algo?

–Eu lhe disse para não se mover.

Mas José Antonio já tinha começado a se movimentar até a parte posterior da loja. Manuel havia sacado a arma e lhe apontava.

–Você está preso. Deite-se no chão e não faça nenhum movimento...

José Antonio tinha alcançado o laptop de seu chefe e ao pressionar discretamente uma tecla, havia começado a fechar a persiana da loja.

–Fique quieto! – Gritou o policial muito alterado.

–Não estou fazendo nada senhor... O sistema fecha de maneira automática há esta hora.

–Saia do balcão. – A pistola tremia. Era curioso que um homem deste tamanho, com esse trabalho e com esta presença física se mostrasse tão nervoso.

Ele estava tranquilo. Levantou as mãos. Tinha o taser no bolso do casaco de publicidade. Calculou a distância. Três metros, alcance suficiente, mas não podia arriscar-se a ser direto. Com um gesto rápido baixou a mão direita e tocou a tecla que apagava a luz. Ele se agachou. Soou um disparo, seguido de um zumbido elétrico, mesclado com um som gutural.

Voltou a acender a luz. O policial estava se retorcendo no solo incapaz de qualquer movimento voluntário. Repetiu a descarga para assegurar tempo suficiente.

Com tudo fechado, pode arrastar o corpo até o porão. Pesava bastante e temeu que um golpe na cabeça ao descer as escadas tivesse provocado mais danos do que o necessário. Era um policial e não estava nos seus planos acabar com um representante da lei. Ao contrário, em seu interior estava convencido que ao explicar-lhe seu ponto de vista, aliaria-se a ele e assim poderia continuar com seu trabalho de uma maneira mais efetiva, mas os anos haviam demonstrado que não se pode confiar em todos, nem todo mundo tinha valores morais fortes, então era melhor falar com ele em condições controladas.

Imobilizou-o no chão usando a cinta de embalar e várias abraçadeiras. Tentou despertá-lo com um par de bofetadas, mas não tinha maneira. Sentou-se para esperar, dando voltas às enormes possibilidades que isto lhe oferecia. Com um homem da lei do seu lado, seu trabalho seria muito mais simples, chegaria a mais pessoas, teria uma boa cobertura e tudo voltaria a ser como nunca deveria ter deixado de ser.

O policial começou a recuperar a consciência. Grunhiu algo. José Antonio sorriu-lhe.

–Tranquilo, agente. É agente, suponho. Se for capitão, comissário ou outra coisa, por favor, me diga e lhe tratarei como tal, Manuel. Vou retirar a sua mordaca para que possamos conversar com tranquilidade. Não faça nada brusco, por favor.

Os olhos do policial destilavam ódio, pensou. « Claro, não tivemos um encontro muito amistoso »

–Repito: não grite, mais porque não vai adiantar nada. Estamos nos fundos de uma loja, no porão e a única porta dá em uma rua pela qual nunca passa ninguém. Falemos com tranquilidade.

–É... É difícil falar com tranquilidade quando se está amarrado no chão. – disse Manuel, respirando muito forte – Seria bem mais fácil se pudéssemos nos sentar ambos.

–Bem, isso será mais tarde, quando saiba que posso confiar em você. Não me respondeu: agente, comissário, capitão? Como lhe chamo?

–Manuel, ou Manu está bem. E você é...

–José Antonio García Pérez, para lhe servir.

Neste momento Manu pode ver o corpo sem vida, amarrado, de uma garota loira em uma cadeira.

–O que aconteceu aqui José Antonio? O que aconteceu com a garota?

–Gosto de você Manuel, perdoe-me, mas não gosto de diminutivos, embora reconheça que o seu não é efeminado.

–É familiar.

–Melhor, mas eu o reservaria para a família, claro.

–Não me disse o que aconteceu com aquela mulher, José Antonio.

–Ah, isso. Nada, questões de trabalho.

–Você é o chefe? Bela maneira de despedir os funcionários... – Manu sorriu.

–Não, não. Claro, assim embalada você não pode ver muitos detalhes, mas lhe asseguro que vem sempre para o trabalho feito uma prostituta, com uns decotes e umas saias... Provocando, vamos...

–E isso não te parece bem José Antonio. Eu me engano? – Manu havia recuperado a respiração e tentava levantar. Sabia que tinha que observar a tudo.

José Antonio se aproximou e lhe ajudou a apoiar as costas contra algumas caixas.

Melhor assim? Perdoe a prevenção, vejo que você é um homem razoável, Manuel, mas hoje em dia nunca se sabe.

–Com certeza, nunca se sabe. Sim, estou mais confortável assim, José Antonio. Então, me diga o que aconteceu aqui. Esta jovem... Era sua namorada e...

–Não! Por favor! Como você pode achar isso? Estou casado, Manuel. Sou um homem de bem. Um cidadão que trabalha, cumpre com as normas. Sempre. O que está fazendo?

–Me desculpe, mas está me pinicando as costas. Só estava me coçando.

–Se estava procurando o celular está aqui. – O homem mostrou o telefone a Manuel, que aguentou a sua ira. –Não está jogando comigo, Manuel, espero.

–Não, é sério, é que isso é incômodo. Você não tem que se preocupar comigo – «tenho que ganhar tempo, soltar-me e arrebentar com esse louco. Se puder ganhar a simpatia dele...», pensou Manu enquanto seguia se esfregando com a intenção de que o suor abrandasse a abraçadeira e pudesse ter uma oportunidade. – Poderia me dar um pouco de água? Essa descarga elétrica me deixou seco.

–Olha, tem senso de humor. Sim, claro. Aguarde um instante... – O homem virou e pegou uma garrafa de água mineral de uma caixa. Abriu e aproximou-a dos lábios de Manuel, que bebeu avidamente.

–Posso tomar outra? É... Sou... Eh.. Sou diabético e preciso me hidratar bem.

–Está tudo bem, Manuel. Tome.

–Obrigado. E agora, poderia me contar o porquê disso tudo?

O homem se sentou em um banquinho. Fez um gesto quase melancólico, suspirou e olhou Manuel nos olhos.

–Por que está tudo errado. Porque este país está indo, com o perdão, ao caralho e ninguém faz nada. Você sabe o que pode acontecer com um jovem hoje em dia? Mais da metade abandonam seus estudos, não encontram uma ocupação, não leem, não se formam.. E depois, nas eleições, voltam a ganhar novamente os mesmos. Porque sempre são os mesmos embora se disfarcem. Tem visto a televisão, Manuel? É vergonhoso... Deveria ter uma função educacional, valores morais, mas não é assim. É ao contrário: mostra-se pessoas vulgares, homossexuais, desviados que alardeiam sua condição.

« Talvez por aí... » pensou Manu.

–Sim, sim, perdoe que o interrompa, José Antonio. Estou de acordo com isso dos maricas e das sapatonas. São uma praga...

–Exato! Uma praga! Muita boa definição, Manuel. Antes não tinham tantos como agora. Multiplicaram-se, produto da dispersão da ética e da moral. E o novo Papa diz que não é ninguém para julgá-los! Pois quem é o representante de Deus, nosso Senhor? E o Senhor já havia condenado a sodomia e estas outras aberrações! Por isso, porque quero que esta seja uma sociedade sã e sem ataques, faço o que vocês, o que a polícia devia fazer. – O homem havia levantado e caminhava irritado pelo porão. Parou-se em frente ao cadáver da menina – Esta prostituta, que não tem outro nome, fazia uso dos seus encantos femininos para enganar os clientes desta loja. Você consegue imaginar isso? Pois ela conseguia todos os dias. Esta rameira seduzia a pessoas decentes e lhes tirava seu dinheiro com artes repugnantes. E não conhece o dono, Miguel. Vive com outro homem e dizem que vão adotar uma criança. A uma criança! Não sei o que pode se passar pela cabeça das autoridades para que cedam a vida de um inocente a dois monstros assim. Que classe de vida, de valores, de formação espiritual pode ter uma criança criada contra a natureza? Você me compreende, Manuel? Por isso digo, está tudo errado.

–Tudo errado, você tem razão, José Antonio. Veja que até minha mulher, bom, minha quase ex-mulher, tornou-se sapatona. Você pode acreditar nisso? Depois de mais de vinte anos de casamento me diz que está apaixonada por uma mulher.

–E o que você vai fazer? Vai deixá-la assim? Como se fosse algo normal?

–Não, não. Com certeza não, mas é duro.

–Não é duro. É uma aberração, Manuel. Vocês têm filhos?

–Dois, já na universidade.

–Mas isto não pode ficar assim. *Quid pro quo*. Ajude-me e te ajudaremos.

–Sim, seria uma boa ideia. Desculpe, mas me coça muitíssimo o pescoço, seria possível...? – disse Manu.

O homem se acercou até ele e se agachou para coçá-lo. Neste momento Manu lhe deu uma forte cabeçada e liberou suas mãos. O suor havia feito seu trabalho. José Antonio cambaleou e Manuel aproveitou para fazer um giro rápido e dar-lhe uma rasteira. Caiu entre alguns expositores.

Ainda tinha que soltar às pernas, amarradas com abraçadeiras fortes. «Mesmo que me cortem os pés», pensou e fez um movimento que rebentou o plástico. José Antonio começava a levantar-se e Manu se lançou contra ele. Não via sua pistola em nenhuma parte. Começou a bater-lhe violentamente, falar de Ana lhe havia posto furioso, mas tinha que ganhar sua confiança e fazê-lo baixar a guarda. Forcejaram até que o som faiscante do taser deixou espaço para o silêncio. Manu estava inconsciente.

O homem limpou o sangue da boca. Havia-lhe machucado o lábio. Teria sido um excelente aliado. Sacudiu a cabeça e lhe olhou.

–Que decepção. Acreditava que nos entendíamos.

Sacou a arma de Manuel do bolso do casaco e lhe disparou na cabeça.

Tudo se precipitava. Havia cometido um enorme erro deixando entrar esse policial, mas agora não podia parar. Recolheu o celular com o qual havia gravado Marta, colocou em sua bolsa, incluindo a pistola e saiu pela porta dos fundos, insultando-se a si mesmo por ter sido tão torpe.

VIII

Manuel sentia muita dor na cabeça. Não via bem e um sabor metálico lhe inundava a boca. Estava confuso e não sentia o lado direito do seu corpo. Tentou mover um braço. Impossível! Virou-se e pode fazer algum movimento com o esquerdo. O que tinha acontecido? Seu corpo não respondia e estava tudo em branco e preto. Uma dor aguda lhe percorria de cima a baixo. Começou a lembrar: Ana, a discussão sobre Beatriz, sua sensação de queda, o assassinato do centro, o gato novo do Félix, outro assassinato, o ultimato de sua esposa, os gritos, a dor, a Bruxa Carrasco, a sensação de vingança, Ana, o homenzinho do banco. O escuro era quente, de algum modo sabia que estava ferido. Viu seu celular em uma mesa próxima. Ao lado havia um cadáver de uma garota sem as mãos. Demorou muito em conseguir aproximar-se até onde estava o telefone. Usou a chamada automática, o numero 1, a delegacia.

–Delegacia de polícia central. Diga.

Não podia articular nenhuma palavra. Não saia nada de sua garganta. Então viu que tinha muito sangue na mão esquerda. Deitou-se, tocou sua cabeça e algo estava mal: faltava uma parte, não tinha todo o crânio. Faltava a parte esquerda de sua cabeça. Tentou falar novamente e escutou ao longe uma estranha voz que não era sua e que parecia estar em um idioma estrangeiro.

–Olá? Precisa de algo? Não desligue.

Desligou. O que havia acontecido? Por que estava ali? Agora notava o frio na perna direita, muito. « Pensa Manu, pensa », disse a si mesmo. « Te dispararam na cabeça » estava certo. « O homem anódino que já matou mais gente » recordou. « Agora você não pode morrer. Não, por Ana e pelas crianças »

Respirou fundo. Pensou em Ana, Ele a queria acima de tudo.

Suspirou e se deixou abraçar pela escuridão.

• • •

Pablo Grau seguia dando voltas pelo centro. Havia passado mais de uma hora desde que se separou de Manuel e ele não respondia ao celular. O último que sabia dele é que tinha ido ao banco que ficava perto da cena do primeiro assassinato. Pacheco era um policial da velha guarda, não fazia idiotices e por isso todos o respeitavam, mesmo que às vezes fosse um pouco boca grande, sobretudo essa sua mania dos diminutivos e apelidos para todo mundo. Se soubesse mais de Pablo, provavelmente teriam que sair no tapa. Aproximou-se da sucursal onde neste momento os trabalhadores estavam saindo. Identificou-se.

–Olha, vocês vem muito por aqui – disse-lhe uma mulher muito magra.

–Esteve aqui meu colega Pacheco? Um cara bastante alto...

–Um muito bonito, como um ator?

–Vai de gosto, mas sim, este mesmo, senhora.

–Esteve aqui a pouco, falando com Peláez, que é o que está indo por ali.

Despediu-se da mulher e alcançou o homem baixinho e calvo, penteado de maneira ridícula. Estava muito tenso o tal Peláez.

–Pablo Grau, polícia. Disse-me sua colega que você acabou de falar com meu companheiro Pacheco.

–Outra vez? Olha, eu já lhes disse tudo que eu sei e me deixa nervoso tanta atenção da polícia.

–Não se preocupe, é só que eu não consigo localizá-lo. Saberá onde ele foi?

–Olha, sim, mas ele me pediu para não dizer nada. – O funcionário não conseguia esconder certo orgulho.

–Olha, cara de ovo, eu sou policial e a mim você pode falar, estamos certos? – Era óbvio que Peláez era muito impressionável frente à autoridade e a Pablo não lhe fazia nenhuma graça ficar dando voltas pelo centro a estas horas. Tinha ficado e não lhe apetecia fazer Vicente esperar, sua conquista mais recente – Ou me diz voando onde diabos se meteu Manuel ou agarro esse teu penteado de cortininha e te asseguro que te tiro merda...

Peléez tinha os olhos escancarados. Vacilava e se movia nervoso. Pablo apertou um pouco mais.

–Qual é a tua, Peláez? Pornô no trabalho? Putinhas? Ou desvia dinheiro das contas do banco, cretinho?

–Olha só, eu não fiz nada. Seu colega foi até a loja MovilNow.

–Obrigado, chato. E muda esse penteado idiota.

Pablo não gostava de ser chulo, mas uma adolescência sofrendo bullying escolar até que se fartou e partiu um par de bocas, havia lhe permitido assimilar atitudes chulas e baixas que agora eram úteis para não perder tempo. Era óbvio que se esse Peláez comentasse seu modo de agir ele poderia ganhar um processo, mas que demônios... A loja estava algumas ruas acima, com a porta de aço de fora fechada. Chamou à porta, nada. Colou a orelha ao metal. Algo longe, como um sussurro... Deu-lhe um frio na espinha. Pablo sempre se fiava destas suas intuições, sempre o havia feito e sempre tinha acertado. Olhou em seu telefone o mapa da área. O edifício parecia ter uma entrada traseira pela outra rua. Correu, seu estado de forma física lhe permitiu fazê-lo em tempo recorde. « Só para ficarem me chamando de musculoso », pensou.

Apoiou de novo a orelha na porta de metal que se recortava contra uma maior onde calculava ser o fundo da loja. De novo algo, como um som abafado. « Manu? Está aí? »

Chamou à delegacia, tinha uma sensação muito ruim. Avisou sua localização. Voltou a escutar esse som dentro da loja. « Foda-se, se eu ganhar outra suspensão, saio de férias com Vicente », pensou e disparou contra o fecho da porta.

A luz tênue de um farol apareceu no armazém. No chão, cheio de sangue, com o celular na mão, estava Manuel. Ao seu lado tinha uma garota envolta até o pescoço de cinta de embalar. Aproximou-se de seu companheiro que tremia e fazia o ruído que ele tinha escutado. Tinha pulso, muito fraco, mas tinha. Havia recebido um disparo na cabeça, do lado esquerdo e era possível ver sua massa encefálica.

–Tranquilo, Manu, você vai ficar bem – disse falando baixinho. Ligou para a delegacia, pediu uma ambulância e que notificassem o inspetor chefe Vila.

Manuel estava gelado, perdendo temperatura rapidamente. Pablo tirou sua jaqueta, a que tanto se havia rido o Gary Cooper por seu estilo moderno em absoluta oposição à sua clássica e antiga forma de se vestir, e lhe cobriu. Sentou-se no solo e abraçou-o enquanto esperava a ambulância. «Não era assim como eu imaginei um encontro com você, Pacheco» disse suavemente Pablo. Pareceu-lhe que seu companheiro sorria.

IX

O homem observava à distância. Uma pequena multidão se aglomerava nos fundos do que tinha sido seu trabalho até a pouco. Nada poderia voltar a ser o mesmo. Havia chegado duas ambulâncias e três carros de polícia. A cena parecia distante, fria. Os médicos atuavam rápido, profissionalmente.

«Bom», pensou quando viu que tiravam a um corpo coberto em uma maca, mas ao ver que se dedicavam em atender a alguém se preocupou. Talvez não tivesse acabado com esse tal de Manuel, embora fosse impossível que sobrevivesse a um disparo a queima roupa na cabeça.

A cabeçada que lhe havia dado o agente tinha deixado um lábio cortado e uma forte dor de cabeça.

Chegou mais gente, policiais, supôs, porque deixaram eles entrarem no cordão que os agentes de uniforme tinham imposto. Tinha uma mulher alta, ruiva que se lembrava de ter visto alguma vez na televisão. Outro dos recém-chegados, um calvo, abraçou-se com um que tinha a camisa cheia de sangue. O calvo estava desesperado. Devia ser familiar ou amigo do que havia tentado prendê-lo. Teria que vigiar todos eles, adiantar-se aos seus movimentos. Evitar sua mais que provável vingança.

José Antonio estava consciente de que necessitava desaparecer por um tempo, encontrar a paz que se negava e preparar-se.

• • •

«Chefe, Pacheco foi baleado!», berrava um companheiro fora de si. Saltei como uma mola. Todos olhávamos ao Vila.

–Porra, mas não estava com Pablo fazendo diligências? – Foi o único que conseguiu dizer.

–Ambulância? – perguntei.

–Já está a caminho. Tenho Pablo Grau em uma loja do centro esperando com ele. – esclareceu o colega que havia atendido a chamada – Ao que parece lhe deram um tiro na cabeça.

–Fortea, nem te mova! – ressoou.

A advertência era direta. Meu dedo médio saiu disparado com igual velocidade. «Dê-me a localização, agora!» disse com toda a postura que fui capaz de juntar. Saí da delegacia, direto para meu carro, quando alguém agarrou o meu ombro esquerdo. Era A Bruxa.

–Nem me toque, Paula. – Retirou a mão e fez um gesto de desarme.

–Deixe-me ir com você, Félix, deixe-me ajudar. Por favor. – Parecia sincera.

Assenti, subiu em meu carro, ligou o rádio e colocou no jornal. Ligou pelo celular e perguntou se a ambulância tinha chegado onde estavam Pablo e Manu.

Manu, porra, Manu. «Aguenta, porra, Pache», pensei. Tinha os olhos inundados de lágrimas, conduzia como um louco, furei dois, três ou quatro semáforos. Passei uma fileira de dois carros brancos, um vermelho, três escuros e outro branco. Um caminhão bloqueava minha passada. Sua placa tinha dois quatros. Feio. Meu coração batia muito depressa, podia ouvi-lo. Minha cabeça ressoava com Queen e Bohemian Rhapsody de novo, só que agora eu não gostava. Outro carro branco. O caminhão à frente. Dei uma puxada e subi na calçada. Escutei Paula dizer «Por Deus, Fortea, vai nos matar». Acelerei. Um ciclista se esquivou por milímetros. Batemos contra uma caixa dos correios. Paramos. Fiquei olhando a parte nenhuma, incapaz de reagir.

–Vamos,vamos. Assim não ajuda a Manuel. – disse-me Paula – Deixe-me conduzir.

Trocamos de assentos. Paula manobrou e tirou o carro. De repente, tudo ia muito devagar e fazia frio. Não podia pensar claramente. Demoramos o que para mim pareceu ser uma eternidade para chegar. Era a loja de celulares que tinha próximo de onde haviam matado a María Jesús, a primeira vítima. «Tinha que ter me dado conta de algo», pensei, mas me importava pouco neste momento.

Passamos o cordão. Vi como o médico da emergência estava atendendo ao Manu *in situ*. Tinha uma cara ruim. Pablo se acercou e me deu um abraço. Estava cheio de sangue. Não pudemos conter as lágrimas.

–Deram um tiro na cabeça, Félix. Eu tinha que estar com ele, cara. – dizia.

Paula se aproximou para falar com o médico, este respondeu evasivamente e ela retirou-se para deixá-lo trabalhar. Os curiosos se aglomeravam atrás do cordão de segurança. Vi ao homem de branco ali no meio. Os médicos estiveram mais de uma hora fazendo coisas em Manu. Em todo esse tempo, eu não pude pensar. Tinha a mente bloqueada, apagada. Não era como quando faz meditação, não. Era outro tipo de nada. Um nada doloroso. Alguém tocou meu ombro. Era Lara, com lágrimas escorrendo naqueles grandes olhos dela.

–Félix, eu vim assim que me avisaram. Não devia estar aqui.

–Estou.. – Não pude dizer mais nada. Era verdade, neste momento eu só estava, não era.

Entre ela e Pablo, levaram-me até o carro e daí para minha casa. Creio que Lara conseguiu despir-me e colocar-me na cama. Não sei exatamente. Eu acho que ela também se deitou ao meu lado, mas em cima do edredom. Aqueles grandes olhos estiveram me olhando por muito tempo, mas eu não a via.

Caia...

ia.

X

«Forteza não está bem», comentou Paula Carrasco para Enrique Vila quando todos voltaram para a delegacia já de noite. Pablo tinha trocado de roupa e deixado a sua empapada com o sangue de Manu nas mãos da perícia, «Se ao menos tivermos sorte de encontrar algo do filho da puta que atirou nele».

–Grau, vai pra casa. – Ordenou o chefe.

–Olha, Vila, você vai precisar de todo mundo que esteja operacional...

–Não me contrarie. Você já fez muito hoje e se não viu quem disparou em Pacheco não é útil em nada.

E eu não gosto de policiais emotivos soltos pela rua, você sabe.

–Você manda. Mas qualquer coisa...

–Tá, tá. Carrasco, venha ao meu escritório – disse Vila em um tom que não admitia censura.

A policial ruiva seguiu a seu superior até sua pequena sala. Ela estava nervosa.

–Enrique, isto está se tornando algo muito grande...

–Não faça mais. De acordo? Se for sair na televisão me avisa e me fala tudo o que vai soltar. Não quero histeria, pânico e muito menos possíveis imitadores. Que te disseram os psicólogos? Algum perfil?

–Ainda preciso falar com a pequena canária, esta que levou Forteza. Só por curiosidade, estão enrolados?

–Não sei e não me importa. Forteza pode ser estranho, mas é um cara que trabalha duro.

–Bem, os psicólogos não têm algo claro ainda. Suponho que quando a perícia nos der mais dados da loja, poderemos avançar. A mim isto parece um grupo, um bando.

–Por quê? Não tem nada que indique isso.

–Sim, eu sei. É uma intuição.

–Paula, eu gosto de você, mas creio que você está começando a acreditar no personagem.

–Vai à merda, Enrique. – Paula deu um meio sorriso.

–Ok, não podemos descartar nada por enquanto. Olha se a perícia tem algo a dizer, não creio que nos venha mal fazer alguma publicidade do assunto, pode ser que alguém lembre de algo relacionado com essa loja. O tipo trabalha lá?

–Não sabemos ainda, estes teus nerds da informática estão com os computadores que encontramos. A perícia diz que por agora quase não há vestígios, somente da garota morta.

–Vale o dito. Discrissão controlada. Eu vou ao hospital para ver como anda Manuel e depois tentarei saber algo de Forteza.

Paula deixou o escritório e caminhou em direção à caverna. Ela não gostava dos policiais da informática, embora nestes dias eles fossem indispensáveis. Respirou fundo antes de abrir a porta e ensaiou seu melhor sorriso artificial. « Estes, apaixonou a golpes de decote » Solto o botão de cima da blusa.

–Olá?

–Ah, olá, inspetora Carrasco – cumprimentou o alto e magro que acreditava se chamar Carlos – Em que posso ajudá-la?

O ambiente festivo que tinha percebido quando tinha visitado pela primeira vez a caverna havia desaparecido, havia se esfumaçado. Os três garotos estavam muito sérios.

–Olá, meninos. Então, queria ver se vocês encontraram algo nos computadores da loja.

O pequeno com os dentes grandes balbuciou algo que seu companheiro traduziu.

–Ratão disse que ainda é cedo, mas que foram modificados vários arquivos há pouco tempo. Estamos nisso, inspetora.

–Ah, vamos, menos formalidades. Chamem-me Paula.

–Não, senhora, preferimos tratá-la de inspetora. E agora se nos der licença, temos muito que fazer, embora a senhora acredite que nos dedicamos a fazer videogames.

Cada vez que Carlos dizia «senhora» soava a um insulto, pensou Paula. Poucas vezes em sua vida havia falhado o seu charme. Deu meia volta e saiu murmurando «idiotas»

Quando o som de seu salto indicava que já estava no elevador, Carlos reuniu seus companheiros.

–Para esta filha da puta nem água. Sabem o que dizem lá em cima? Que se ela não tivesse forçado a Pablo Grau ir ao centro, Manu estaria bem.

–Vai precisar mais que um decote e um sorriso de lobo para nos seduzir. – Acrescentou Ratão que na ausência de desconhecidos não se colocava nervoso e falava claramente. – E Forty como está? Ouvi que ele ficou feito um polvo...

–Félix é um cara sensível, Ratão. E leva uma parceria com Pacheco de anos. Não sei... Tem que ser uma rocha para ver um colega com um tiro no meio da cabeça – disse Matías, o terceiro técnico.

–O dito: nem água para A Bruxa – sentenciou Carlos – E agora vamos cavar esses HD's com toda a força. Ratão, Matt: se houver algo que ajude a Pacheco, nós temos que encontrar.

Os três colocaram mãos a obra. Três horas mais tarde, Ratão estava exultante. Chamaram a Pablo Grau, que quase os manda a merda por interromper algo com alguém chamado Vicente, mas assim que lhe contaram o que sabiam, mostrou-se muito receptivo. Tiveram que pedir que ele não fosse na delegacia até que tudo fosse verificado.

• • •

O homem chegou em sua casa cansado, o dia não havia saído segundo o planejado. Respirou fundo antes de abrir a porta. Ao menos sua cara não parecia muito ruim, pensou. Sua mulher esperava-o com o jantar feito e a filha deitada. Mari Carmen parecia preocupada por algum motivo. «Lá vem mais reivindicações feministas, certo. Não sei o que mais posso dar a esta mulher...» cruzou por sua cabeça, mas preferiu perguntar o que estava acontecendo enquanto lhe beijava a testa.

–José, você ouviu as notícias hoje? – Foi a fria resposta para seu beijo.

–Aconteceu alguma coisa?

–Estão matando gente no centro, perto de onde você trabalha.

–Nem dê bola, as notícias sempre mentem.

–Isso me dá medo José. E se acontece algo? E se você perder o seu emprego?

–Mari Carmen, o medo é para as pessoas ruins.

–Mas, e se você perder seu emprego? Com a crise está tudo muito ruim... Se ao menos eu trabalhasse poderíamos enfrentar... O que aconteceu com seu rosto? Por Deus José, que diabos aconteceu com você?

Ele agarrou seu pescoço e começou a apertar. Mari Carmen olhava para ele sem entender e tentando escapar. Aumentou a pressão. Ouviu o som de sua traquéia se partindo. Saíam ruídos guturais da boca de sua mulher enquanto a levantava no ar. O corpo ficou sem forças, mole. Deixou-a no chão e se aproximou do quarto de sua filha que dormia alheia a tudo. Tampou seu rosto com o travesseiro e apertou. A menina resistiu mais que sua mãe, mas logo cedeu.

Recolheu algumas coisas que precisava da cozinha, sobretudo artigos de limpeza. Buscou um timer elétrico e conectou um rádio nele. Cada dia da semana tocava às seis da manhã e à noite por algum tempo. Abriu a varanda. Respirou o ar frio de Madri. Ia precisar distrair a atenção sobre o lugar que tinha sido seu lar nos últimos anos. Desceu à loja tocada por orientais que tinha duas portas mais para cima e, superando seu desprezo por eles, comprou todos os sacos de areia para gatos que eles tinham. Voltou para casa com cinco sacos de sete quilos. Colocou o corpo de sua mulher e sua filha na banheira e os tapou com a areia para gatos. Isso evitaria odores indesejados por um tempo. Uma toalha de banho dobrada metida por baixo da porta isolaria ainda mais o cheiro. Com várias sacolas de supermercado e um maçarico de cozinha preparou um selo para o lugar, para impedir a saída de qualquer aroma.

Ligou a televisão. O jornal estava cheio de referências sobre ele, mas chamavam-lhe de um nome ridículo: «O fantasma de Madri». Não tinham entendido nada. Sentiu-se furioso. A policial ruiva que tinha reconhecido horas atrás, explicou que eles estavam perto de prender a quadrilha que havia feito isso. «Não podem!», gritou ao aparelho. Memorizou o nome: Paula Carrasco. A câmera mostrava também o policial calvo e a uma garota morena atendendo-lhe enquanto uma retumbante voz falava do quanto estavam destroçados os companheiros de Manuel Pacheco. Tinha sobrevivido, embora estivesse em estado grave.

Encheu a sua bolsa de esportes com o que necessitaria em um futuro próximo e saiu da casa. Fechou com duas voltas a porta blindada. No patamar, encontrou a idosa Teresa.

–Olá filho, como está tudo? Ui, que golpe mais feio tem nos lábios...

–Está me confundindo com outro, senhora. Eu não vivo aqui.

–Ah, me perdoe. Ultimamente não sou a pessoa que era...

–Acontece a todos, senhora.

José Antonio sorriu.

• • •

Pablo Grau voltou à delegacia no dia seguinte. Fez uma parada na loja de doces próxima e levou mais de um quilo de balinhas. Antes de subir a sua unidade, tomou o elevador até as plantas inferiores. Ao abrir as portas pode escutar a inconfundível «Reflektor» de Arcade Fire. «Estes nerds tem muito bom gosto musical», pensou.

–Bom dia – cumprimentou. O habitual clima alegre que se respirava no departamento de informática, apesar da música, tinha desaparecido.

–Oh, oi, Pablo – respondeu Carlos – Meninos, Pablo está aqui. Ratão abaixa a música, Matt traz o notebook.

–Não sabia que você era o chefe, Charlie.

–E não é – interveio Matías com um laptop em suas mãos – É uma espécie de líder por assembléia. O Ratão ninguém entende e eu fico muito nervoso com as mulheres. Hehe.

–Sim, a mim acontece o mesmo. Sobretudo com a certa bruxa que está tocando o terror – disse Pablo – O que me disse ontem à noite. Está verificado?

–Dupla verificação. Ratão primeiro, depois em prova cega, eu. Assinado e avalizado por dom Carlos Antúnez, oficial de polícia, departamento de delitos digitais.

–Estou sou eu – levantou a mão Charlie. – Ficamos a noite toda aqui para que você tivesse isso na primeira hora Pablo. Se depender de nós, isso não vai ficar assim.

–Ok, perfeito. Vou localizar o proprietário da loja e falar com ele antes que ele venha falar com A Bruxa. Eu trouxe algumas balinhas. É o que vocês comem, não é? Mas só até meia-noite e não lhes dê água.

–Muito engraçado, Grau.

–Não, agora é sério garotos: Obrigado. Não sei por que vocês fazem isso.

Ratão respirou fundo, levantou os óculos e voltou a respirar fortemente.

–Porque Manuel Pacheco é um dos nossos e A Bruxa, não.

Os demais assentiram com seriedade.

Pablo se despediu e encaminhou-se ao domicilio do tal Miguel Somoza, o dono da MovilNow.

• • •

Enrique Vila começava a se arrepender de sua decisão de trazer a Paula Carrasco para liderar a investigação. Não estava sequer seguro de que houvesse um denominador comum entre os assassinatos e o ataque a Pacheco, já que podia tratar-se de uma coincidência infeliz, mas suas ânsias por fazer méritos e o papel com a mídia que a policial ruiva costumava jogar tinham desparelhado a balança, embora agora ele tivesse suas dúvidas. Chamou-a seu escritório.

–Como vamos, Paula?

–Não dormi a noite toda, Enrique...

–Me referia à investigação – cortou muito seco.

–Perícia diz que não tem digitais na loja, fora as da garota e a informática está com o notebook que encontramos. Estes garotos são estranhos, Enrique, me parece que não estão colaborando com tudo como você pediu.

–Paula, não me venha com desculpas. E por seu pai eu te peço, jamais em sua puta vida volte a criticar um dos meus.

–Não, não. Você verá, eu acho que atrás disso existe um grupo organizado, ou um cartel, ou uma gangue, ou...

–Não vai por aí. Se não tem nenhuma prova, não. E me faz um favor de desmentir na televisão toda essa merda de assassino em série.

–E se for? Pensa na publicidade que receberemos quando o pegarmos.

–Não. Não quero mais uma puta paranóia. Eu te disse que movesse apenas o da loja, que vazasse só isso.

–As rádios já têm, a televisão terá em breve.

–Conseguiu localizar o proprietário?

–Ao que parece está no hospital. Sofreu uma crise nervosa quando lhe avisamos o que tinha acontecido na loja.

–Fabuloso... Acelere isso, rápido, Paula.

Um agente do plantão básico bateu na porta do escritório. « Chefe, outro morto. Em outra lixeira. Desta vez era um distribuidor de propaganda, com a cabeça destrocada »

–Agora me diz que não temos um assassino em série, Vila.

Enrique Vila estava pálido. Quatro assassinados. Um de seus melhores homens estava à beira da morte e o outro fodido psicologicamente.

XI

A igreja estava vazia. José Antonio se benzeu e aproximou-se do confessionário. Não tinha ninguém e tampouco era tão tarde. O horário das missas indicava que começava a última do dia às nove da noite, em uns vinte e cinco minutos. Uma voz saudou à distância. Era um homem de meia idade, moreno de pele, mas com os cabelos grisalhos, com calça jeans e uma camisa preta, que apontou o colarinho clerical.

–Perdão, filho. Não têm muitos fiéis estes últimos dias – disse o padre de características exóticas. Parecia sul-americano.

–Quero confessar, Padre.

–Dê-me um minuto e estarei com você imediatamente.

« Mal, a sociedade tem se afastado da igreja. Isto está muito ruim », pensou o homem enquanto se ajoelhava. A pequena janela de treliça se abriu.

–Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo... – começou o padre.

–Perdoe-me, Padre, porque eu pequei.

–São tempos difíceis filho. Quer me contar suas faltas?

–Eu tenho tentado ajudar, mas tenho falhado em fazê-lo.

–Somos humanos. Reze dois Pai-Nossos e três Ave-Marias e o Senhor irá te perdoar. – O sacerdote era rápido, direto ao ponto. Fechou a porta e saiu.

José Antonio ficou alguns instantes no confessionário enquanto ouvia o padre assobiar. Aproximou-se e o viu recolher o Sagrado Cálice do altar, fazendo alguns malabarismos.

–Padre! O que está fazendo?

–Ah, perdão filho, achei que já tinha ido. Isto? O Senhor é amigo da alegria, você sabe. E todos devemos apreciar aquilo que fazemos.

–Mas... Pegar o Cálice assim, sem respeito. E se vestir deste modo...

–Sem respeito, não. Com alegria. Os tempos mudam, filho, e a igreja não é alheia. Olha o Papa Francisco: um verdadeiro exemplo para todos. E agora, se me der licença, tenho que seguir com meus assuntos.

Não. Aquilo não era correto. Não era. Ele tinha requerido o calor da Santa Igreja e esse tipo profanava esses muros com sua atitude despreocupada. Mas devia obedecer, era um sacerdote que tinha falado.

–Padre, quero voltar a me confessar. Eu me esqueci de algo.

–Ah, sim? Não passa nada. Absolvido.

–Insisto. Voltemos ao confessionário. – A voz de José Antonio foi muito firme. O sacerdote observou-o de longe, fez um movimento com as mãos encolhendo os ombros e voltou a entrar no sacro locutório.

–Perdão, filho. Vejo poucos católicos como você nestas terras. Diga, o que mais te aflige?

O homem guardou silêncio por alguns segundos. O padre pigarreou irritado diante o atraso que seus planos estavam sofrendo por causa deste rigoroso fiel.

–Eu matei muita gente, Padre.

–Ok, terminamos. Isso é uma piada ou o quê? Vai sacanear em outro lugar! – O Padre estava muito zangado.

–Não, Padre e quero lembrá-lo que estamos em Confissão, que o Código de Direito Canônico, canon 983-1 diz: « O sigilo sacramental é inviolável; pelo qual está terminantemente proibido ao confessor trair o penitente de palavra ou de qualquer outro modo e por nenhum motivo » – recitou de cabeça. O Padre olhava com os olhos arregalados.

–Acabamos... Agora você vai me dizer como fazer meu trabalho? Fora da minha igreja, idiota.

José Antonio ficou quieto, apertando os punhos. «Não, é um sacerdote. É um homem de Deus. Não, nem pense nisso» Deu a volta confuso. Ficou quieto um instante e voltou ao Padre.

–Você é a vergonha da Igreja! Como trata assim aos bons cristãos? Nem mesmo me deixou explicar!

–Vou chamar a polícia. – Os olhos de José Antonio estavam fixos, sem piscar, no pároco que, ao fim, desistiu – Olha filho, todos estão muito tensos estes dias por causa da crise e toda a incerteza econômica. Vamos voltar ao confessionário e você me conta em detalhes.

Com discrição meteu a mão em seu bolso para verificar que tinha o seu telefone celular. Não era assim, o tinha deixado na sacristia. Tinha que ganhar tempo frente a esse transtornado que podia ser perigoso apesar de sua aparência.

–Vamos, Padre.

–Um instante. Não vai querer te confessar comigo vestido pela metade de leigo. Vou me trocar e dentro de um segundo estarei com você.

O sacerdote desapareceu atrás da enorme cruz do altar. José Antonio ficou perto, atento à atmosfera ritual que se respirava na igreja. Escutou algo, alguém falando. O mau Padre estava delatando-o. Com cuidado, sem fazer ruído, aproximou-se da porta da sacristia, pode escutar a voz clara do sacerdote que pedia para falar com a polícia.

Agarrou o Cálice que o Padre havia deixado na quina do altar, entrou com grandes passos e disparou um só golpe na base do crânio do pároco que caiu feito chumbo, como um boneco quebrado.

«Deus, me perdoe» murmurou. Atirou o celular do Padre contra a parede e começou a chorar. Fez o sinal da cruz várias vezes, sussurrou dois Pai Nossos e voltou a chorar. Estava só.

Ele se recompôs e nem se preocupou em ocultar o corpo. Tinha pressa e isso o atrasaria. Doía-lhe a cara. Esse maldito policial o havia alcançado apenas uma vez, mas tinha feito dano e o pior: isso ia deixar marca.

Precisava ganhar tempo. Enviou uma mensagem com o seu celular. A resposta demorou uma eternidade para chegar.

• • •

Pablo chegou ao domicílio de Miguel Somoza perto das nove da manhã. Atendeu-lhe um tal de Raul que disse ser «o namorado de Mike». Foi muito amável, mas Miguel não estava, já que depois de receber a notícia do que havia acontecido em sua loja, tinha sofrido um desmaio e estava internado no mesmo hospital que Manu. Na hora do ataque, estavam ambos em um escritório de advocacia preparando tudo para se casar.

–Mas como este país está cheio de fachadas e ainda não temos os papéis, não vão me deixar estar com ele no hospital, seguramente – acrescentou Raul com um tom de tristeza.

–Isso é uma estupidez. Nenhum médico ou enfermeira vai se importar quem fica com um paciente.

–Pois nos fizeram umas caras...

–Se de verdade te impediram o acesso pode denunciar.

–Não... Impedir claramente, não.

–Ok. Vou passar para verificar como ele está e falar com ele – Pablo pensou um instante – Gostaria de me acompanhar?

–Claro, agente. É um agente?

–Chame de Pablo.

–Você me chame como queira.

Meia hora mais tarde, o inspetor Grau se identificava e entrava no quarto onde Miguel Somoza, sedado, recebia com um sorriso a seu namorado e ao policial.

–Mike, amor. Este espetáculo de inspetor, o senhor Pablo Grau, me trouxe para te ver. Não é um amor? – acrescentou Raúl com muitíssima pluma. Pablo sorriu e pensou que, se ele tivesse a décima parte dos trejeitos, seria ele o pai das piadas na unidade.

–Encontraram o canalha que destroçou minha vida? – Perguntou Miguel com um grande dramatismo. «Mais certo a tua empregada, idiota», pensou Pablo.

–Ainda não, mas estamos nisso, Senhor Somoza. Tenho algumas perguntas a lhe fazer.

«Não pode esperar agente? Meu amor está arreventado com tudo isto. Compreenda», disse o namorado com muita determinação para acrescentar «mas, se você acha que agora é quando tem que interrogá-lo, quem sou eu para dizer algo...» quando viu o olhar do policial.

–Eu ajudarei em tudo que possa. É certo que torturaram a Marta?

–Estamos trabalhando na autópsia de sua empregada, não sei mais – mentiu Pablo – Diga-me, alguém havia ameaçado a garota?

–Não... É um amor. Ai, perdão, era. Era só alegria e uma maravilha trabalhando, vendia celulares a qualquer um e sempre os mais caros.

–Entendo... Houve algum problema com algum cliente?

–Pois que eu me lembre, não.

–Uma última pergunta: Quem tem acesso ao seu computador?

–Ao meu? Só eu, claro. O outro, o do balcão é o que controla o sistema de automação e este sim está sempre aberto.

–O que pode me contar de seu outro empregado?

–De Juanjo...? Olha, não é na verdade meu funcionário, só ajudava de vez em quando. Não tinha nem contrato.

A velocidade com que Somoza deu sua resposta fez que Pablo sorrisse. «Essa tinha ensaiado» – pensou – «E seguro que nem tinha lhe dado alta no sistema. E agora como eu encontro a este desgraçado...»

Pablo se despediu do casal e deixou o quarto. Uma enfermeira lhe chamou a atenção por começar a falar pelo telefone, mas um dedo médio e sua cara foram suficientes para que a jovem saísse resmungando. «Me passa com o Vila, é Pablo. Chefe, nada, o dono da loja me diz que está limpo, certo que tem um álibi: estava com seu noivo arrumando alguns papéis com uma advogada para se casar porque querem adotar uma criança. Peça para alguém verificar com a advogada, ok? Agora mesmo te mando os dados». Enquanto se aproximava da UTI, onde estava seu companheiro Manu, pensou no casal que acabara de interrogar: «São o típico casal gay, vamos ver quando contar ao Vicente»

Manuel Pacheco, o Gary Cooper da unidade, estava intubado e vendado. Só pode vê-lo através do vidro da UTI, mas um médico comentou o gravíssimo prognóstico de seu companheiro.

E ali estava a mulher de Pacheco. Tremendo. Pablo se aproximou dela.

–Olá, Ana? Sou Pablo Grau, companheiro de Manuel.

Ela o abraçou e começou a chorar.

–Por que, Pablo? Por que Manu? Ele nunca havia atirado em ninguém em sua vida!

–Shhhh... Ele vai ficar bom logo, você vai ver. Já sabe que ele é um cara forte.

A mulher a quem Pablo havia visto apenas uma vez distava muito de ser a loira elegante e segura de si mesma da qual Manuel Pacheco tinha se vangloriado no último jantar do departamento. Uma mulher morena se aproximou com dois cafés. Parou a alguns passos e olhou Ana e Pablo.

–Pablo... Ela é a Beatriz... Uma amiga.

–Muito bem, não é bom que esteja aqui sozinha. Não veio ninguém da unidade?

–Eu liguei para o Félix, mas ele não atende ao telefone. Ontem estive o Vila. –Quem foi, Pablo? Quem? – A mulher voltou a chorar.

–Estamos nisso. Todos. Tem a minha palavra que vamos caçar este filha da puta, Ana.

–É o amor da minha vida, Pablo.

A morena deixou cair os cafés e foi embora. Pablo olhou ambas as mulheres. Compreendeu o que se passava na hora.

–Não te preocupe, Ana. Pacheco vai sair dessa e voltarão ao casamento perfeito que sempre tiveram. Não havia ironia em suas palavras.

–Às vezes tem mais aparência nestas coisas – disse a mulher de Manu enxugando as lágrimas.

Pablo se despediu e voltou à delegacia com um plano na cabeça. Fez duas chamadas.

«Chefe, o tal Somoza não tem ideia de nada», berrou Pablo ao entrar na unidade. «certamente Félix Fortea está de baixa psicológica. E agora, com sua licença, eu vou comer que tenho fome para três», acrescentou de maneira ostentosa. Paula Carrasco lhe escutava com atenção: objetivo cumprido, dados entregues. Foi ver o Dr. Morales.

• • •

Lara assustou-se ao escutar o celular. Estava já há um dia inteiro sem saber de Félix. Nem sequer abriu a porta quando ela foi vê-lo, tão só lhe mandou uma mensagem no Whatsapp dizendo que precisava ficar só. Ela respondeu com um «Deixe-me ajudar», mas não recebeu resposta.

–Diga?

–Olá, Lara Martell, correto? Sou Pablo Grau, companheiro de Félix e Manu.

–Ah, sim, creio que era você com Manu ontem.

–Exato.

–Diga-me, inspetor Grau, sabe alguma coisa sobre Félix?

–Não, por isso te ligava. O chefe quer saber se você, como psicóloga, pode dar a baixa para ele, porque falou com Félix e ele disse que precisava descansar.

–Assim, sem vê-lo....

–É... – Houve uma pausa – O caso é que eu acho que seria melhor se nos víssemos você e eu.

–Pode ser, vou à delegacia.

–Não, Lara. Conhece o Kyoto Wok do centro?

–Sim, mas...

–Ali à uma, por favor.

Pablo desligou. Lara ficou olhando para o telefone. Tinha um par de horas até a reunião com o policial. Passeou com o cachorro e na volta se deu conta do caos que reinava em sua casa. «Não tem nada que ver com a casa do Félix», ela pensou. «A dele é pura ordem, ordem matemática apesar de ter gatos...», ponderava enquanto ia recolhendo os livros, limpando. «As coisas que não se fazem por amor...» chegou a dizer em voz alta. Um amplo sorriso se desenhou em seu rosto. Sim, Lara Martell estava apaixonada por um homem careca, gordo e com muitas manias e obsessões. Colocou música. Bruno Mars encheu o pequeno apartamento com seu «Grenade» Inclusive Manolito, o cachorro de cinquenta quilos, movia o rabo.

Há uma em ponto Lara chegou ao restaurante oriental. Pablo Grau a estava esperando no balcão onde comem as pessoas quando estão sozinhas. Cumprimentaram-se com dois beijos e a psicóloga foi direto ao ponto.

–Por que aqui e não na delegacia, inspetor Grau?

–Por discricção. E me chame de Pablo.

–Me deixam nervosa estas coisas, Pablo. Tem algo de errado sobre Félix que não sei?

–Olha só, no final Fortea te laçou – não sou a sarcasmo, era quase admiração.

–Por favor...

–Não vai sentar? Se você gosta de sushi aqui é excelente.

Lara se sentou com certo aborrecimento. Pablo parecia desfrutar, brincando de encontro enigmático.

–Vamos lá, Pablo, de uma vez por todas, o que está acontecendo? Porque eu não sei que merda estou fazendo aqui.

–Me desculpe, é que eu queria ser educado. Não, não aconteceu nada com Félix além do fato dele ter sofrido algum tipo de colapso nervoso.

–Isso eu já sei. Sou psicóloga e o levei para casa.

–Sim, claro. O caso é que Enrique Vila, nosso chefe, não vai permitir sob nenhuma premissa que Fortea siga nesta investigação. Primeiro, por estar como ele está agora, acredito que tenha caído em uma depressão ou algo assim e segundo, porque o maior inimigo de um policial é a emoção.

–E o que eu posso fazer?

–Dar a baixa para o Félix.

–Eu? Sem nem ter lhe visto desde o de Manu. E não vou tratá-lo, temos... Temos uma relação.

–Sim, eu sei. Mas para nós é vital que Félix faça isso. Não sei se já viu na televisão uma tal de Paula Carrasco, que é policial também.

–Claro. A da Interpol.

–Isso é discutível, pergunte ao Félix o que é isso da Interpol quando estiver com ele. –disse Pablo metendo na boca um pedaço de maguro maki – Deus! Adoro essa merda! Não quer?

–Não tenho muita fome. Escuta, porque fala de Paula Carrasco? Um par de vezes me deu a impressão de que Félix não gosta dela.

–Normal. Essa mulher é tóxica. Tira uma grana graças ao fato de sair na televisão, dizem, e afunda as investigações para então aparecer como salvadora. Agora lidera a dos últimos assassinatos e me parece que não tem nem a puta ideia do que está fazendo.

–Tudo bem, mas se Félix está de baixa, o que ele pode fazer?

–Ajudar-nos. Os meninos da caverna, perdão, da informática me deram alguns dados muito bons do computador da loja onde feriram ao Pacheco e onde havia a garota morta. Félix, que não sei se você sabe, é um louco em encontrar padrões e coisas assim, poderia detectar algo que nós não vemos. Tenho listas de faturas, informes do banco, um monte de coisas que Fortea pode ver.

–Sabia que é um pouco maníaco com a ordem e que tem suas peculiaridades, mas...

–É um policial esmerado e excelente. E eu creio que de tanto usar camisetas de super-heróis, pegou algum super-poder de ver às coisas que ninguém mais consegue. Precisamos dele de volta, Lara. Por Manu, por todos.

–Está bem...

Pablo tirou uma pasta onde estavam os impressos oficiais para dar a baixa ao Félix Fortea.

–Já estão assinados pelo nosso legista, o doutor Morales, só preciso que assine a avaliação.

–Isto vai contra todas as normas... – Lara colocou-se na defensiva.

–E uma bala na cabeça é contra a vida de Pacheco. Precisamos do Félix e precisamos dele livre, sem ficar dando explicação ao tribunal nem nada similar. Depois arrumamos isso com a juíza Iborra.

Um rapaz alto, com barba e que para Lara parecia ser um ator se aproximou por trás de Pablo, o rodeou com seus braços e cumprimentou Lara.

–Lara Martell, Vicente Serrano – apresentou Pablo sem deixar de comer sushi.

–Olá. É a namorada do policial calvo, não é?

–Por que todo mundo sabe tanto da minha vida? – riu Lara.

–Bem, te faltou tempo para colocá-lo no Facebook, linda – disse Vicente – E eu que sou um pouco fofoqueiro não pude resistir a conhecer um pouco mais às pessoas que trabalham com Pablo. E também me encanta o teu cachorro, mas tem que deixar um salário para a comida de semelhante bichão. É uma cruz de labrador com dinossauro?

–Olha, Vicente, vejo que é muito mais falador que Pablo.

–Sim, temos nossos papéis muito específicos: ele é só bonito e eu sou educado, interessante, divertido e ligeiramente dado a conversação.

–Ligeiramente? – Perguntou Pablo com mais sushi na boca.

–Ligeiramente. Come e cala. E você Lara? Não gosta de sushi? Porque eu o preparo que é um primor, não como aqui que vai saber se o cara atrás do balcão é japonês, chinês ou de Calatayud...

–A verdade é que sim, eu gosto, mas com o tanto que você fala não vejo o momento de pedir algo –
Lara voltou a sorrir.

–Então melhor me calar um pouco e nos conta de você, querida.

–Não aguenta nem cinco minutos calado... – Apontou Pablo.

Afinal a refeição foi muito divertida e um prazer para a psicóloga.

XII

A viagem até o povoado sempre lhe trazia lembranças de sua infância, de quando as coisas era mais simples e se cumpriam as normas. «Crescer em um povoado é uma benção para uma criança» tinha repetido muitas vezes à sua esposa, que sempre lhe dizia que não eram tempos para isso.

José Antonio chegou na hora que havia previsto à antiga casa da família. A caixa de correio estava amontoada com cartas e contas. Quanto tempo ninguém passava por ali? Tinha cheiro de fechado. Abriu as janelas e ventilou. Aproximou-se do celeiro, abriu o portão e deixou sua bolsa no chão. Precisava verificar se tudo que havia pedido estava lá.

Sim, o pedido havia chegado.

Uma voz assustou-o.

–Olá, filho.

–Pai? Que susto, não tinha te ouvido chegar.

–Estou na casa dos vizinhos, não gosto mais desta. Não sem sua mãe.

–Já se passaram quase dois anos.

–Podem se passar cinquenta anos! São muitas lembranças. Você veio com a Mari e a menina?

–Não, elas ficaram em Madri.

–Que estranho, liguei esta manhã e não havia ninguém.

–Devem ter saído, pai.

–Claro, claro. O que você tem na boca? Machucou?

–Não é nada, eu escorreguei em casa. Quanto tempo faz que não olha o correio? Tinha muita coisa acumulada.

–Eu não ligo, José Antonio. Não ligo para mais nada.

–Não pai, não deveria. Tem que lutar por aquilo em que acredita, você sempre disse isso.

–Já não tenho idade, nem forças. A propósito, para que você comprou isso? Vai plantar algo na horta?

– Os olhos do pai se iluminaram com um entusiasmo renovado.

-Sim, claro. Vou fazer florescer algo lindo.

–Muito bem filho. Estou muito feliz que esteja aqui, embora seja uma pena que não tenha trazido minha neta.

–Uma última coisa, tem alguma conexão com a internet na aldeia pai?

–No café de Blas tem alguns computadores e você pode usá-los. «Cyber-café de Blas» é o nome agora. Que idiotice.

Seu pai o deixou só. Precisava de tempo para o que ia fazer, descansar e, sobretudo, recuperar-se do corte no lábio, mas alguns dias de paz em seu povoado lhe caíam bem. Logo pela tarde iria ao «Cyber-café».

• • •

Não sei quanto tempo passou. Não sei nem os dias que foram... Amanhecia, eu virava na cama e voltava a dormir com estranhos pesadelos nos quais um homem com terno branco me levava pela mão. Eu era uma criança e o homem me deixava abandonado em uns grandes armazéns. Angustiava-me, chorava, mas o cara do terno branco se afastava rindo. Os manequins brancos me observavam sem olhos. Todos me olhavam, mas eu estava só. Tudo era ausência.

Despertava gritando.

Desconectei o celular depois de vários Whatsapps. Neguei-me pegar o telefone fixo depois de falar com Vila, a quem expliquei que eu precisava de uns dias. Veio Lara, eu sei por que a ouvi, mas não quis abrir. Às vezes levantava, comia algo, pouca coisa, e voltava à cama de onde ficava fazendo zapping horas e horas a fio. Pela televisão, soube que «Manuel Pacheco, o policial ferido no centro por, supostamente, o Fantasma de Madri, continuava em estado muito grave e os médicos temiam por sua vida» Trocava de canal e seguia olhando sem ver. O único que fazia com certa regularidade era trocar a areia dos gatos e alimentá-los. Sentava com eles e brincava sem vontade.

–Vocês não se importam que eu esteja sem ele. Não é assim, lindos?

Era óbvio que não iam me responder, mas de alguma forma o pequeno, o cachorro que ao final havia chamado de Gabriel, o fez. Subiu em cima de mim, trepou pela minha camiseta com estas pequenas e impertinentes unhas que só os gatos jovens têm e começou a se esfregar em meu rosto.

Despencaram as lágrimas. Chorei um bom tempo. O gatinho me olhou nos olhos e miou. Rafael, o gato maior, o que sempre havia sido o antipático profissional, o que nunca brincava nem com os outros gatos nem comigo, observou-me, caminhou até a cozinha e voltou com um dos brinquedos felinos. Deixou-o próximo e lhe deu com a pata direita. Os quatro começaram a brincar diante do meu olhar, olhando-me de vez em quando, observando-me enquanto montavam um pequeno espetáculo para mim. Voltei a me emocionar. Porra, doía muito por dentro. Cara respiração arranhava. Não era algo físico. Era como se o próprio som dos meus pulmões fossem unhas contra um quadro-negro. Tudo era escuro e frio e ainda assim estes quatro pequeninos se empenhavam em fazer-me sorrir e conseguiram.

Não, não podia continuar assim. Eu me banhei, custou um esforço sobre-humano vestir-me de maneira adequada e quando eu me olhei no espelho, eu vi uma versão envelhecida de mim mesmo. Mas voltei a ser eu, fraco e assustado, mas eu.

Liguei para Lara, a quem eu havia recusado as chamadas durante dias. Atendeu no mesmo instante.

–Félix, te odeio – disse muito seca.

–Tudo que você diga ainda é pouco. Olá, eu acho.

Houve uma pausa que me pareceu eterna.

–Como você está? – Não havia emoção em sua voz.

–Eu decidi que... Que, bem... Bem, que não posso ficar assim, Lara – traguei a saliva e o orgulho – Preciso de ajuda.

Outra pausa.

–Vou a sua casa... Félix.

Meu nome soava quebrado em sua voz. Olhei ao redor: tudo estava feito um desastre. Havia caixas de pizza vazias na sala de estar, latas de cerveja e garrafas de refrigerantes atiradas em todos os lugares. O sino das minhas manias e minha obsessão pela ordem voltou a disparar. O primeiro, ventilar. Um saco de lixo grande para tirar toda essa porcaria. Passar um pano úmido. Colocar a roupa no cesto de roupa suja. Aspirar...

A campainha... Merda. Era Lara. Abri devagar e um pouco cabisbaixo.

–Oi, está muito lin...

Levei uma bofetada. Ato seguinte, ela começou a chorar, deu meia volta e entrou no elevador. Segurei-a no meio do caminho com o rosto ardendo. Beije-a, beijou-me. Seguiu chorando. Chorei também. Uma vizinha colocou a cabeça para fora de sua porta.

–Pode ir à merda, senhora? – gritou Lara que mesclava riso com choro, beijos e tapas.

Eu ri. Ri como não fazia há dias. Ficamos sentados no corredor do hall em meu andar. Lara me ofereceu um cigarro. Olhei-a nos olhos.

–Perdoe-me, Lara. Não sei o que acontece comigo, supõe-se que tenho que ser forte, mas....

–Shhhh... Vamos para tua casa e conversamos com calma.

Assim o fizemos. Creio que foram mais de duas horas nas quais Lara me explicou que, ainda que ela se negasse a tomar conta do meu caso, acreditava que eu podia estar sofrendo de algum tipo de transtorno, uma espécie de bipolaridade e a julgar pelos últimos dias, tinha entrado em uma fase de depressão, quase seguro pelo que aconteceu com Manu. Ao que parece eu era um maníaco, não só pela ordem, mas também entrava em fases de algo chamado de hipomania, que era quando eu achava que podia comer o mundo, solucionar um caso em dois dias, de encontrar padrões em sequências de números ou cores e ficava obsessivo com certas músicas.

–Trocando em miúdos: Estou louco – perguntei quando acabou sua exposição e quando voltei a vê-la como no primeiro dia, nervosa e movendo muito as mãos. Inclusive seu sotaque ficava mais acentuado.

–Louco? Não, é um imbecil, o que é diferente. Não posso te diagnosticar, primeiro porque eu te conheço e segundo porque eu não trato com cretinos nem com idiotas.

–Então, como ficamos? – sorri, tentando amenizar as coisas.

–Olha, é um grande idiota por não ter pedido ajuda, é um imbecil porque tens uma namorada psicóloga e não recorreu a ela.

Ficamos calados. Havia dito «namorada» e acabava de se dar conta.

–Tenho uma namorada... – sorri de orelha a orelha.

–Não me troque de assunto, idiota, tonto, cretino, imbecil, ignorante, retonto, reimbecil – me metralhou – Eu estava muito preocupada com você, Félix. Entendi que não quisesse saber de nada do mundo no dia seguinte, mas é que você passou três dias inteiros fechado!

–Não tinha forças... E tampouco agora tenho.

–Sim, claro. Kal El quer sair da depressão em cinco minutos. Isto vai te custar tempo e trabalho, Félix. Idiota.

–Acho que ficou bem claro para mim que, neste momento, não sou sua pessoa favorita.

–Vai marcar uma consulta com um amigo meu. É psiquiatra e não quero o mínimo protesto. Se quando te quebra um braço você vai a um traumatologista, quando quebra a alma também deve ir a um especialista.

–O negócio da alma parece coisa para um Padre.

–Que é o que você vai precisar se não for ver meu amigo. Ele se chama Bruno Soriano, mas para você é doutor Soriano ou estritamente «Sim, farei tudo o que me disser».

Deu-me um cartão amassado. Notava-se que fazia dias que o levava consigo.

–Tenho que falar com meu chefe, voltar à delegacia.

–Está de baixa, Félix. É sim ou sim. Não está em estado de trabalhar. –Foi o primeiro momento em que voltou a demonstrar ternura. Presumi que a ensaboada havia acabado.

–Mas algo eu preciso fazer. Se eu continuar nesta casa, vou acabar mais louco do que já sou, porra. Que horas são?

–São cinco e meia. Por?

–Quero ver Manu.

–Não acho que te deixem vê-lo, está na UTI. Segue muito ruinzinho.

–Pois de baixa ou não, sigo sendo polícia. Assim que eu vou ver ele.

Eu me levantei com mais determinação e velocidade que bom senso e fiquei tonto. Lara me agarrou e evitou que eu caísse. Essa garota tem uma força incrível. «Melhor eu te levar, já estou com o carro aí em baixo. Anda, caminha, senhor comissário...»

Estava de volta.

• • •

Demoramos quase uma hora para chegar ao hospital. O tráfego em uma sexta-feira, há esta hora, com todo mundo saindo do trabalho antes do tempo era infernal. Aproveitei para ligar o celular e escutar as mais de sessenta mensagens que tinha na caixa de correio de voz. Meu chefe compreendia minha situação e me recomendava conversar com um médico. Aparte das vinte mensagens de Lara, com um tom cada vez mais zangado e preocupado depois, surpreendeu-me uma mensagem de Paula Carrasco, que nestes dias tinha se feito com toda a investigação e não deixava de aparecer na televisão, embora eu trocasse de canal cada vez que via ou imaginava sua cabeleira ruiva tingida. Havia me ligado dois dias depois do caso com Manu, insistia que havia um grupo organizado atrás de tudo aquilo, uma nova linha de investigação, dizia, «uma nova estupidez» pensei eu ao escutá-la.

E logo uma mensagem de Ana, a mulher de Manu.

Apesar da amizade com seu marido, eu quase nunca tinha tratado com ela. Sempre tinha me parecido uma pessoa carinhosa, embora distante e, às vezes, algo chata com seus comentários, como se esperasse para soltar um coice, mesmo que poucas vezes o tenha feito. Certamente a mulher que eu escutava no telefone não queria ser nem incisiva, nem feroz, estava quebrada pela dor. A mensagem durou quase dez minutos nos quais se desfazia, dando-me explicações sobre o que eu já sabia, que adorava a seu marido, que sempre o havia amado, mas estavam passando por um mal bocado. «Tá, um mal bocado chamado Beatriz» creio que até disse em voz alta porque Lara me perguntou se estava tudo bem.

–Sim, é uma mensagem da mulher do Manu.

–Achei que iam se separar.

–Isso foi o que disse Manu, mas vai saber agora o que vai acontecer com tudo isto...

Seguíamos em silêncio até estacionar o carro. Na recepção, avisaram que não poderíamos visitá-lo na UTI, mas saquei a identificação e consegui falar com um dos médicos que atendia Manu. Um neurocirurgião muito amável e jovem, todo mundo já é mais jovem que eu, que não nos deu boas notícias.

–Seu colega perdeu parte da massa encefálica em consequência do ataque. O que eu não consigo entender é como conseguiu ficar vivo com um disparo a tão curta distância. Deve ter virado no último momento ou algo assim, mas pelo que me disseram os rapazes da ambulância, também havia sofrido uma descarga elétrica muito forte e tinha lacerações nos tornozelos, como se o tivessem amarrado com algo duro.

Porra, abraçadeiras e um taser – minha mente se acelerou. O cara fisiculturista que apareceu em uma lixeira também tinha sido eletrocutado e imobilizado assim. Era o mesmo filho da puta. Manu deve ter surpreendido ele e por isso ele disparou – Desculpe-me doutor, mas quando diz que Manu vai começar a recuperar-se?

–Não disse. Já te disse que não sei nem como ele está vivo. As sequelas podem ser enormes, tem um edema enorme e...

–Você não conhece a Manuel Pacheco – finalizei – Obrigado, doutor. Estaremos em contato.

–Não faça ilusões. Seu amigo pode ser muito forte, não duvido, mas suas lesões são muito graves.

–Já disse isso. Obrigado.

Lara me puxou. Não tinha sentido alargar uma discussão com um médico que se lava as mãos. São todos iguais. Nunca te dão a mínima esperança por se algo der errado.

–Você me convida para um chá, senhor comissário?

–Claro. Escuta, esse seu amigo, o psiquiatra, quando tenho que começar a vê-lo?

–Quando você quiser, mas eu já mandei uma mensagem e ele te espera amanhã às nove da manhã na sua consulta.

–Me encanta esse «quando quiser»...

–Sim, te encanta. E você sabe disso

Era bom ter Lara ao meu lado. Fomos tomar esse chá, claro que eu tomei café, mesmo com Lara insistindo que eu deveria tomar cuidado com excitantes, com depressores do sistema nervoso, com isto, com aquilo... Falamos muito tempo, sobre como me sentia sobre tudo que tinha acontecido com Manu, sobre minhas manias, minhas acelerações...

Fomos jantar em um vegetariano apesar dos meus protestos. Eu me surpreendi muito em comer, na minha idade, croquetes de maçã.

–Eu achava que estas pessoas só comessem alface crua.

–«Estas pessoas»... Escute-se, Félix, por favor. Parece que você tem setenta anos.

–Tudo bem, beleza, «amiga dos vegetarianos». Não, é sério, está tudo muito gostoso.

–E é muito saudável. Embora eu não seja vegetariana, eu gosto de desintoxicar-me às vezes do tanto de carne que nos rodeia.

Algo fez um click na minha cabeça. Lara notou e não só porque desde que apareceu em minha porta estivesse mais atenta a tudo que eu fazia ou dizia.

–Lara, você me deu uma ideia. Creio que é bom que eu esteja de baixa.

–Claro que é. Não pode trabalhar assim.

–Não, claro que eu posso trabalhar, mas livre das amarras. Esta noite mesmo começo.

–Ah não! Esta noite não – disse-me muito séria – Esta noite você é meu, senhor comissário...

XIII

«O Cyber-café de Blas» avisava um letreiro em cima da porta. O cyber tinha sido adicionado ao velho letreiro que esteve ali a vida toda, com uma letra que tentava parecer futurista. E assim seguia o pequeno bar do pequeno povoado. Havia tido épocas melhores, era óbvio, sobretudo quando um construtor inteligente comprou terrenos e meia prefeitura e levantou um mar de chalés que tinham ficado abandonados em sua maioria. Os construtores deixaram boas gorjetas ao comer no bar durante um par de anos, mas com a crise tudo voltou ao de sempre: o velho Blas com suas tatuagens da Legião nos braços, dois regulares com um copo de *chinchón* no fundo do balcão e a lembrança desta época dourada em forma de dois computadores atrás de um biombo.

–Bom dia – José Antonio cumprimentou ao entrar. Um grunhido do balcão foi toda a resposta – Posso usar o computador, Blas?

–Espere eu conectá-lo. Vai tomar algo... senhor?

–Claro, um café com leite, por favor. Não se lembra de mim, Blas?

O garçom observou-o com um olhar interrogativo. Subiu os óculos e balançou a cabeça.

–Vai ter que me perdoar, senhor. Não – disse muito seco.

–Sou José Antonio, o filho do José, o da armeria.

–Ahhh... Então, não. Não me lembro. Mas pega o que quiser, que se você é filho de José, aqui está em casa – sorriu com os poucos dentes – Como está seu pai? Há meses não vem por aqui.

–Levando com resignação a perda de minha mãe –mentiu o homem – Se você me perdoa, Blas, vou olhar meus e-mails.

O computador era antigo, até o mouse estava pegajoso, mas funcionava. Teclou no buscador «Manuel Pacheco». Esperou os resultados.

–Este é o policial que levou um tiro em Madri? Não? – disse uma voz atrás dele. Deu um pulo. Afortunadamente era Blas.

–Sim, este mesmo.

–Você o conhecia? Pergunto por que José sempre fala de seu filho que vive em Madri...

–Homem, Blas, Madri é muito grande.

–E cheio de vermelhos e maricões, não é?

Sorriu. Manuel Pacheco tinha Facebook. Agora já sabia mais sobre ele e seus amigos.

–Cheio. Mas isto está mudando. O que te devo? – Terminou o café.

–Nada, aqui as pessoas boas não pagam.

–Seguramente que os que têm que pagar não o fazem, Blas.

–Certamente pagarão por tudo, rapaz. Eu já não reconheço este país.

O antigo legionário se endireitou, levantou seu braço direito e gritou um «Arriba España!». José Antonio respondeu do mesmo jeito. Sorriu.

–Blas, vou precisar que me ajude.

–O que quiser, camarada.

–Meu carro está fazendo uns ruídos estranhos e me perguntava se você ainda teria aquele furgão com o qual entregava comida quando levantaram o conjunto habitacional?

–Claro. É tua.

• • •

A casa de Lara era um lugar melhor para ir que a minha, já que eu não havia tido tempo para limpar a fundo e por sua alergia a gatos. Eu me surpreendi ao ver que, ainda que houvessem livros por todas as partes, eles estavam mais ordenados. Não darei mais detalhes daquela noite, tão só que o tratamento que me prescreveu minha psicóloga de cabeceira foi um prazer.

Dormi como um bebê. É o que tem o sexo. E despertei fresco e inspirado. Na cozinha esperava-me outra surpresa fora os carinhos do pequeno Manolito: Lara havia feito uma compra decente e com aquilo eu poderia preparar um bom café da manhã. Olhei a hora, faltavam duas horas para minha consulta com o psiquiatra. Tempo mais que de sobra para mimar minha anfitriã, minha namorada, como ela mesma tinha dito.

O cheiro de chá recém feito, tostadas francesas, bacon e ovos mexidos a despertou. «Esta garota está linda recém levantada», pensei.

–Nossa! Félix, muitíssimo obrigada! Odeio fazer o café da manhã...

–É para que eu estou aqui? Sente-se à mesa que eu já me encarrego.

–Às suas ordens, senhor comissário.

Eu estava maravilhado com essa nova casa, porque o que eu recordava era um tremendo caos. Inclusive percebi que tinha decoração nas paredes.

–Esta foto é linda. Quem fez?

–Não é foto. Olha, é um desenho. É o que você trouxe do Luis, o garoto com autismo.

–Não posso acreditar... Este garoto é um artista.

–Eu acho que é um savant. Não me olhe assim, Félix. Os savant são autistas com uma extraordinária habilidade em algo. Conhece o pianista Derek Paravicini?

–Não reconheço o nome... –Eu conheço Queen e...

–Tá, tonto. Pois é um pianista cego e autista que tem um ouvido absoluto: é capaz de repetir uma canção, um peça, uma melodia após ouvi-la apenas uma vez.

–É curioso, há pouco eu conheci um músico de rua que clonava Freddie Mercury com um violão...

–Creio que Luis deve ser algo parecido, mas pintando. –Não percebeu o que ele desenhou na delegacia?

–Na verdade, não. Estava prestando atenção na mãe porque achei estranho vê-la tão inteira.

–Olha, tenho este outro aqui, deste dia. O guardei para a minha tese.

Tirou uma pasta do lado de seu notebook. O garoto era um fenômeno. Em canetinha verde, a mesma que eu lhe havia deixado para se entreter, ele tinha feito um retrato perfeito de sua mãe. Incluía até os hematomas que lhe havia provocado o animal de seu namorado.

–Escuta... Eu tive uma ideia maluca. Poderia o garoto pintar a cena da morte de Nacho?

–Não sei se sua mãe nos deixaria perguntar...

–«Perguntarmos», não. Pergunta você que o garoto te adora pelo que se pode ver.

–Ciumento de um garotinho de sete anos?

–Se tivesse dezessete, sim. Escuta, depois do psiquiatra, quero passar pela delegacia.

–Você está de baixa...

–Técnicamente de baixa.

–Você é uma peste, faz o que quiser. Aliás, esses dias eu falei bastante com Paula Carrasco.

A Bruxa. Já teve que puxar o assunto.

–E?

–Duas coisas: Tem um narcisismo que não suporto. Foi uma decepção, e está certa que tudo isto é coisa de um grupo terrorista.

–Claro.

–Ela não te cai bem, não é?

–Não vai ser a madrinha dos meus filhos, se é isto que quer saber, Lara. Eu pensei que você a admirava.

–Loucura minha, não posso ver uma mulher forte que já me torno fã. Em meu Facebook é pior, acho que já dei « Like » a mais de meio milhão de páginas.

–Isso me lembra que tenho que ver os garotos da caverna.

–São muito fofos, sobretudo o pequeno, o Hamster.

–Ratão, não hamster. Um momento, e a raios de que você os conhece?

–Ah, porque eu passei pela unidade estes dias por tua baixa... E para recopilar umas coisas.

Pegou uma pasta grossa de um móvel que devia estar ali o primeiro dia que fui, mas com todos os livros não havia visto. Eram todos os relatórios. Lara tinha feito cópias de tudo que tínhamos dos assassinatos, incluindo o que se sabia do ataque a Manu. Até a pasta era ilegal.

–M-mas...

–Charlie, Matías, Ratã-Ratão-Cobaia, ou seja lá como for, e o outro policial, o moderninho, acham que você deve levar isto, não A Harpia.

–Bruxa. É A Bruxa. Quem é o moderninho?

–Pablo Grau, um jovem encantador. E seu namorado Vicente é um modelo, eu acho.

–Pablo é gay!?! – Saiam-me os olhos das órbitas. Tinham alguns rumores, mas esta confirmação era surpreendente.

–Que pergunta! Homem das cavernas. E? Ele foi o que me ligou com o que os garotos da informática tinham encontrado. Embora me dissesse que o chefe não vai deixar te reintegrar ainda, coisa normal, todos acreditam que tem que ser você, Félix, quem tem que levar isto. Ou se não achar que tem forças para isto, que lhes dê a sua opinião.

–Sabe uma coisa? Este filho da puta está sempre dois passos à nossa frente, mas se estivermos livres, podemos nos adiantar...

–Nós? Agora somos uma equipe? Como em «Bones», «CSI» e essas séries?

Levantei-me e beijei-a na boca.

–Vou ter que adiar o encontro com o teu colega, o psiquiatra. Tenho muito que estudar aqui.

–Já sabia que não ia ser fácil. Félix, comece a olhar seja lá o que quiser. Vou ligar para o Bruno e dizer que vamos chegar uma hora mais tarde, mas você vai. Sim ou sim?

–Sim, sim. Claro.

Minha mente já estava dentro dos papéis e relatórios. Primeiro, organizá-los. Despejei parte no chão da sala de Lara e comecei a repartir os papéis.

–Certo, vou passear com Manolito. Tens duas horas, teimoso.

–Sim, sim. Obrigado.

–«Sim, sim»... Nem está me escutando... – disse Lara enquanto se preparava para sair com o cachorro.

• • •

O consultório do psiquiatra – Lara tinha me proibido de o chamar de «papólogo» – era muito clássico, quase antigo e projetava seriedade em todos os cantos. Senti falta de um divã e como sou um grande bocão, disse-lhe.

–Vejo que o humor não lhe falta, senhor Fortea. – Disse-me o médico.

–Por favor, me chame de Félix se for possível com esta atmosfera, nos chamarmos pelo nome.

–Claro, sou Bruno. Muito prazer. Vamos ver... Você teve um problema pessoal recente e isto te fez ficar vários dias sem sair da cama. Certo? – Revisava algumas notas nas quais eu lia «Dicas da Lara»

–Sim, atiraram em meu colega, que também é um dos meus melhores amigos. Como sabe, os policiais são muito endogâmicos.

–Claro. Interessa-me mais saber como você se sentiu depois de receber a notícia dos graves ferimentos do seu amigo.

Analisei. Não tinha pensado nisso. Só pensava em como caçar o canalha que tinha feito isso.

–Pois então... Não sei, não lembro muito bem do momento. Foi tudo muito confuso.

–Suponho que sabe que a psique tem mecanismos para se proteger em casos de trauma...

–Desculpe, mas está me dizendo que eu apaguei essas memórias?

–Não exatamente, apagou o que poderia te fazer dano.

–Então um trauma apaga a memória.

–Nem sempre, mas em alguns casos, sim.

–Tipo, poderia provocar prosopagnosia, Bruno?

–Opa, espera... Vamos com calma. A Lara já me disse que você está com obsessão em deter um assassino aparentemente invisível, o qual, na televisão, chamam de «o Fantasma de Madri» Certo? Mas estamos aqui para que vejamos o que te aconteceu e prescrever um tratamento, Félix.

–Sim, tem razão, me perdoe. Mas apenas por curiosidade, poderia acontecer o que eu te perguntei?

–A mente humana é muito complexa... Sim, poderia ser que alguém apagasse de sua cabeça os traços de seu agressor se estivesse ou se sentisse suficientemente intimidado. Teria que ter uma grande distância emocional para lembrar com detalhes algo assim... Como quando vemos um filme.

–Obrigado, doutor. Já estou bem. – Levantei-me da cadeira.

–Como? Não, não, não... Sente-se. E agora vamos falar de você... Como tem dormido?

–Terrível. Acordo várias vezes durante a noite, me custa voltar a dormir e quando consigo, tenho pesadelos.

–Recorrentes? São os mesmos ou existem variações?

–Sonho com um homem em um terno branco. E na verdade, acho que já o vi em várias ocasiões.

–Voltaremos a isso em futuras sessões. – Anotou – Pensamentos anormais, borrados, difíceis de expressar?

–Porra, sim. Às vezes é como se eu tivesse mil imagens que se misturam a toda velocidade em minha mente. Não sei bem como contar...

Uma hora, uma maldita hora falando de mim, dos meus sentimentos, das minhas emoções, da minha ordem rigorosa, do fato de ver sequências em automóveis, em placas... Lara havia contado minha vida, ao

menos o que ela tinha conhecido durante estes dias. Uma grande armadilha. E eu com a cabeça a mil, desejando ir embora. Desde que o psiquiatra falou sobre o negócio do trauma, a verdade é que não lhe fiz muito caso, mesmo ele tendo se empenhado em me dizer que o homem no terno branco era uma forma que minha mente encontrou de avisar-me que aquilo tudo era uma fantasia minha. Lara havia me obrigado a ir, mas minha mente estava na investigação. Eu concordei com tudo, prometi tirar umas férias, tomar todos os comprimidos que me receitou e sai.

–Obrigado por tudo, Doc – despedi-me. Na sala de espera, estava a pequena traidora...

–Como foi? Bem, se não quiser me dizer nada, eu entendo. E se quiser me contar serei uma tumba, Félix.

–Você e eu vamos conversar no carro sobre o seu conceito de «ser uma tumba», cagueta.

Agarrou meu braço como as senhoras antigas a seus maridos e me sorriu.

–Você tem uma índole muito ruim, senhor comissário. Assim, não vamos lhe encontrar uma boa esposa.

Na rádio de seu carro, escutamos que acabavam de saber que dias atrás tinha aparecido um padre morto em uma paróquia próxima de onde aconteceram os primeiros assassinatos.

XIV

Liguei para Pablo para ver se eu poderia me encontrar com ele. «Melhor eu ir à sua casa, Fortea» foi sua resposta. São curiosas as voltas que a vida dá, a pouco Pablo era apenas mais um colega e agora estávamos planejando como enganar toda uma unidade da polícia. Pedi a Lara que estivesse conosco, seu enfoque como uma psicóloga e, claro, porque eu gostava de passar tempo com ela, faziam-na valiosa para esta investigação paralela que íamos montar.

Grau foi pontual. O fato de saber agora que era gay me incomodava, não por nenhum sentimento de homofobia, mas por todas as vezes que tínhamos feito piada disso, os burros, sobre este tema. Deve ter notado algo, este cara tem instinto, porque foi o primeiro que ele disse.

–Oi Fortea, cartas na mesa: sou gay, maricão, louca ou como você preferir.

–Eh... Posso ser sincero, Pablo?

–Deve, ou vou ficar muito puto contigo.

–Nossa, que medo.

–Bom.

–Só me preocupa que eu tenha te ofendido com a piada do abacaxi.

–A piada era muito boa, Fortea, deixa de frescura. Ademais, estamos aqui para falar sobre com quem eu me deito ou para caçar este filho da puta?

–Você puxou o tema...

–Porque tua namorada me disse que você ficou chocado quando te disse que eu sou gay.

«Minha namorada»... Soava bem. Foco, Félix, no que estamos fazendo.

–Já, já eu vou falar com essa pequena boca grande.

«A pequena boca grande está aqui na cozinha» gritou Lara «e preparando um picadinho para que vocês investiguem melhor». Apareceu com uma bandeja cheia de pequenos petiscos, duas cervejas e uma Fanta laranja. Peguei uma das cervejas, mas levei um tapa.

–Olá, Pablo, Félix não pode beber porque está em tratamento psiquiátrico – disse com um sorriso de orelha a orelha. Ia aproveitar isso muito a cretin... Estava linda com aquele jeans e aquela camiseta preta – E não queremos que comece a falar como a menina do «O Exorcista» não é?

–Verdade, e pela cara de bobo que faz quando te olha, certo que precisa de tratamento.

–Eu estou aqui! Certo!? – Tentei soar zangado, mas só consegui fazê-los rir.

–Certo – Pablo sim que se colocou sério – Isto é o que temos: Seis mortos em menos de uma semana, com semelhanças como: dois com um tiro e dois que apareceram em uma lixeira na mesma área. Não tem que indicar que seja o mesmo assassino para os quatro...

–Mas com certeza é – cortei – Os dois primeiros com um tiro, o rapaz e a garota foram torturados e mortos com um bisturi e o quinto morto e o rapaz foram atirados no lixo. O do padre é o que não encaixa, mas esta ligação que interceptaram é o que me faz pensar que seja o mesmo. Aqui tem algo...

Pablo e Lara olhavam em silêncio. Colocamos a gravação. Nela se escutava o sacerdote pedir ajuda porque havia um cara que estava ficando violento. Quando pediram a descrição só conseguiu dizer «Não sei, é um cara normal» Era o nosso homem. Agora tínhamos uma voz que dizia «Deus, me perdoe» antes que se cortasse a gravação, mas, como verificar isso? Tive uma ideia um pouco bizarra.

– Pode funcionar – disse Pablo.

Ainda não compreendia muito bem porque tinha me deixado enrolar para fazer uma investigação paralela, mas ter a liberdade de não informar nada era muito novo e excitante. E eu estava me aparecendo na frente de Lara, claro.

–Então vamos testar hoje mesmo. Ademais, Pablo, tu afirma que Peláez, o do banco, te assegurou que o homem da foto era o cara que ia às vezes depositar dinheiro ou pedir troco para a loja de celulares.

–Sim, mas A Bruxa e Vila não sabem disso, que o cara que atirou em Manu era funcionário da loja. Não me olhe assim, foi ideia dos garotos da caverna. Ademais, na contabilidade do computador não aparece.

Os da caverna... Afinal, os nerds eram os culpados disto. Suspenso por toda a vida ou, no melhor dos casos, inspetor na ilha de Perejil. Creio que até disse em voz alta.

–Vemos revisar o que te deram Charlie e seus asseclas...

Levamos mais de duas horas para olhar toda a contabilidade da loja. Não tinha rastro de outro empregado fora a garota assassinada e os da informática alegaram que vários arquivos foram modificados uma hora antes que Manu fosse atingido. Estava cobrindo seus rastros.

«O único que se destacou a mim foi isso» Marquei uma transferência de 600 euros em nome de FitoPlant2000. «O resto segue um padrão muito claro: compras, compras, pagamento da empregada, desvio para outra conta, pagamento, pagamento... Tudo se repete quase como em um ciclo nos últimos meses. Teria que confirmar com o banco, mas é assim, e é muito estranho tanta regularidade» disse a Pablo.

–Eu vou falar com o dono outra vez. Antes vou passar pela delegacia para que eles não suspeitem. Ok?

–Perfeito. Lara, lembra-se do garoto autista pintor?

–Claro, vou ligar para a sua mãe e encontrá-la se ela puder.

–Eu vou à delegacia para assinar a baixa oficial que me deu o psiquiatra esta manhã. Tentemos não nos cruzar Pablo.

–Feito.

• • •

Pablo Grau ligou para o hospital e confirmou que Miguel Somoza tinha recebido alta. Dirigiu-se até a delegacia depois de ficar preso em outra manifestação contra alguma outra nova medida do governo. «Tomara que consigam algo fora bloquear o tráfego», pensou. Estacionou, subiu até a unidade, onde Vila fez sinal para que ele fosse ao seu escritório.

–Pablo, tem algo novo? Carrasco está me deixando louco com sua teoria do grupo organizado. –Você perguntou?

–Sim, chefe. Nada, nem gangues, nem cartéis, nada. Esta tia está louca.

–Respeito... Embora... Vamos ver que merda está contando na televisão, deve estar a ponto de ir ao ar.

–Agora? Agora só tem programa de fofoca e... – O gesto do chefe já dizia tudo – Certo, vamos ver.

Paula Carrasco era a estrela convidada do programa da tarde de uma cadeia de televisão que não se caracterizava por seus conteúdos culturais. Ladeada pelo «perito em eventos» do programa e por um ex-guarda civil que havia se casado com uma cantora, a inspetora começou a destrinchar sua teoria particular sobre «O Fantasma de Madri».

–Estamos acompanhados pela inspetora Paula Carrasco. Um forte, fortíssimo, enorme, aplauso! – Introduziu o apresentador alongando muito as vogais – Inspetora Carrasco, quem é o Fantasma de Madri?

–Em primeiro lugar, boa tarde a todos, Mario. É um prazer estar no seu programa. – «Claro, vai levar o salário de um mês em uma tarde», disse bem alto alguém na delegacia. Enrique Vila respirou forte – Mas não podemos falar de « Quem é » mas de « Quem são »...

«Filha da puta», exclamou o chefe. «Maldita filha de uma grande puta! Eu juro que vou te matar, Carrasco! Eu te mato!», gritou para a televisão. O espetáculo continuava.

–Então, quem são «Os fantasmas de Madri» que já assassinaram seis pessoas, inspetora? – perguntou o suposto perito em eventos, sorrindo para a câmera com um bronzeado exagerado enquanto a imagem borrada da câmera de segurança do banco, na qual se via o primeiro assassinato, ocupava quase toda a tela.

–É um bando de assassinos em série de extrema direita. Eu sei por que um ex-membro me confirmou pessoalmente.

«Esta mulher é uma imbecil! De onde diabos ela tirou essa merda? Quem a autorizou colocar a gravação do banco?» Gritava fora de si Enrique Vila. «Pablo, quero que me descubra de onde caralhos ela tirou essa teoria absurda, quem é esse ex-membro desse bando dos infernos. E já atire em mim para acabar com isto!», acrescentou o sempre teatral chefe. Pablo assentiu, tentando que não lhe escapasse um sorriso de satisfação. Saiu do escritório e, aguentando o riso como podia, chegou até a caverna.

–Digam que vocês viram... – Foi sua saudação. As caras de felicidade dos agentes da informática não deixavam lugar para dúvidas.

–Ela acabou de se cobrir de merda sozinha – disse Charlie.

–Adoro... A propósito, temos Félix Fortea conosco, garotos. – Os três aplaudiram – Mas está de baixa. Não obstante nos ajuda a garota, essa com a qual ele está enrolado, Lara, a psicóloga canária que agora é a sua bengala.

–Ela é linda – murmurou Ração, para logo depois acrescentar algo ininteligível.

–Você lhe deu tudo que te passamos? O que ele disse?

–Sim, Matías, vimos tudo hoje mesmo. O tio já tirou algumas conclusões, algumas muito interessantes... Ainda tem balinhas?

A conversa entre os quatro foi uma mistura entre determinação e orgulho. Pablo saiu para interrogar o dono da MovilNow. Chegou ao domicílio meio hora mais tarde. O namorado abriu a porta e lhe convidou a entrar, mas não sem antes suplicar-lhe que fosse suave. «Fique tranquilo».

–O que você comprou da FitoPlant por 600 euros?

–Perdão? O que, a quem?

–Em seu computador, tem uma transferência para uma empresa de produtos agrícolas de Burgos.

–Se eu nunca sequer estive em Burgos.

–Ok. Qualquer coisa que se lembre, por favor, me ligue.

Avisou a Fortea.

...

XV

Lara Martell dirigiu até o exclusivo bairro onde vivia Andrea Doval e seu filho Luis. Apesar das indicações de Félix serem precisas, apesar de ela ter protestado e argumentado que com um GPS ninguém se perde, não fazia ideia de onde estava. Perguntou em um centro comercial e conseguiu chegar a tempo.

–Olá Lara. Surpreendeu-me muito a sua chamada – disse a mulher. Lara pensou que ela era o perfeito protótipo de dona de casa dos anos cinquenta.

–Olá, Andrea. Eu entendo e perdoe-me a pressa, mas é que a polícia precisa que nos dê uma mão. Bem, não você. Luis.

–Não quero que meu filho tenha que depor nem nada desse estilo. –Andrea cruzou os braços sobre seu peito e se emburrou. «Está na defensiva, linguagem corporal de corredor profissional», pensou a psicóloga.

–Não vai ter que fazer. Não diretamente. –Posso entrar?

–Claro, desculpe-me. Sou a típica mãe superprotetora, mas isso você já sabe, não?

–Tenho experiência. Minha mãe também era um pouco mãe-galinha.

Ambas as mulheres sorriram. No interior da casa, na sala minimalista, estava Luis, pintando algo.

–Aí o tem, mas não sei como poderia lhes ajudar. E mais, nem sei se ele vai te escutar.

–Seu filho é um savant, Andrea. E este seu dom mágico vai nos dizer que cara tem o homem que matou Nacho.

Lara se agachou e falou com Luis. O garoto observava-a com veneração. Depois da explicação, sorriu e se colocou a desenhar.

Vinte minutos mais tarde, Andrea Doval não podia conter as lágrimas. Pintado com lápis de cera, com luxo de detalhes, estava o rosto do assassino.

• • •

Cheguei à delegacia mais tarde que o previsto por causa dos engarrafamentos que tem nesta cidade. Fui recebido com um aplauso e inclusive o chefe esteve muito atento e amável.

–Estávamos preocupados, Fortea. Quantos dias.

–Eu sei chefe. Eu só vim cumprimentar e trazer a baixa.

–Podia ter enviado por correio, homem.

–Tudo bem por aqui? – perguntei já sabendo, graças a uma mensagem de Pablo, que A Bruxa havia montado uma cena na televisão.

–Nem me fale... Afinal, Manuel vai ter razão, a Carrasco está fodendo com tudo. A propósito, o que sabe de Pacheco? Melhor?

–Muito pouco. Os médicos não estão otimistas.

–Com um tiro na cabeça... Pobre rapaz. Escuta, eu sei que você está de baixa, mas falou com você algum nazi, gangster ou similar que tenha dito que isto tudo é coisa de um bando?

–Não. E olha chefe, sim, estou de baixa e sim, penso em aproveitá-la. –A cara de Enrique Vila foi de assombro. Não estava acostumado que o enfrentassem, nem que fossemos assertivos. E eu precisava que me deixassem em paz – E agora, se me perdoa, vou dar um oi por aí e vou embora.

Fui direto para a caverna. Pablo já os havia inteirado de tudo. Matt demorou exatamente seis minutos para entrar nos servidores de FitoPlant2000 e descarregar a fatura que eu havia separado da contabilidade, com o endereço de entrega do pedido que o dono da MovilNow não tinha feito.

–Já sabemos o que ele comprou e onde o guardou. Você é um fenômeno, Matías.

–Eu não fiz nada. Como eu poderia entrar em um servidor assim? Nem sei se poderia fazê-lo sem uma ordem judicial – sorriu maliciosamente. –Falando disso, Charlie, já vai pedindo para a juíza Iborra toda a papelada...

Agradei tudo que estavam fazendo, falamos em coordenar bem os tempos e voltei com Lara, que depois de fazer a sua parte do plano, tinha ido me buscar e me esperava no carro. Aproximamo-nos do centro.

Tocava «Who wants to live forever» quando nos aproximamos do músico. Quando acabou, cumprimentei-o com um simples «Olá, amigo».

–Olha, mas se não é o fã do Queen...

–Boa memória e melhor ouvido. Eu vim com uma amiga.

Lara me deu uma cotovelada, não sei se por chamá-la de amiga, mas cumprimentou o intérprete cego.

–Oh, das ilhas afortunadas – disse o nosso Freddie Mercury.

–Mas, como você pode?

–O senhor tirou-me a vista, mas me agradeceu com bons ouvidos. Deseja a senhorita escutar algo em particular?

–Na verdade, sou eu que gostaria que você escutasse algo, amigo – interrompi – Quero ver se esta voz te diz algo...

Uma hora e meia mais tarde, Pablo Grau, uma secretária judicial e dois agentes básicos escoltavam a um serralheiro que abria a porta da casa de José Antonio Garcia Pérez e descobriam no banheiro,

enterradas em areia para gatos, a sua mulher e filha.

• • •

Escureceu enquanto dirigíamos. Liguei para a delegacia de Burgos e, fingindo ser meu próprio chefe, pude falar com o chefe de lá.

–Sou Enrique Vila, inspetor chefe da segunda unidade de homicídios de Madri. Com quem falo?

–Sou Paco Sierra. Em que eu posso ajudar? – disse com uma voz trêmula. Era óbvio que Madri não ligava todos os dias...

–Necessito os dados do proprietário de uma armeria da qual se roubou uma arma em um povoado de Burgos.

–Claro, eu envio por fax em uma hora.

–Não, eu preciso dele agora. E estou no carro, assim que não pode ser por fax. Procure-os. Vou ficar esperando.

Houve um protesto leve por parte do «meu colega chefe» que quase não ouvi porque Lara fez uma observação sobre o efeito que provocava em seus hormônios ver-me agindo tão decidido. Pedi-lhe silêncio com um gesto porque estava a ponto de dar uma risada.

–Escute? Digo, está ouvindo? Vila? – disse meu interlocutor três minutos mais tarde.

–Sim, diga.

José García Pelayo. O domicilio que tenho é de um povoado a vinte quilômetros daqui. –Quer?

–Quero saber até que cor ele usa as cuecas. Que tipo de policiais são os dos povoados? – Irritava-me a lentidão. Certo, pode ser que estivesse entrando em fase de hipomania outra vez ou pode ser que eu tivesse esquecido de tomar um dos comprimidos.

–Desculpe-me, desculpe-me. Agora mesmo te digo tudo.

Lara ia anotando todos os dados enquanto eu conduzia e pressionava o pobre homem que, certamente, alardearia sua inestimável ajuda quando tudo tivesse acabado. Pensei em dar-lhe o número da bruxa para que ela o levasse de passeio pelas televisões. É uma merda. Eu me despedi muito seco do chefe Sierra.

–Volto a repetir, senhor comissário: você me deixa louquinha quando age desta forma tipo machoman – disse Lara.

–Vamos chegar à noite. Quero parar em uma estação de serviço e tomar um café e te ensinar como usar uma arma, por se encontrarmos esse filho da puta.

–Que? Não, nem louca. Não quero uma arma.

–Por segurança, Lara. Nos filmes a garota sempre faz o que o mocinho lhe diz.

–Nos filmes a garota é loira, tonta e acaba fazendo o contrário. Ademais, não vamos só ver se está onde acreditamos que está e mandamos Pablo enviar os agentes?

–Sim, mas se ele estiver, primeiro vou vingar o Manu. E depois eu o entrego.

• • •

Era noite fechada. O homem se preparava com cuidado no pequeno celeiro da casa do povoado. Sabia que tudo devia ser feito com prudência e seguindo as normas. Acabou de armá-lo já dentro do furgão velho do Blas.

–José Antonio Garcia Pérez? – disse uma voz atrás dele. Virou-se devagar. O agente de polícia calvo, amigo de Manuel Pacheco, estava de frente com ele.

–Certo. Não pensei que nos conheceríamos tão cedo, agente Fortea.

–É inspetor. Você está preso por... Vai à merda, está preso. Vai pro chão!

–Como me encontrou? Jogamos ao gato e rato por vários dias.

–Deite-se no chão, estou dizendo!

–Isto não vai acontecer... Tenho um encontro em Madri com uma porção de novos amigos.

–Para que tudo isto, José Antonio? Merda... É uma bomba? Tem uma puta bomba no furgão? Para isto que era o fertilizante que compraste em nome do teu chefe? Afaste-se dela e deite no chão, vamos!

–Não, este furgão vai sair para Madri esta noite.

–Vai detonar isto em Madri? Não, acabou. Está preso. Ou te deita no chão ou eu atiro.

–Você, em mim? Como ia fazer seu amigo Manuel? Claro... Creio que não está melhor. Uma lástima, ele sim que tem esse aspecto da polícia, não como você, vestido como um adolescente, na sua idade.

–Cale-se, filho da puta. Estou falando sério, deite-se ou eu vou atirar.

–Não creio, inspetor.

Um golpe forte fez Félix Fortea cair sem sentido.

–Obrigado, Blas. Este é um dos policiais corruptos dos que te falei. Vamos, me ajude a amarrá-lo.

XVI

Enrique Vila não estava para brincadeiras.

–Que merda é essa dos ultra-direitistas, Carrasco?

–Veja, tenho uma dica de um colega advogado que militou na extrema direita quando estudava na faculdade, que é de se acreditar...

–Vai à merda, Paula. Já estou cansado de você. Creio que vou te tirar disto.

–Nem pense nisto, Enrique...

–Inspetor chefe Vila, a partir de agora.

–A dica é legítima, Enri... Chefe. Eu passei o vídeo do banco e este colega me respondeu. Diz que joga futebol com este cara uma vez por mês, mas que não sabem muito dele, tiveram que verificar na foto de formatura e sim, tem um tal José Antonio...

–García Pérez, chefe – interrompeu Charlie entrando no escritório de Vila – Cruzamos os dados do computador que não tínhamos até agora, porque estavam apagados, com o testemunho de um funcionário do banco e estamos seguros que é ele.

–E quem diabos é este cara?

–Não tem quase nada dele. Licenciado em direito, casado, uma filha. Esta é a direção. Ele trabalhava sem contrato e cobrava por fora de MovilNow... Ratão... Rober garante que ele alterou a contabilidade para se camuflar e isto fecha com o que diz a perícia, que só encontraram as digitais da garota morta.

–Avisa o juizado, Carlos. E manda uma patrulha a este endereço.

–Já fizemos isto. Não tem ninguém.

–Quero uma ordem para abrir esta casa agora mesmo. Onde caralhos está Grau? Onde está o porra do Pablo Grau? Quero ele nesta casa voando!

• • •

Ocultada atrás de uma casa próxima, Lara Martell afogou um grito quando viu como Félix caía feito chumbo e era arrastado para o interior do celeiro. A escassa luz do farol não havia permitido ver a quem Félix apontava, mas sim ao homem que o havia golpeado: acima dos sessenta, cabelo grisalho e vestido com uniforme militar. «Que uniforme é esse Lara? Do que está vestido esse desgraçado? Pensa, pensa» Estava a uns vinte metros de onde haviam metido Félix.

Tinha sido uma imprudência ir apenas os dois a esse povoado de Burgos, mas já estava feito. Quem poderia supor que o assassino tivesse cúmplices? Um nó fechou a sua garganta. Pelo que haviam lido dos relatórios estava claro que iam matar o homem que amava, o calvo que lhe tinha intrigado ao errar seu nome de propósito.

Marcou o número de Pablo Grau. Não tinha cobertura neste ponto. «Maldita Espanha profunda e maldita operadora barata», resmungou. Tinha que fazer algo para salvar a Félix. Ela se aproximou agachada pelo perímetro da casa até a entrada do celeiro. Engatilhou, como lhe havia ensinado Félix, a pistola. Tremiam suas mãos. Afinou o ouvido, dentro do velho galpão, alguém discutia.

–Homem... É que é um policial.

–Eu te disse que ele é corrupto, Blas. Já contei como este sem-vergonha e seu companheiro deixam livres à escória que nos invade.

A primeira voz parecia de alguém mais velho, assim que Lara a associou com o que haviam chamado Blas. O outro tinha que ser o tal José Antonio García.

–Isto para mim não parece certo, José...

–É José Antonio. José é meu pai e isto é por minha mãe.

–Por tua mãe? Eu acreditava que era para assustar a estes vermelhos de Madri, mas é algo muito pior...

Soou um disparo. Caíam lágrimas dos olhos de Lara e ela mordeu a mão direita para não chorar.

–E agora vamos ver o que faço com você, inspetor Fortea.

Respirou aliviada, mas não tinha tempo. Empurrou a porta que abriu completamente. José Antonio virou, a sua frente, recortada pela luz do farol estava uma jovem, apontando-lhe nervosa uma arma.

–Já nos apresentaram, senhorita... Martell? – Lara sentiu um calafrio. Sabia seu nome. –Não se preocupe. Seu amigo está bem, um pouco chocado, mas está bem. – Ela apontou a arma para ele. –Baixe a arma.

–Não, filho da puta! Baixe você! – disse com um fio de voz. O homem deu um passo em sua direção. –Eu vou disparar.

–Permita-me duvidar. Uma psicóloga? – Avançou outro metro, apontando para seu rosto.

–Deus, é verdade!

–O que é verdade, senhorita Martell? – Outro passo mais.

–Que você não é ninguém.

–Como eu não sou ninguém? Eu me vejo muito real, não sou... Um fantasma.

–Você é tão comum que ninguém se lembra de você. É a imagem viva da vulgaridade, do homem comum.

–Não é ruim ser normal, senhorita Martell. É o normal... O que todos deveríamos ser. Somos a maioria silenciosa.

Lara não viu vir o soco na boca do estômago. Nublou-se sua vista e ela se dobrou. José Antonio pegou a arma e lhe deu uma joelhada no rosto. A garota caiu para trás e bateu-se contra uma mesa de madeira.

O homem agora apontava as duas armas. Ela tratava de clarear sua cabeça.

–E somos a maioria silenciosa que está farta de gentinha como você, Lara Martell. Estamos fartos dos promíscuos, frívolos, maricões e estrangeiros. Estamos fartos de que tenham invadido este país e ninguém faça nada. Somos as pessoas normais que queremos uma vida normal.

–E, para isso, você mata? – sussurrou Lara – E se não quisermos que você nos diga o que é ser normal?

José Antonio deu um chute no rosto de Lara, que se arqueou e caiu em cima do cadáver do legionário.

Outro chute nos rins a fez se retorcer e encurvar-se.

–Tem que ser assim! Sempre foi assim! As feministas primeiro e os maricões depois, vocês corromperam tudo. – José Antonio estava fora de si e lhe deu outro chute que pegou no rosto – Acredita que não sei que você se deitou com este cara pouco depois de conhecê-lo? Acredita que está a salvo com teu cachorro de cinquenta quilos? Você mesma me deu as chaves, putinha! Você gosta de exibi-los nas redes sociais! Que bom que gosta de alardear suas coisas! Você não gosta das telas com concertina de Melilla, vagabunda? Pois são necessárias para que isto não fique cheio de mouros de merda!

José Antonio tinha agachado e depois de guardar uma das armas nas costas, presa ao cinto, segurava-a pelos cabelos. O rosto de Lara começava a mostrar contusões e seu olho direito inchava após o castigo ao que o homem a estava submetendo.

–Eu vou atirar em você na frente do seu... Como você o chama? Amante? Companheiro? Ou usa essa expressão moderna de «meu ficante» ?

–Filho da puta, você é apenas um pobre desgraçado sem capacidade de adaptação – disse Lara com um fio de voz. Tossiu e um sabor metálico encheu sua boca.

–Não. Não tente fazer jogos psicológicos, prostituta. Sou apenas um homem normal. – Apontou para a cabeça da garota.

–Só é um assassino. – Félix acabara de despertar e falou do chão. O homem se virou por um instante.

–Ninguém vai sentir sua falta, filho da puta. – Lara se virou muito depressa e derrubou José Antonio com suas pernas. Enquanto o homem caía, ela lhe golpeou com seu braço flexionado na boca do estômago e rodou pela direita para voltar a lhe golpear com seu cotovelo esquerdo na nuca. Logo a seguir, levantou-se, pisou-lhe na mão que tinha a pistola com seu pé esquerdo e jogou longe a pistola com um chute do pé direito. José Antonio se queixou e começou a virar-se quando Lara já estava sobre seu pescoço com a bota esquerda pressionando a nuca. Tirou a pistola das costas dele – Não te mova ou eu quebro seu pescoço.

O homem, com o nariz quebrado e sangrando pela boca sorriu. Tirou algo do bolso enquanto Lara aumentava a pressão em seu pescoço.

–Lara, o desgraçado tem um detonador e o furgão está cheio de explosivos. – disse Félix tentando levantar a cabeça. –Nem pense nisso.

– Te amo – respondeu a garota.

Disparou no antebraço esquerdo de José Antonio. A bala destroçou músculos e ossos e deixou a mão unida apenas por um pequeno pedaço de pele e aberta por completo

–Putá! Eu vou te matar!

Uma coronhada seca no parietal deixou José Antonio inconsciente. Lara se agachou para desamarrar Félix, mas as abraçadeiras eram de um plástico duro e nenhum deles tinha força para rompê-las.

–Aqui deve ter uma faca, Félix.

–Lara, esqueça as facas... Que luz vermelha é essa?

Um led piscava desde uma velha estante próxima. Um celular de última geração tinha gravado tudo.

–Estava gravando? Para quê? – Lara procurou no corpo sem vida do legionário que havia ajudado a José Antonio e encontrou uma faca de caça. –Espera que te solto.

Beijaram-se. Beijaram-se com paixão. Lara começou a chorar e Félix se juntou a ela.

–Amor, você precisa de um médico. Ele te deu uma surra.

–Estou bem, tem dias que eu volto pior da academia.

–É um caralho, está tossindo sangue.

–Porque eu mordi a língua quando levei um dos golpes. Filho da puta, ele bate forte.

–Temos que imobilizar este desgraçado. Tem mais abraçadeiras aí?

–Sim. Vamos entregar ele? Assim, Félix? Ele vai para a cadeia e então o quê? Sai dentro de quinze anos e voltará a desaparecer entre as pessoas.

Olharam-se nos olhos. Félix não queria pensar no que Lara sugeria, mas sabia que ela tinha razão. José Antonio começou a recuperar a consciência. Afinal, o inspetor Fortea, contra seus princípios, cedeu.

Durante intermináveis dez minutos, os gritos de José Antonio quebraram a noite tranquila do povoado de Burgos. Ninguém escutou.

XVII

Já haviam se passado vários meses desde Burgos. Recordo sempre daquela noite porque tenho pesadelos recorrentes desde então. Apesar da medicação e de seguir ao pé da letra os conselhos de meu psiquiatra, não voltei a minha unidade.

Pablo Grau apresentou todas as provas convenientemente a Enrique Vila, que enviou, tal qual havíamos acordado com os meninos da caverna, a várias unidades de apoio e a perícia, depois dos nossos passos, com uma hora de atraso.

– Vocês são uns imbecis – cumprimentou-nos Paula Carrasco quando chegou ao povoado. Vila a havia mandado para nos ajudar quando compreendeu que estávamos atrás da verdadeira pista – Sabiam? Eu estava muito perto. Tinha o testemunho de um colega de universidade deste José Antonio seja-lá-como-se-chame. Afinal até tinha razão com o fato de que era um terrorista de ultra-direita e que ia colocar uma bomba no meio de Madri.

– Sim, claro. Vai nos prender, Paula?

– E ganhar o ódio eterno da polícia de Madri, Fortea? Não, não sou idiota. Pelo que me diz respeito, você e sua garota o encontraram por mera casualidade passando uns dias nesta merda de povoado e ele os atacou. Ou nem isso. Não disse nada para a imprensa e foda-se. E sobre o que você lhe fez... Genial, assim nunca mais voltará a passar despercebido. Garota, você precisa de um médico – ela disse à Lara.

Minha namorada só precisou de dois pontos e uns analgésicos.

Voltamos em um carro de patrulha à Madri em silêncio quase todo o caminho. Um agente se encarregou de levar o carro de Lara, que me agarrou a mão e não soltou mais. A inflamação do seu rosto diminuiu alguns dias mais tarde, mas ela ficou com uma cicatriz no queixo que a deixava mais sexy ainda. « parafilico e tarado » foi seu diagnóstico quando eu lhe disse.

Tal qual havia dito Paula desviou a atenção da imprensa e uma semana mais tarde ninguém se lembrava do « Fantasma de Madri » Recebi uma ligação do inspetor chefe Sierra de Burgos na qual, com muita ironia, me deixou claro que sabia que eu havia me passado por Vila, mas que deixaria isto entre nós.

Apesar dos esforços médicos, Manu morreu uma semana antes de que começasse o julgamento contra José Antonio Garcia em março. O edema cerebral que sofreu não se reduziu, embora alternasse períodos de ligeira consciência e pudemos confirmar o que já sabíamos, a identidade de seu agressor. Tive que reunir todas as minhas forças para ir ao seu enterro, onde me encontrei com uma Ana que não havia se separado dele em nenhum momento e que tinha ajudado com seus filhos e com Beatriz. Assumi que seria bom se ela refizesse, se fosse possível, a sua vida.

Para o que tive ânimo de sobra foi para testemunhar contra José Antonio García Pérez, quem agora não era em absoluto «Normal». Além de ter perdido a mão na qual recebeu o disparo, Lara tinha usado a faca de caça do legionário sobre a sua cara, usando com ele a mesma crueldade que ele tinha usado com qualquer uma de suas vítimas e com ela. A ausência de nariz e orelhas e a falta de boa parte do couro cabeludo lhe faziam ser alguém único. Apesar das suas acusações, ninguém acreditou nele, o juiz acatou por bem a versão de Paula Carrasco, segundo a qual José Antonio havia entrado em uma briga com Blas, sua última vítima, de quem tinha levado vários cortes pelo rosto e depois tinha atirado. Era muito pouco verossímil, mas o juiz engoliu com tudo ou simulou que engolia.

O testemunho do músico cego, a quem pusemos a gravação do assassinato do padre, não foi admitido, embora o fã de Queen assegurasse reconhecer sua voz e que «era da volta e que lhe tinha oferecido celulares várias vezes». Não influenciou no julgamento, mas tinha sido uma das confirmações de nossa investigação. Deu na mesma.

Em troca, o desenho do Luis, o garoto savant, distanciado emocionalmente por seu autismo e diagnosticado pelo doutor Bruno Soriano, foi uma prova fundamental. O garoto tinha feito sua magia

novamente e inclusive pintado o momento do disparo ao namorado de sua mãe. Não subiu ao banco, é claro, mas o fez sua mãe.

O doutor Morales declarou com sintomas de embriaguez, mas estabeleceu toda uma série de fatos em cadeia nas mortes que eram atribuídas ao acusado. Chorou ao recordar Manuel Pacheco.

Charlie teve seu momento de glória no banco quando declarou como encontraram na contabilidade da loja o pagamento para a empresa de Burgos, em nome do pai de José Antonio García, comprando essa quantidade enorme de fertilizante em forma de nitrato de amônio. Os registros de atividade do acusado na internet, revisados por Ratão e Matt, revelaram que tinha feito centenas de buscas sobre este componente e como misturado com diesel poderia se tornar um explosivo. Um policial veio, ex professo de Burgos, e confirmou que a arma que havia assassinado às primeiras vítimas era a mesma roubada da armeria que José García Pelayo, pai do acusado, teve vários anos atrás.

Inclusive Lara teve que dar seu testemunho e suas mãos se moviam muito depressa, seu sotaque canário se acentuou ainda mais, bateu no microfone, atirou um copo de água e começou umas vinte vezes frases com «Deixe-me ver», mas deu toda uma explicação sobre o por que José Antonio era simplesmente um criminoso e não um doente mental como a defensoria apresentava. Bruno Soriano, meu psiquiatra, confirmou o diagnóstico ao ser chamado como especialista pela promotoria.

Por sua parte, José Antonio se gabou de seu plano e cavou sua própria tumba para desespero de sua defesa, um brilhante advogado midiático que havia se oferecido para ajudá-lo, procurando notoriedade, mas o julgamento não teve quase repercussão. Toda a imprensa, as televisões e as rádios do país estavam mais atentas estes dias à saída do armário de um grande atacante do Real Madrid.

José Antonio matava para «limpar a sociedade corrupta» a qual acusava ser responsável pela morte de sua mãe ao cruzar uma manifestação quando ia às compras, anos atrás. Sua primeira vítima, María Jesús Rodríguez Heras, havia sido simplesmente por ser amiga de uma amiga de sua mulher e estar enganando a seu marido, o taxista. Nacho Santos morreu porque «Era um covarde com uma mulher». A David Gutiérrez executou «por ser um mau exemplo da juventude saudável deste país e roubar uma vaga de estacionamento». Marta Soriano «Era uma prostituta». Wilson Quesada foi assassinado «por colocar publicidade, invadindo sua propriedade», o padre Saravia era, segundo confessou, «Um mau sacerdote», o legionário Blas lhe estorvava e sobre sua mulher e filha somente encolheu os ombros. Seu plano final consistia em detonar uma bomba ao lado da cerca do Congresso Federal, assediado dia sim, dia também, por manifestantes.

Quando o processo acabou em maio e foi condenado a mais anos de prisão que um ser humano poderia viver, reunimos-nos em casa para comemorar. Pablo trouxe Vicente, que resultou ser um cara encantador, bastante falador e segundo insistiu Lara «muito gato». Faziam uma excelente dupla e trouxeram um vinho muito bom que ainda hoje guardo a garrafa. Os garotos da caverna nos trouxeram toda a classe de pornô, do mais normal ao mais esquisito, o que foi muito celebrado por minha namorada.

Todos estiveram tensos até que Lara e eu dissemos que era brincadeira que havíamos convidado a Paula Carrasco, embora Matt tenha feito um par de comentários sobre a anatomia da ruiva que nos fez rir muito.

Perguntaram-me sobre meu retorno e eu não soube responder. Graças ao meu psiquiatra e aos comprimidos, meu estado anímico era estável, mas eu sabia que não ia voltar a Homicídios, talvez nem sequer à polícia e eu não ligava a mínima. Fui alvo das piadas quando me neguei a fazer uma foto com todos juntos «porque depois a sobem às redes sociais e olha tudo que sabia o filho da puta». Teve mais piada quando todos insistiram que Lara trinchasse um frango assado que Charlie tinha trazido «e lhe faça uma cara nova como ao tal José Antonio», insistiu Pablo e todos lhe apoiamos. Lara fez sua parte e comemos algo que Matt batizou como «A matança do Texas em um frango»

Ratão, em um supremo esforço para ser inteligível, fez um grande brinde: «Por este bando de retardados, disfuncionais e geeks que derrotaram o homem normal» Então, acrescentou algo em seu

idioma particular que nenhum de nós foi capaz de entender.

E, claro, brindamos por Manuel Pacheco, nosso Gary Cooper, nosso Clark Gable ou, como dizia ele, «O velho bonachão». Apesar do meu tratamento, bebi dois whiskys. Ou três.

Já a sós com Lara lhe perguntei por seu testemunho em juízo que acabávamos de lembrar com nossos amigos.

–Estivestes defendendo veementemente que não havia nada mal em sua cabeça, meu amor. O que te importava isto? Se é um demente e se lhe metem em um hospital psiquiátrico, ali cumpriria a pena perpétua.

–Não. É que não tem nenhum distúrbio, é um assassino, ponto. Olha, na Escala de avaliação de Psicopatia de Hare ele teve um dez. Um dez...

–Isso é muito? Pouco?

–É baixíssimo. O ponto de corte é trinta. A partir de trinta pontos é que começam a soar os alarmes.

–Enfim, o tipo é normal.

–Se eu voltar a escutar essa palavra, eu vou te dar um quarenta nesta escala, Félix...

–Um chá?

–Prefiro um café.

–Você? Café?

–A partir de hoje, quero fazer o que não se espera de mim, senhor comissário.

–Pois eu vou provar o chá.

Sáimos a passear com o cachorro. A noite não era muito quente para acabar maio.

Um homem com um terno branco nos cumprimentou ao virar a esquina. Lara sorriu ao desconhecido.

Epílogo

O homem do terno branco tirou o casaco, pendurou com cuidado no cabide e sentou em uma velha cadeira de couro de seu escritório. Digitou um número de telefone.

–Tenho as gravações. Estamos em débito.

Seu interlocutor lhe deu indicações.

–Assim farei. Estamos preparados.

Desligou.

Ao primeiro dia de junho, José Antonio García Pérez desapareceu de sua cela no centro penitenciário de Ocaña II.

Dois dias mais tarde, em Barcelona, perto da Sagrada família, o popular cantor Ramón Espí, que tinha protagonizado um escândalo ao se embriagar em um voo algumas semanas atrás, era assassinado em plena luz do dia pelo que nove testemunhas definiram como «uma mulher normal»

Agradecimentos

Não poderia escrever “Normal” sem a ajuda de várias pessoas generosas e maravilhosas que me deram uma mão com tudo aquilo que eu desconhecia:

Meu amigo **Pepe**, polícia nacional, que me guiou para dar verossimilhança à investigação de Félix; **Lorena Simón**, psiquiatra, e a **Compañia Perro Verde** que me ajudaram para que Félix tivesse os sintomas do transtorno bipolar que eu buscava para ele; uma gestora processual, a quem chamaremos **Virginia**, que me contou como é a relação entre os inspetores e o juizado e **Enric Naranjo**, expert em artes marciais que me disse que Lara devia praticar MMA, ou Artes Marciais Mistas.

Necessito agradecer publicamente a inestimável colaboração de meus abnegados e pacientes leitores beta, que sofreram uma versão sem depuração do livro e que o melhoraram com suas indicações e comentários.

Quero destacar a **Luis Endera, Mariela Saravia, Rita Piedrafita, Roberto Mesas, Vicente Catalá, Toni Fernández, Yago Serrano, Bruno Nievas, Gabri Ródenas, Blas Ruiz Grau y Cristina García** sem os quais "Normal" teria sido um desastre.

Agradecimentos muito especiais a Blanca Miosi, grande autora, paciente professora de autores indies (mesmo que ela negue) e responsável pelo prólogo deste livro, por sua generosidade.

E claro, obrigado a minha inspiração, minha musa e meu apoio: Susanna. Te adoro.

R. López-Herrero
Aranjuez, mayo de 2014

Sobre o autor

Com uma ampla trajetória nos meios de comunicação espanhóis, R. López-Herrero tem publicado na Amazon vários livros como «[Antonio mató a Luis en la cocina con un hacha porque le debía dinero](#)» e sua continuação «[Una conspiración mundial secuestró a mi perro para que yo no contara todo lo que sabía](#)», assim como o livro de artigos de humor «[Se puede ser imbécil a los 40](#)» ou o relato de terror gótico «[El Escritor](#)».

Conheça mais deste autor no Twitter seguindo a [@ElExpecial](#) ou em seu blog [ElExpecial.com](#)

Também disponível em AguayoLab:

«[Cómo publicar un eBook sin volverse loco... Y que alguien lo lea](#)» de Alejandro Aguayo.

A guia definitiva para ser teu próprio editor.

Inclui conselhos dos grandes autores indies, como Blanca Miosi, Enrique Laso, Bruno Nievas, Blas Ruiz Grau, Gabri Ródenas, R. López-Herrero e outros que atualmente triunfam na Amazon.

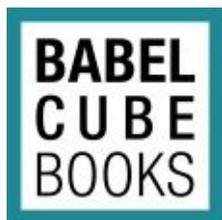
<<<<>>>>

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação e uma recomendação direta, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com